



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



A NEGAÇÃO PÓS-VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes

POR

RERISSON CAVALCANTE

Orientadora: Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Co-orientadora: Jacyra Andrade Mota

Salvador, janeiro de 2007



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71) 3263 - 6256 - Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



A NEGAÇÃO PÓS-VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:

Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes

POR

RERISSON CAVALCANTE

Orientadora: Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Co-orientadora: Jacyra Andrade Mota

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Salvador, janeiro de 2007

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

C376 Cavalcante, Rerisson.
A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes / por Rerisson Cavalcante. - 2007.
160 f. : il. + anexos.

Orientadora : Ilza Ribeiro.

Co-orientadora : Jacyra Andrade Mota.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007.

1. Língua portuguesa - Gramática gerativa. 2. Língua portuguesa - Negação. 3. Língua portuguesa - Português falado - Brasil. 4. Sociolingüística. I. Ribeiro, Ilza. II. Mota, Jacyra Andrade. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. IV. Título.

CDD - 415

CDU - 811.134.3'364

Aos meus pais

Agradecimentos

Talvez essa lista de agradecimentos soe um pouco seca, por ser direta demais. O fato é que sempre tive dificuldade de agradecer aos outros, embora sempre usasse “muito obrigado”. Como todo trabalho dito individual, este só foi possível graças a muitas pessoas a quem eu devo agradecimentos — pela colaboração, pelo apoio ou simplesmente pela proximidade. Todas elas são um pouco responsáveis por esta Dissertação. Os erros e falhas são, porém, de minha inteira irresponsabilidade.

Agradeço...

A Deus — ele sabe por quê.

À minha família — por tantas coisas que ela nem sabe por quê.

A Ilza Ribeiro, que orientou esta Dissertação e os meus passos na teoria chomskyana.

A Jacyra Mota, que foi a minha primeira mestra na pesquisa em lingüística e que co-orientou esta Dissertação.

Aos professores Ian Roberts, Mary Kato, Eduardo Raposo e Jairo Nunes, que ministraram cursos sobre gramática gerativa que muito contribuírem para a minha formação e, conseqüentemente, para a realização desta pesquisa.

À professora Sabrina Pereira de Abreu, pela atenção e solicitude.

A Ana Paula Rocha dos Santos, por toda a força que me deu na seleção para o mestrado e pelo apoio de perto durante um ano e meio.

Às amigas amadas Lucinda Hora, Michele Rosa, Silvane Pessoa, Vanessa Ponte, Vivian Antonino, pelo apoio, preocupação e carinho constantes e sinceros.

A Isabella Fortunato, pelo tempo — necessário — que roubou da Dissertação.

A Marta Simione, que me ajudou na tradução do resumo.

A Ari Sacramento, que uma vez também se interessou pela negação.

A Sandra Prudêncio, pela paciência e oportunidade.

A Dante Lucchesi, por muito sobre Sociolingüística.

A Daniele Behrmann, Rosineide Sales, Nilsan Brito, Carlos Felipe, Gabriela Tofanetto e, novamente, Vanessa Ponte, que revisaram partes desta Dissertação, movidos pela amizade e desejo de ajudar.

Aos colegas Paula Fraco, Rosemarie Athayde, Carlos Felipe, Verônica Souza, que compartilharam a caminhada pela teoria gerativa.

A toda a minha turma do mestrado, grandes amigos de quem me lembrarei sempre.

A todos os meus alunos — os que foram compreensivos e os que não foram.

A todos os que me ajudaram ao longo desses dois anos.

A todos os que me querem bem — mesmo quando eu não sei retribuir.

A tentação de formular teorias prematuras sobre dados insuficientes é o veneno de nossa profissão.

Sherlock Holmes, detetive

A coragem de esboçar teorias, mesmo que prematuras, sobre dados, ainda que insuficientes, é o desafio de nossa profissão.

Lingüista

RESUMO

Esta Dissertação investiga, a partir do quadro teórico da gramática gerativa, a estrutura de sentenças negativas do Português Brasileiro (PB), com foco sobre aquelas em que a partícula NÃO aparece em posição pós-verbal, co-ocorrendo com outra pré-verbal [**Não V não**] ou como o único marcador de negação da oração [**V não**]. A análise é baseada em um levantamento e descrição dos usos das negativas, realizado de acordo com a metodologia de quantificação de dados da Sociolinguística Variacionista, em um *corpus* de três comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia, e na comparação dos resultados com os de trabalhos sobre outras variedades do PB. São utilizados, também, dados de introspecção. A análise apresentada aponta para restrições sintáticas para a ocorrência de [V não] que não se aplicam a [Não V não], contestando, portanto, estudos já realizados, seja em uma perspectiva gerativista, variacionista ou funcionalista, por assumirem os seguintes pressupostos: (i) a posição da partícula negativa final é a mesma nos dois tipos de sentença; (ii) as sentenças se diferenciam tão somente pelo apagamento da partícula pré-verbal no segundo tipo de construção, mesmo que ambas tenham usos discursivos distintos. Diferentemente de [Não V não], a estrutura [V não] não ocorre em sentenças encaixadas, sejam elas substantivas, adverbiais ou relativas, bem como em construções que envolvem topicalização de objeto, o que sugere a existência de alguma diferença na posição do marcador final nos dois tipos de negativas, em função da ativação da categoria do sistema CP. Embora os trabalhos sobre o português, em geral, assumam que o marcador final está alojado sobre alguma categoria funcional do tipo PolP responsável pela checagem da polaridade (positiva ou negativa) da sentença, esta pesquisa defende que o marcador final ocupa uma posição mais alta na sentença, uma projeção funcional responsável pela codificação de relações discursivas, DenP. Discute também os contextos que desfavorecem [V não], apontando a impossibilidade de se manter a mesma estrutura para os dois tipos de negativas em sentenças subordinadas.

Palavras-chave: Negação Sentencial, Português Brasileiro, Gramática Gerativa, Sociolinguística, Periferia Esquerda de Sentença, Português Afro-Brasileiro.

ABSTRACT

This work investigates the negative sentence structure in the Brazilian Portuguese (BP), from a generative grammar perspective. It focuses on sentences in which the particle *Não* ('NO') appears twice in the same sentence, one before the verb and another after it [**Não V não**], or it appears as the only negative mark in the sentence, after the verb [**V não**]. The analysis is based on a survey and description of the use of the negative mark, which was done according to the data quantification methodology from the Variationist Sociolinguistics. This methodology was used in a *corpus* from three Afro-Brazilian communities from the interior of Bahia, and in the comparison of results with works about other BP varieties. Introspection data were also used. The analysis indicates that there are syntactic restrictions for the [V não] case which does not apply to the [Não V não] one. It contests studies which deal with such constructions either in the generative, variationist, or functionalist perspective, that undertake, even implicitly, the following assumptions: (i) the negative particle at the end is the same in both sentences; (ii) the sentences differentiate from each other only by the extinguishing of the particle which comes before the verb in the second construction, even if both sentences have distinct discursive usage. Unlike this last case, the structure [V não] does not occur in subordinate sentences no matter they are noun, adverbial or relative clauses, as well as in constructions which involve the object topicalization. This behavior of the negative particle suggests the existence of some differences in the final marker position in both kinds of negative, due to the activation of the category of the CP system. The research about Portuguese, in general, assumes that the final marker is lodged on some functional category of PolP type, responsible for the polarity checking (affirmative or negative) of a sentence. The work defends that the postverbal marker occupies a higher position in the sentence, a functional projection that is responsible for codifying discursive relations, DenP; and discusses this context which does not favor [V + no], indicating the impossibility to sustain the same structure for both types of negative in subordinate sentences.

Key-words: Sentential Negation; Brazilian Portuguese; Generative Grammar; Sociolinguistics; Left periphery of sentence, Afro Brazilian Portuguese

Lista de tabelas

Tabela 1: Distribuição das construções negativas no <i>corpus</i>	24
Tabela 2: Distribuição das negativas em Fortaleza, <i>corpus</i> de Roncarati (1996).....	24
Tabela 3: Distribuição das negativas em Helvécia, <i>corpus</i> de Sousa (2004).....	25
Tabela 4: Distribuição das sentenças negativas em natal, <i>corpus</i> de fala de Furtado da cunha (1996; 2001)	26
Tabela 5: Distribuição das negativas no dialeto mineiro, <i>corpus</i> de Camargos (2000) ...	27
Tabela 6: Distribuição das negativas em Mariana (mg), <i>corpus</i> de Alkmim (1999)	28
Tabela 7: Distribuição das negativas em Pombal (mg), <i>corpus</i> de Alkmim (1999)	29
Tabela 8: Distribuição das negativas pelo tipo de frase no <i>corpus</i>	32
Tabela 9: [(Não) V não] segundo tipo de frase em Helvécia, <i>corpus</i> de Sousa (2004)...	33
Tabela 10: Padrão de negação e tipo de cláusula em Fortaleza.....	36
Tabela 11: [(Não) V não] segundo a variável tipo de oração, em Helvécia	38
Tabela 12: Distribuição das variantes com relação ao tipo de oração.....	45
Tabela 13: Tipo de complemento pós-verbal e [(Não) V não] em Helvécia, <i>corpus</i> de Sousa (2004).....	51
Tabela 14: Realização do complemento verbal e tipos de negativa.....	56
Tabela 15: Realização do sujeito e tipos de negativa	58
Tabela 16: Realização fonética da partícula negativa em posição pré-verbal nas três comunidades	61
Tabela 17: Realização fonética do não pré-verbal e tipos de negativa.....	62
Tabela 18: Deslocamento da comunidade e tipo de negativa.....	65
Tabela 19: escolaridade do informante e tipo de negativa	67
Tabela 20: Sexo do informante e tipo de negativa.....	68
Tabela 21: [(Não) v não] e variável sexo em Helvécia	69
Tabela 22: Faixa etária dos informantes e tipo de negativa.....	70
Tabela 23: Cruzamento dos variáveis deslocamento e faixa etária	72

Lista de gráficos e quadros

Quadro 1: Perfil social dos inqueritos selecionados para a realização da pesquisa	21
Quadro 2: Resumo da atuação da variável <i>tipo de frase</i> sobre as negativas	35
Quadro 3: Favorecimento da negação por tipos de orações – resultados de roncarati (1996) e sousa (2004)	40
Quadro 4: Propriedades formais das sentenças encaixadas / subordinadas	42
Quadro 5: resumo da atuação da variável <i>tipo de oração</i>	48
Quadro 6: Resumo da atuação das variáveis <i>tipo de sujeito</i> e <i>tipo de complemento</i>	59
Quadro 7: Resumo do favorecimento das variáveis sociais sobre [Não V] e [Não V não]	74
Quadro 8: Diferenças formais entre [Não V], [Não V não] e [V não]	149
Gráfico 1: Variantes no tempo aparente.....	71

Lista de símbolos e abreviaturas

*	-	Sentença agramatical (*X) ou elemento recursivo (X*)
Δ	-	Elemento nulo não-referencial
?	-	Gramaticalidade duvidosa
Σ P	-	Sigma Phrase
A	-	(posição) argumental
\bar{A}	-	(posição) não-argumental
AgrP	-	Agreement Phrase = Sintagma de Concordância
AP	-	Adjective Phrase = Sintagma Adjetival (SA)
AUX	-	Auxiliar
CP	-	Complementizador Phrase = Sintagma complementizador
DP	-	Determiner Phrase = Sintagma Determinante - Det
FinP	-	Finiteness Phrase = Sintagma de Finitude
FocP	-	Focus Phrase = Sintagma de Foco
ForceP	-	Force Phrase = Sintagma da Força
HMC	-	Head Movement Constraint (Restrição de Movimento de Núcleo)
IP	-	Inflectional Phrase = Sintagma Flexional
LCA	-	Linear Correspondence Axiom (Axioma de Correspondência Linear)
NegP	-	Negation Phrase = Sintagma de Negação
NP	-	Noun Phrase = Sintagma Nominal (SN)
\emptyset	-	Elemento nulo
P&P	-	Modelo de Princípios e Parâmetros
PM	-	Programa Minimalista
PolP	-	Polarity Phrase = Sintagma de Polaridade
PP	-	Prepositional Phrase = Sintagma Preposicional (SP)
TopP	-	Topic Phrase = Sintagma de Tópico
TP	-	Tense Phrase = Sintagma Temporal
VP	-	Verbal Phrase = Sintagma Verbal (SV)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A NEGAÇÃO NAS LÍNGUAS HUMANAS E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	13
CAPÍTULO 1: NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO.....	18
1.1. OBJETIVOS DO CAPÍTULO.....	18
1.2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	20
1.2.1. <i>O método</i>	<i>20</i>
1.2.2. <i>Tratamento dos dados.....</i>	<i>22</i>
1.3. DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	23
1.3.1. <i>Tipo de frase.....</i>	<i>29</i>
1.3.2. <i>Tipo de oração</i>	<i>35</i>
1.3.3. <i>Realização dos argumentos verbais</i>	<i>49</i>
1.3.4. <i>Realização fonética da partícula pré-verbal</i>	<i>59</i>
1.4. ATUAÇÃO DE FATORES SOCIAIS NO USO DAS NEGATIVAS	63
1.4.1. <i>Deslocamento da comunidade</i>	<i>64</i>
1.4.2. <i>Escolaridade</i>	<i>66</i>
1.4.3. <i>Sexo.....</i>	<i>68</i>
1.4.4. <i>Faixa etária.....</i>	<i>70</i>
1.4.5. <i>Cruzamento de fatores: deslocamento versus faixa etária.....</i>	<i>72</i>
1.5. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	75
CAPÍTULO 2: A NEGAÇÃO NA TEORIA GERATIVA	77
2.1. OBJETIVOS DO CAPÍTULO.....	77
2.2. A TEORIA GERATIVA	77
2.3. ESTUDOS SOBRE A NEGAÇÃO NO ÂMBITO DA GRAMÁTICA GERATIVA	80
2.3.1. <i>Movimento do verbo e negação: Emonds (1978) e Pollock (1989).....</i>	<i>81</i>
2.3.2. <i>Parametrização dos núcleos funcionais e negação: Laka (1990).....</i>	<i>90</i>
2.3.3. <i>Força dos marcadores negativos: Zanuttini (1995)</i>	<i>96</i>

2.3.4. Força dos marcadores negativos do PB: E. Martins (1997).....	99
2.3.5. Movimento da sentença para PolP: Fonseca (2004).....	109
2.3.6. Teoria das cópias e negação: Camargos (2002)	111
2.4. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	115
 CAPÍTULO 3: ESTRUTURA DA SENTENÇA NEGATIVA NO PORTUGUÊS	
BRASILEIRO	116
3.1. OBJETIVOS DO CAPÍTULO.....	116
3.2. AS PARTÍCULAS NEGATIVAS DO PB	117
3.3. A NEGAÇÃO E A PERIFERIA ESQUERDA DA SENTENÇA	125
3.4. DERIVAÇÃO DAS SENTENÇAS NEGATIVAS	131
3.4.1. Derivação de [Não V]	131
3.4.2. Derivação de [Não V não]	136
3.4.3. Derivação de [V não]	138
3.4.4. Derivação de [Não V não] em sentenças encaixadas	144
3.5. CONCLUSÕES DO CAPÍTULO	148
CONCLUSÕES	150
REFERÊNCIAS	153
ANEXOS	159

INTRODUÇÃO

A NEGAÇÃO NAS LÍNGUAS HUMANAS E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Esta Dissertação trata da expressão da negação sentencial no Português Brasileiro contemporâneo. O objetivo é analisar a estrutura sintática das sentenças que apresentam um marcador negativo em posição pós-verbal, de modo a compreender a natureza dessa partícula e as características sintáticas dessas construções.

Embora seja um universal lingüístico, a negação se realiza de formas distintas nas línguas humanas. A maioria das línguas ocidentais, por exemplo, expressa a negação sentencial através de partículas de natureza adverbial que têm escopo sobre o verbo, mas mantêm certo grau de independência em relação a este, como em (1).

- (1) (a) Jan köpte **inte** boken (Sueco)¹
Jan comprar NEG livros
(b) Juan **no** compró los libros (Espanhol)

A negação ainda pode se realizar, em outras línguas, sob a forma de um elemento afixal, que se prende ao verbo como qualquer outro morfema flexional (cf. 2) ou como um tipo de verbo auxiliar (cf. 3), que passa a hospedar ele mesmo os morfemas flexionais da sentença (Cf. DAHL, 1979; KIM, 2000).

- (2) (a) João elmalar-i ser-**me**-di-Ø (Turco)²
João maçã-ACC gosta-NEG-PASS-3sg
(b) Otoko-wa bin-o kowas-**anai**-daroo (Japonês)
Homem-TOP garrafa-ACC quebrar-NEG-FUT
- (3) (a) Mina **e-n** puhu-isi (Finlandês)
Eu-NOM NEG-1sg falar-COND
(b) Bi dukuwun-m **e-ce**-w duku-ra (Evenki)
Eu carta-ACC NEG-PASS-1sg escrever-PART

¹ Exemplo de Vitral (1999).

² Exemplos em (2-3) de Kim (2000: 1), adaptados.

Esses três padrões, entretanto, não esgotam as possibilidades de variação interlingüística com respeito à expressão da negação sentencial. Nas línguas românicas e germânicas que seguem o primeiro padrão, é possível identificar ainda três sub-padrões negativos, considerando apenas a posição em que a partícula negativa figura em relação ao verbo:

(i) o italiano e o espanhol representam línguas em que o marcador negativo antecede o elemento verbal, em uma estrutura [NEG V], exemplificada em (4):

- (4) (a) Yo **no** trabajo
(b) Io **non** lavoro
Eu NEG trabalhar-1sg

(ii) o sueco e o inglês tipificam línguas em que a negação segue o verbo (flexionado), em uma estrutura do tipo [V NEG], como exemplos em (5):

- (5) (a) Jan köpte **inte** boken
Jan comprou NEG livros
(b) I do **not** work
Eu V-AUX NEG trabalhar

(iii) e o francês e o cairense representam línguas em que duas partículas negativas ocorrem simultaneamente na sentença, antecedendo e seguindo o verbo [NEG V NEG]:

- (6) (a) Je **ne** travaille **pas**
Eu NEG trabalhar NEG
(b) U **ni** va **nent**
Suj NEG ir NEG

O Português Europeu (doravante PE) se enquadra no primeiro grupo de línguas, expressando a negação sentencial através do advérbio **NÃO**, posicionado imediatamente à esquerda do verbo flexionado [Neg V], como em (7a). No Português Brasileiro (doravante PB), porém, além da estrutura com uma partícula negativa em posição pré-verbal, existem duas outras estratégias de negação, consideradas inovadoras em relação

ao PE: uma forma em que ocorrem simultaneamente dois marcadores, em posição pré e pós-verbal [Neg V neg], como em (7b), e outra em que o marcador negativo figura apenas em posição pós-verbal [V neg], como em (7c). Em outras palavras, os três subpadrões de negação apresentados em (4-6) e que caracterizam línguas diferentes são encontrados, simultaneamente, no PB.

- (7) (a) **Não** sei.
(b) **Não** sei **não**.
(c) Sei **não**.

Para o entendimento da co-existência de padrões alternativos de negação sentencial em uma mesma língua, é relevante o estudo de Jespersen (1917), que analisa processos de mudança lingüística caracterizados pela passagem de um padrão pré para um pós-verbal de negação, tendo como estágio intermediário uma fase de “dupla negação”³, ou seja, em que dois marcadores negativos co-ocorrem. O processo pode ser simplificado conforme o esquema em (8).

- (8) [Neg V] > [Neg V neg] > [V neg]

Segundo o autor, esse tipo de mudança seria motivada por aspectos psicológicos que considera universais, ligados à necessidade de ênfase e expressividade. Os estágios do processo, conhecido como *Ciclo de Jespersen*, podem ser assim descritos:

Em um momento inicial, a língua conta com padrão pré-verbal de negação, manifestado através de uma partícula não-acentuada e, geralmente, monossilábica, contígua ao verbo. O acento da sentença recai sobre um outro elemento oracional qualquer, que esteja em foco. O autor aponta que o caráter átono da partícula contrasta com a importância psicológica que a negação desempenha, despertando a necessidade de reforço da negação através do uso de advérbios ou intensificadores pós-verbais, formando a seguinte estrutura: [Neg + V + intens.].

³ O termo “*dupla negação*” é encontrado algumas vezes na literatura lingüística em referência à ocorrência de mais uma palavra com conteúdo negativo em uma mesma sentença, independente dos efeitos semânticos que isso produza. É mais adequado, porém, reservar o uso do termo no sentido da Lógica: quando a presença de duas negações implica uma leitura afirmativa (*leitura de dupla negação*, em que uma nega a outra), o que nem sempre ocorre nas línguas humanas quando há duas partículas negativas em jogo.

Os elementos usados com função enfática, inicialmente, não possuem traço negativo, mas, com o tempo, assumem esse valor, gerando um padrão [Neg + V + (neg)], em que o elemento pós-verbal é, inicialmente, opcional. Em um momento seguinte, o elemento negativo pós-verbal torna-se obrigatório, perdendo a função enfática e produzindo o padrão [Neg + V + neg]. O marcador pré-verbal perde a capacidade de negar sozinho a sentença, mas o faz em conjunto com o pós-verbal.

Na etapa final do processo, é o item pós-verbal que passa a desempenhar a verdadeira função de negação sentencial e o antigo marcador pré-verbal torna-se opcional e é recorrentemente omitido, podendo cair em desuso. O marcador pós-verbal é, assim, o verdadeiro elemento responsável pela expressão da negação sentencial em línguas que apresentam o padrão [Neg V neg]

O francês é uma língua que sofreu esse tipo de mudança. No período arcaico, a negação era expressa unicamente através da partícula **NE** anteposta ao verbo. No francês contemporâneo, é **PAS**, em posição pós-verbal, que nega a sentença, sendo o **NE** um elemento apenas opcional, omitido freqüentemente na linguagem coloquial e familiar.

O marcador negativo era, assim, um elemento pré-verbal, monossilábico e átono, como no primeiro estágio do Ciclo de Jespersen, e a negação podia ser reforçada por diversos elementos nominais, como **PAS**⁴ (passo), **MIE** (migalha) e **POINT** (ponto).

- (9) (a) Il **ne** va (**pas**)
Ele NEG ir-3sg NEG
- (b) Je **ne / n'** dis (**pas**)
Eu NEG dizer Neg

Esse processo de mudança mostra que, durante a passagem de um estágio para o outro, uma língua pode exibir, ao mesmo tempo, dois dos sub-padrões negativos apresentados em (4-6), uma vez que uma das partículas funciona como verdadeiro marcador negativo e a outra pode ser omitida (ou por ter deixado de ser obrigatória ou por ainda não ter se tornado). O francês moderno possui, assim, tanto a estrutura [Neg V neg] quanto [V neg].

⁴ O uso de PAS como reforço se dava inicialmente apenas com verbos de movimento, expandindo-se posteriormente para verbos sem esse traço semântico, ao mesmo tempo em que assumia o traço negativo.

O PB não se enquadra, contudo, nessa situação, pois apresenta, ao mesmo tempo, os três sub-padrões negativos como mostrado em (7). Isso significa que, no PB, tanto a partícula pré-verbal quanto a pós-verbal podem negar a sentença independentemente e que o surgimento do NÃO pós-verbal pode não estar relacionado a um enfraquecimento do pré-verbal, diferentemente do que prevê o Ciclo de Jespersen. Outras diferenças podem ser apontadas entre o marcador negativo pós-verbal do PB e o que se desenvolveu entre outras línguas, como será visto ao longo do trabalho.

A Dissertação está organizada da seguinte forma. No capítulo 1, realizo uma descrição dos usos das negativas sentenciais em uma variedade rural do PB, a partir de uma perspectiva variacionista, analisando a influência de fatores lingüísticos e sociais. O objetivo principal é a identificação de fatos sintáticos, como a existência de restrições lingüísticas à ocorrência de alguma das negativas, que possam fornecer pistas sobre a estrutura gramatical subjacente a elas.

No capítulo 2, explico os fundamentos da teoria da gramática gerativa, em que está baseada a Dissertação, e faço uma resenha dos principais trabalhos que tratam da negação pós-verbal em português e em outras línguas. No capítulo 3, por fim, elaboro uma proposta de análise da estrutura da sentença negativa no PB, com foco sobre as construções [Não V não] e [V não].

CAPÍTULO 1

NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

1.1. Objetivos do capítulo

Neste capítulo, apresento uma descrição dos usos das estratégias de negação sentencial no *corpus* trabalhado. Trata-se de uma análise quantitativa dos dados levantados, realizada de acordo com a metodologia de base estatística desenvolvida pela Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1983 [1972]). O objetivo é a identificação e investigação de aspectos lingüísticos e discursivos que influenciam ou condicionam a negação no dialeto examinado, bem como de restrições sintáticas à ocorrência das variantes.

Adoto a hipótese de que informações sobre a variação lingüística, mais especificamente sobre os condicionamentos lingüísticos da variação, podem fornecer pistas sobre propriedades formais das estruturas lingüísticas em jogo, em consonância com o conceito de *adequação descritiva* de Chomsky (1965).

Estudos de natureza descritiva, baseados em *corpora* extensos de língua falada, muito valorizados pelo Estruturalismo Americano da primeira metade do século XX, tiveram sua importância minimizada na lingüística teórica após as considerações de Chomsky (1957 em diante) sobre a natureza mental da gramática e sobre a necessidade de superação do nível apenas descritivo em direção a um tratamento explicativo dos dados lingüísticos. Enquanto os estruturalistas adotavam como conceito de língua *a totalidade dos enunciados produzidos pelos falantes de uma comunidade*, Chomsky argumenta em favor de um conceito psicológico de língua, atribuindo aos enunciados produzidos, aos "dados observáveis", o *status* de epifenômeno, ou seja, de conseqüência ou realização superficial de uma entidade previamente existente⁵, entendida como competência ou conhecimento lingüístico de um falante nativo. Conseqüentemente, aponta como mais relevante do que a maior ou menor freqüência ou mesmo a ausência de uma construção em um *corpus* a sua gramaticalidade, ou seja, a sua adequação aos padrões gramaticais da língua.

Entretanto, o uso de *corpus*, embora permaneça secundário, foi parcialmente reabilitado a partir de aspectos do desenvolvimento da teoria gerativa, mais especificamente do modelo de Princípios e Parâmetros, como a sua aplicação aos estudos

⁵ Uma apresentação mais ampla da abordagem gerativista usada nessa Dissertação será vista no capítulo seguinte.

de aquisição da linguagem, de comparação e de mudança lingüística, três áreas de pesquisa em que a interação entre teoria e dados não pode se limitar apenas às intuições do pesquisador.

A noção de variação paramétrica, por exemplo, levou a uma maior efervescência de trabalhos de comparação da sintaxe das línguas, alguns dos quais recorrem também à análise de *corpora* para tentar determinar com maior precisão a manifestação das propriedades de um dado parâmetro em uma língua particular. É o caso, por exemplo, dos estudos sobre a realização do sujeito no PB, relacionados ao *Parâmetro do Sujeito Nulo* e a uma possível mudança na marcação deste parâmetro (cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996; KAISER, 2006), que indagam, por exemplo, se o PB seria uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatoriamente lexicalizado.

Já a aplicação do modelo aos estudos diacrônicos, impulsionada pela noção de mudança paramétrica, tem como grande limitação a ausência de intuições de falantes nativos sobre os dados lingüísticos examinados e precisa, então, se basear no levantamento de dados de textos escritos para alcançar conclusões⁶. Com relação ao PB, além dos estudos sobre o sujeito nulo em uma perspectiva histórica (DUARTE, 1996), há também os casos de pesquisas sobre a implementação do objeto direto nulo (CYRINO, 1997), das relativas (KATO, 1996) e do movimento do verbo (TORRES MORAIS, 1996), entre outros tópicos.

Um outro fator importante para justificar a opção, não apenas pelo uso de *corpus*, mas por uma análise quantitativa, está ligado às características específicas da variedade lingüística estudada. Trata-se do dialeto de comunidades rurais formadas a partir de antigos quilombos ou comunidades de ex-escravos, fortemente influenciadas, em sua constituição, pelo contato lingüístico, que caracterizou a constituição do PB como um todo, e que, diferentemente de outras áreas, mantiveram um relativo grau de isolamento ao longo de sua história. Além de suprir a deficiência causada pela dificuldade de se recorrer a intuições desses falantes, o material recolhido e descrito neste capítulo também pode servir de consulta para trabalhos de natureza sociolingüística interessados em investigar aspectos sócio-históricos da negação e da formação do PB.

Este capítulo está dividido em três partes. Na seção 1.2, forneço mais informações sobre as comunidades e sobre o *corpus* utilizado para a pesquisa. Ao longo da seção 1.3, apresento os resultados de cada fator lingüístico e discursivo examinado, apontando as motivações e justificando os valores adotados para cada variável. Faço, também, uma comparação com os resultados alcançados por outros autores que trabalharam com o tema na perspectiva variacionista, de modo a confirmar ou refutar a validade dos

⁶ Para mais informações sobre a aplicação do modelo gerativo aos estudos diacrônicos, remeto o leitor a Krock (2001).

resultados para outras variedades do PB. Na seção 1.4., comento os resultados dos fatores sociais, de modo a determinar a difusão das construções pelas comunidades.

1.2. Aspectos metodológicos

1.2.1. O método

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é constituído por inquéritos lingüísticos realizados pelo Projeto Vertentes do Português Rural da Bahia⁷ em comunidades de origem africana do interior da Bahia, ou seja, comunidades em que a maioria da população tem ascendência negra. O projeto é coordenado pelo Professor Dr. Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e tem como objetivo analisar a influência do contato entre línguas e de processos de criouliização na formação do PB e das características lingüísticas que o diferenciam do PE. Sua motivação foi a descoberta, no início da década de 1960, durante a elaboração do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963), do que se chamou “*remanescentes de um falar crioulo brasileiro*” (FERREIRA, 1994) na comunidade de Helvécia, município de Nova Viçosa, extremo sul da Bahia. A localidade se origina de uma antiga plantação de café do início do século XIX que utilizava mão-de-obra escrava e tem a maioria da atual população constituída por descendentes de escravos.

Iniciado em 1993, o Projeto Vertentes conta com um acervo constituído por entrevistas realizadas em quatro comunidades rurais com perfil semelhante, a saber, a própria comunidade de Helvécia e as comunidades de Cinzento (município de Planalto), de Barra e Bananal (Município de Rio de Contas) e de Sapé (município de Planalto).

Esta pesquisa lida com dados das três últimas localidades citadas acima (doravante apenas Cinzento, Rio de Contas e Sapé), uma vez que uma pesquisa variacionista sobre a negação sentencial já foi realizada por Sousa (2004) com os dados de Helvécia.

O recorte do *corpus* é constituído por dezoito entrevistas, seis de cada comunidade, realizadas com informantes naturais da localidade, cujos pais também o são. De acordo com a metodologia do Projeto, os informantes estão divididos em sexo e em três faixas etárias, a saber: faixa 1, constituída por informantes com idade variando entre 20 e 40 anos; faixa 2, formada por informantes entre 41 e 60 anos; e a faixa 3,

⁷ Mais informações sobre o projeto podem ser obtidas no site www.vertentes.ufba.br

com informantes com mais de 60 anos. As fichas de cada informante são apresentadas nos anexos.

O quadro 1, abaixo, mostra a divisão dos informantes por comunidade, por sexo e por faixa etária.

Quadro 1: Perfil social dos inquéritos selecionados para a realização da pesquisa

Localidade	Sexo	Faixa etária			TOTAL POR LOCALIDADE
		20 a 40	41 a 60	+ de 60	
Cinzento	M	1	1	1	6
	F	1	1	1	
Rio de Contas	M	1	1	1	6
	F	1	1	1	
Sapé	M	1	1	1	6
	F	1	1	1	
TOTAL POR FAIXA ETÁRIA		6	6	6	18

Fonte: Projeto Vertentes do Português Rural da Região da Bahia (www.vertentes.ufba.br).

O Projeto mantém, também, um controle sobre a escolaridade e sobre as viagens realizadas pelos entrevistados, de modo a se ter, em cada comunidade, três informantes analfabetos e três semi-alfabetizados e, quanto ao deslocamento, três que tenham passado mais de seis meses fora da comunidade e três que nunca saíram dela ou que, se o fizeram, saíram por períodos inferiores a seis meses.

As entrevistas foram realizadas pelo coordenador da pesquisa, o professor Dante Lucchesi, ou por pesquisadores colaboradores⁸, e conduzidas informalmente e sem se fazer referência ao objetivo lingüístico da pesquisa, de forma a captar a fala mais espontânea possível dos informantes, de acordo com as recomendações metodológicas da Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1983 [1972]). Foram gravadas em fita magnética ou em *mini-disc*. As transcrições e as revisões foram feitas por bolsistas e pesquisadores do projeto, obedecendo a uma chave de transcrição padronizada.

⁸ Maria Cristina Figueiredo, Edivalda Alves Araújo, Jorge Augusto Alves da Silva.

1.2.2. Tratamento dos dados

Para a realização da pesquisa, realizei a audição de todos os inqueritos selecionados para confirmação dos dados, que constituem pouco mais de 14 horas de gravação. Fiz, em seguida, o levantamento de todas as sentenças negativas da fala dos informantes. As ocorrências foram codificadas e submetidas ao pacote de programas Varbrul, para tratamento estatístico e levantamento das porcentagens e dos pesos relativos, de acordo com uma chave de codificação definida previamente.

A montagem da chave de codificação e a definição das variáveis explanatórias se basearam principalmente nos trabalhos de Roncarati (1996) e de Sousa (2004). Os valores das variáveis foram, entretanto, aperfeiçoadas, tendo em vista os objetivos e as hipóteses levantadas. Cada variável será apresentada e discutida ao longo da próxima seção, conforme apontado em 1.1.

Na classificação dos dados, trabalhei apenas com a posição do marcador negativo **NÃO** em relação ao VP, de modo que a variável dependente conta com três valores:

- (1) Negação pré-verbal [**Não V**]
- (2) Negação pré e pós-verbal [**Não V não**]
- (3) Negação final [**V não**]

Os advérbios e quantificadores negativos do tipo NADA, NINGUÉM, NENHUM(A) e NUNCA não foram tratados como marcadores de negação, uma vez que possuem o traço negativo como secundário em relação a outras funções que desempenham, além de manifestarem outras propriedades sintáticas distintas do NÃO. Os três primeiros itens, por exemplo, possuem traços nominais, ocupam posições argumentais na sentença e recebem papel temático e Caso (cf. MIOTO, 1991: 43), estando também sujeitos aos princípios da Teoria da Vinculação. Já o NUNCA não é apenas um advérbio de negação, mas de tempo, indicando, juntamente com outros advérbios como *sempre*, *frequentemente* e *às vezes* a frequência de realização de um evento. NUNCA corresponde, assim, a uma frequência nula (cf. BONFIM, 1988).

Dessa forma, sentenças como (4) e (5), abaixo, foram consideradas como casos de [Não V] e [Não V não], respectivamente.

- (4) [Não V]
- (a) INF: (...) sei lá, **num** tava sentino quase **nada** também. [RC-04]⁹
 - (b) INF: poque **num** conhecia **ninguém**. [RC-24]
 - (c) INF: **num** teve confusão **nenhuma**. [RC-05]
- (5) [Não V não]
- (a) INF.: Ela levô um dia lá no hospital, mas **num** teve **nada não**. [RC-13]
 - (b) INF: (...) **num** vi **nada não**. [RC-24]

1.3. Descrição dos dados

Nesta seção, apresento os resultados da análise quantitativa dos fatores lingüísticos e discursivos investigados. Como se verá, os resultados aqui obtidos serão importantes para a análise a ser oferecida no capítulo 3, com relação às propriedades formais das sentenças negativas no PB.

O levantamento dos dados apontou uma gradação na frequência das variantes, que reflete seu *status* inovador ou conservador, o que, *a priori*, poderia ser interpretado como uma indicação de um processo de mudança semelhante ao descrito pelo *ciclo de Jespersen* (cf. *Introdução* desta Dissertação), com a substituição paulatina do padrão pré-verbal pelo pós-verbal.

Em um total de 2.026 sentenças, a negativa pré-verbal [Não V], que representa o padrão mais antigo da língua, ocorre com uma frequência de 66%. Já a estrutura com dois marcadores negativos, [Não V não], corresponde a 28% dos dados e a negativa pós-verbal [V não] a apenas 6%, conforme números da tabela 1.

⁹ A indicação entre colchetes se refere ao inquérito do qual o exemplo foi retirado: as letras indicam a comunidade e o algarismo o número do inquérito. **RC** indica Rio de Contas; **SP**, Sapé; **CZ**, Cinzento. Quando os exemplos tiverem sido retirados de outros autores, serão seguidos da referência pertinente. Na ausência de qualquer indicação do primeiro ou segundo tipo, trata-se de exemplos criados por mim para exemplificar a (a)gramaticalidade das construções.

Tabela 1: Distribuição das construções negativas no *corpus*

	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
Ocorrências	1343	568	115	2026
Frequência	66%	28%	6%	100%

A distribuição das construções está de acordo com os resultados encontrados em outros estudos sobre o tema, que também apontam para a maior frequência de [Não V], seguido por [Não V não] e [V não]. Apresento a seguir os resultados de outros autores realizados em diferentes variedades do PB.

Roncarati (1996) realiza uma descrição dos usos da negação sentencial no dialeto de Fortaleza através da análise quantitativa de um *corpus* de fala. Os dados estatísticos também são fornecidos pelo programa Varbrul e o quadro teórico com o qual trabalha é o funcionalista, a partir do qual indaga se o surgimento da construção “*sei não*” seria resultado de um processo de desgramaticalização (passagem de um elemento da sintaxe para o discurso) ou lexicalização (passagem da sintaxe para o léxico).

Sua análise quantitativa parte de um levantamento das sentenças negativas produzidas por doze informantes entre 10 e 42 anos, de ambos os sexos. A chave de codificação apresenta fatores lingüísticos e sociais. Estes últimos, contudo, não foram selecionados como relevantes para a realização das variantes. Entre os fatores lingüísticos analisados por Roncarati (1996) estão: o tipo de cláusula, a realização do sujeito e do constituinte pós-verbal, além da posição da oração negativa no turno da fala, do escopo da negação e da repetição do verbo por parte do informante.

Em seu trabalho, a autora levanta 813 sentenças negativas¹⁰. Nesse universo, [Não V] é a estrutura mais utilizada, com 77% de ocorrência, seguida por [Não V não] com 18% e [V não] com 5%. Os números são apresentados na tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Distribuição das negativas em Fortaleza, *corpus* de Roncarati (1996)

	[Não V]	[Não V não]	[V não]	Total
Ocorrências	625	149	39	813
Frequência	77%	18%	5%	100%

Fonte: Roncarati (1996: 103)

¹⁰ Em nota de rodapé da página 102, a autora indica 822 como o número de sentenças negativas extraídas do *corpus*. Os valores da tabela 1, única que engloba todas as variantes e todas as sentenças, leva ao número 813.

O trabalho de Sousa (2004) está diretamente relacionado à discussão sobre a origem das mudanças estruturais por que passou o PB. O autor assume a hipótese da influência do contato lingüístico na história da língua portuguesa no Brasil como desencadeador dessas mudanças. A partir dessa perspectiva, investiga a comunidade de Helvécia¹¹. Trata-se, portanto, de um dialeto com características bastante próximas das comunidades descritas nesse capítulo, diferentemente do trabalho de Roncarati (1996), que trata de um dialeto urbano.

Na análise quantitativa, o autor se baseia no trabalho de Roncarati (1996) para a delimitação das variáveis lingüísticas e define uma chave de codificação semelhante, embora adaptada e com acréscimo de fatores. Os fatores avaliados são, assim, o tipo de oração, o tipo de sujeito e de complemento e a característica léxico-semântica dos verbos, além de fatores sociais. São, porém, acrescentados os fatores tipo de frase e tipo de constituição do núcleo verbal.

Na classificação dos tipos de negação, porém, segue Schwegler (1991), segundo o qual a construção [V não] deve ser vista como equivalente a [Não V não], mas com o NÃO pré-verbal apagado foneticamente. Sousa (2004) analisa, então, apenas dois tipos de sentenças negativas, agrupando [Não V não] e [V não] sob o rótulo de *dupla negação*, a que me referirei ao longo do capítulo pela fórmula [(Não) V não], em que os parênteses indicam essa opcionalidade do marcador pré-verbal.

Sua análise quantitativa chega a percentuais quase idênticos aos do *corpus* desta Dissertação (cf. tabela 1). A negação pré-verbal ocorre em 67% dos dados contra 33% dos dois outros tipos de negativas, conforme tabela 3:

Tabela 3: Distribuição das negativas em Helvécia, *corpus* de Sousa (2004)

	[Não V]	[(Não) V não]	TOTAL
Ocorrências	943	465	1408
Frequência	67%	33%	100%

Fonte: Sousa (2004: 7)

¹¹ Uma vez que também foi desenvolvida a partir do *corpus* do Projeto Vertentes, a classificação dos informantes segue os mesmos critérios que os adotados nesta Dissertação e apresentados em 1.2.

Outro trabalho consultado foi o de Furtado da Cunha (1996; 2001), que, à semelhança de Roncarati (1996), investiga a variação da negação sentencial em outro dialeto urbano, o da cidade de Natal, trabalhando com *corpora* de fala e de escrita, a partir da produção de doze informantes divididos em sexo e em três níveis de escolaridade: nível fundamental, nível médio e superior. Trabalhando no quadro funcionalista e lidando com conceitos como iconicidade e marcação, a autora procura associar o surgimento de [Não V não] e de [V não] a um enfraquecimento da partícula pré-verbal, com reforço da negação.

A autora não investiga a atuação de outros fatores lingüísticos a não ser a alternância entre as formas NÃO ~ NUM na realização fonética do marcador pré-verbal¹², mas levanta os contextos discursivos em que [Não V não] e [V não] ocorrem. Segundo ela, a “*negação dupla*” é usada para recusar oferta ou sugestão ou para rejeitar uma asserção previamente mencionada ou pressuposta pelos interlocutores, idéia assumida explícita ou implicitamente por quase todos os autores. Desse modo, a partícula de negação pós-verbal introduziria informação preposicional nova, “*mas para negar informação já presente no discurso ou ao menos compartilhada por falante e ouvinte pelo conhecimento de mundo*” (1996: 173).

Seus dados de língua falada constituem um total de 1.465 ocorrências, das quais 1.298 correspondem a [Não V], ou seja, 88,6%. Já [Não V não] alcança 158 ou 10,8% dos dados e [V não] ocorre em apenas 9 casos, não chegando, portanto, a 1% de freqüência, conforme apresentado na tabela 4.

Tabela 4: Distribuição das sentenças negativas em Natal, corpus de fala de Furtado da Cunha (1996; 2001)

	[Não V]	[Não V não]	[V não]	Total
Ocorrências	1298	158	09	1465
Freqüência	88,6%	10,8%	0,6%	100%

Fonte: Furtado da Cunha (1996: 170)

Camargos (2000) trabalha com a variação das negativas sentenciais no dialeto mineiro. Na análise, classifica como casos de [Neg V neg] frases em que ocorre um outro item negativo em posição pré-verbal, ao invés do NÃO, como em (6). Estudos de outros

¹² Os resultados da autora com relação a esse fator serão apresentados na subseção 1.3.4.

autores ou não tratam desse tipo de sentença (SOUSA, 2004; RONCARATI, 1996) ou a classificam como um outro tipo de negativa (ALKMIM, 1999).

(6) ... **nunca** cheguei a gostar muito **não**. [NEG V NEG] (Camargos 2000: 5)

Para a análise estatística, Camargos considera os seguintes fatores lingüísticos: tipo de constituição do núcleo verbal (mais de um verbo X um único verbo); presença / ausência de quantificador / item negativo; posição do item negativo em relação ao verbo (esquerda X direita) e sujeito pré-verbal ausente ou presente, além da realização fonética da negação pré-verbal. O autor trabalha ainda com o fator social *faixa etária*, com o objetivo de identificar um possível processo de mudança com relação às negativas sentenciais no dialeto descrito.

A distribuição das três estruturas no seu *corpus* é a apresentada na tabela 5. Como se pode ver, dentre 980 dados, a estrutura [NEG V] corresponde a 687 ocorrências, ou seja, 70% do total, contra 265 ocorrências ou 27% de [Neg V neg]. Já [V neg] aparece com freqüência de 3%, equivalendo a 28 dados.

Tabela 5: Distribuição das negativas no dialeto mineiro, *corpus* de Camargos (2000)

	[NEG V]	[NEG V NEG]	[V NEG]	Total
Ocorrências	687	265	28	980
Freqüência	70%	27%	3%	100%

Fonte: Camargos (2000: 6)

Alkmim (1999; 2002a; 2002b) investiga a variação das negativas em duas localidades do interior de Minas Gerais, visando avaliar a influência de fatores sociais como etnia, faixa etária, origem e mobilidade geográfica sobre o uso das estruturas, bem como obter informações que contribuam para a testagem da hipótese sobre a influência do contato entre línguas no surgimento de [Não V não]. Para tanto, compara os dados levantados de informantes do município de Mariana e da comunidade de Pombal (subdistrito de Mariana), que apresentam características sociais e demográficas diferentes.

Segundo a autora, Pombal possui cerca de 200 habitantes, de descendência afro-brasileira, a maioria "analfabeta e de baixa renda". Tem, portanto, um perfil semelhante

ao das comunidades investigadas nesta Dissertação e na pesquisa de Sousa (2004), com relação ao grau de isolamento e à influência do contato lingüístico. Já Mariana recebeu, em sua formação, ainda no século XVII, um grande número de escravos africanos em um curto período de tempo, devido à descoberta de ouro na região, mas possui hoje uma população em torno de 38 mil e chegou a constituir sede do governo de Minas Gerais.

Tem-se, assim, em seu trabalho, dados de uma comunidade marcada pelo contato lingüístico e isolamento *versus* dados de outra localidade cuja maior complexidade da composição demográfica atenua esses efeitos.

Na análise dos dados, Alkmim (1999) trabalha com quatro tipos de negativas, embora se concentre nas três primeiras. Além dos padrões [Não V], [Não V não] e [V não], levanta tipos de negativas que agrupa sob o rótulo genérico de "outras"¹³. Na apresentação de seus resultados, entretanto, deixo de lado esses outros tipos e reproduzo apenas os números referentes a [Não V], [Não V não] e [V não]. Os números da amostra de Mariana são apresentados na tabela 6.

Tabela 6: Distribuição das negativas em Mariana (MG), corpus de Alkmim (1999)

	[NEG V]	[NEG V NEG]	[V NEG]	Total
Ocorrências	1791	491	40	2322
Freqüência	77,1%	21,2%	1,7%	100%

Dados adaptados a partir da tabela 1 de Alkmim (1999)

Em um total de 2.322 dados, a negativa pré-verbal corresponde, mais uma vez, à grande maioria dos dados, com uma freqüência de 77%, contra apenas 21% de [Não V não]. Já a negativa pós-verbal se apresenta pouco representativa no *corpus*, não alcançando 2% de freqüência.

Os números de Pombal, presentes na tabela 7, apresentam alguma diferença. Embora ainda seja majoritária, a negativa pré-verbal tem freqüência de apenas 64% contra elevados 31% de [Não V não]. Mesmo [V não] apresenta uma freqüência mais elevada nessa comunidade, com 4% de ocorrência.

¹³ A autora não explicita, mas deve se referir a sentenças negativas em que não há o uso do marcador NÃO, mas de outros itens adverbiais ou pronominais com valor negativo, como NADA, NINGUÉM.

Tabela 7: Distribuição das negativas em Pombal (MG), corpus de Alkmim (1999)

	[NEG V]	[NEG V NEG]	[V NEG]	Total
Ocorrências	412	201	28	692
Frequência	64,2%	31,3%	4,3%	100%

Dados adaptados a partir da tabela 2 de Alkmim (1999: 4)

É importante notar nos resultados de todos esses trabalhos que, embora a negativa pré-verbal aconteça majoritariamente em todas as variedades examinadas, apresenta frequências maiores em dialetos de comunidades com perfil demográfico mais complexo e sem um histórico de forte (e *prolongando*) contato lingüístico e sem isolamento, como as capitais Fortaleza e Natal e mesmo a cidade mineira de Mariana. A frequência de [Não V], por outro lado, cai nas localidades isoladas e em que o contato lingüístico foi predominante e prolongado, como Pombal, Helvécia e as três comunidades investigadas nessa Dissertação. No primeiro caso, os percentuais da negativa pré-verbal oscilam¹⁴ entre 77% e 88%, enquanto nas outras comunidades esses números ficam entre 64% e 66%.

A seguir, apresento os resultados quantitativos de cada um dos fatores investigados nos dados das comunidades analisadas nesta Dissertação.

1.3.1. Tipo de frase

Nesta primeira variável explanatória, analiso a distribuição das sentenças negativas pelo tipo de frase em que ocorrem, considerando três possibilidades gerais a serem especificadas adiante: *respostas*; *não-respostas* e *perguntas*¹⁵.

A variável conjuga, simultaneamente, aspectos lingüísticos e discursivos. Ou seja, os seus valores não se referem apenas a características da própria sentença, mas dizem respeito ao contexto discursivo (ou ao contexto lingüístico mais amplo) em que ela ocorre. Enquanto o valor *pergunta*, por exemplo, pode ser formalmente definido por critérios exclusivamente internos à própria frase, como presença de um elemento QU ou

¹⁴ Os dados de Camargos (2000) sobre Belo Horizonte indicam 70% de [Não V] e 27% de [Não V não]. Esses números, porém, sofrem a influência da decisão do autor de incluir outros tipos de negativas sob o rótulo de [NEG V não]. Retirados esses dados, a frequência de [Não V] deve ser superior.

¹⁵ Evidentemente, as perguntas também constituem casos de não-resposta, porém é preferível tratar esse tipo de frase em separado.

entonação ascendente, avaliar se a frase é ou não uma resposta pressupõe recorrer ao contexto em que ela é proferida, mais especificamente às frases anteriores produzidas pelo próprio falante ou seu interlocutor. Mesmo o valor *pergunta* é mais bem definido levando em consideração esses aspectos¹⁶.

Na delimitação desses fatores, foi importante a hipótese de que o contexto de respostas curtas e / ou de respostas diretas seria um favorecedor do uso da negativa pós-verbal [V não]. Tal idéia é apontada, mesmo impressionisticamente, por muitos pesquisadores (cf. RONCARATI, 1996; FURTADO DA CUNHA, 1996; 2001; SCHWEGLER, 1991). Com exceção de Sousa (2004), a maioria dos autores, porém, não insere a influência desses contextos como fator a ser explorado na análise quantitativa.

Em trabalho anterior (citado como ARAÚJO, 2003), realizado com um pequeno *corpus* de fala da cidade de Salvador, investiguei a influência dessa variável e confirmei quantitativamente que a realização das construções negativas se mostrou sensível ao tipo de frase em que aparecem. As estruturas [Não V não] e [V não] ocorreram com muito maior freqüência em frases que são respostas a uma pergunta direta, ou seja, resposta a uma pergunta do tipo sim/não, do que em outros contextos ou tipos de frase, como em declarativas ou em perguntas¹⁷. No *corpus* então estudado, 95% dos casos de [Não V não] e 100% dos de [V não] ocorrem em respostas diretas. Por outro lado, apenas 35% das sentenças com a estrutura [Não V] aparecem nesse contexto, o que mostra que a negativa pré-verbal é uma construção mais bem distribuída pelos diferentes contextos do que as outras.

É plenamente possível postular, como será feito no capítulo 3, que esse tipo de frase — respostas curtas diretas — apresente características lingüísticas (estruturais) específicas para além das que se manifestam superficialmente, como a ativação de uma categoria funcional relacionada à focalização ou topicalização de constituintes.

De acordo com os resultados desse trabalho e dos de Sousa (2004)¹⁸ — a serem comentados mais adiante — os valores definidos para essa variável nesta Dissertação foram:

¹⁶ Nesse sentido, o termo *tipo de frase* pode, inclusive, não parecer o mais apropriado para descrever esse grupo de fatores. O rótulo, entretanto, será mantido, por não implicar maiores problemas para a análise realizada.

¹⁷ O leitor deve estar atento para a distinção entre uma frase ocorrer como resposta a uma pergunta ou acontecer ela mesma como uma pergunta.

¹⁸ Sousa (2004) trabalha essa variável, na comunidade de Helvécia, deste mesmo modo.

- (7) (i) frase dada como **resposta a uma pergunta direta**, entendida como resposta a uma pergunta do tipo sim / não (*yes/no-question*)
- (ii) frase usada como **pergunta**, aí enquadrados casos de perguntas sim / não e perguntas-QU¹⁹;
- (iii) e frases que não funcionam nem como resposta direta nem como pergunta, denominadas genericamente como **não-resposta**.

Exemplos dos três tipos de frases são apresentados em (8-10):

(8) *Respostas a pergunta sim / não*

- (a) DOC.: E ela costuma ir?
INF.: Num gosta muito de ir im festa não... [SP-04]
- (b) DOC : E demora muito pa descê, não? Ô vai esperano secá, não?
INF : **Não**. Demora não... [SP-04]

(9) *Perguntas*

- (a) INF.: Eu vi, vai, vai, vai... E o rapaz tamém, é noivo não? [SP-09]
- (b) INF: Tem... Num viu onte ali na venda o tanto de mulhé que tinha, não? [SP-01]

(10) *Não-resposta*

- (a) INF: Aí ela pegô esse carajé, por causa de me dá todim p'eu comê, pegô e num dividiu. [SP-05]
- (b) DOC: Sim, pronto, conta, termina.
INF[08]: Aí nós... aí agora nós ficô na praça, assim camiano pra lá e prá cá, nós num parava não... [CZ-01]

¹⁹ Perguntas-QU são aquelas em que aparece um pronome interrogativo. O interrogativo funciona como uma variável a que a resposta deve fornecer uma especificação. Uma *pergunta do tipo sim / não* não apresenta pronome interrogativo e exige a confirmação ou refutação do conteúdo proposicional da sentença:

- (i) — **Quem** você viu com Maria na festa?
— (Eu vi) João.
[Quem = João]
- (ii) — Você viu João na festa com Maria?
— Sim / Não / Vi.

Na análise feita aqui, o tipo de frase se mostrou a variável mais importante na realização da negação sentencial, tendo sido selecionada pelo Varbrul como o principal fator para cada uma das três negativas. Na tabela 8, abaixo, apresento os números referentes às ocorrências, à frequência e aos pesos relativos calculados pelo Varbrul para cada tipo de negativa²⁰.

Tabela 8: Distribuição das negativas pelo tipo de frase no *corpus*

TIPO DE FRASE	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
Não-resposta	.55 73% 1236	.46 24% 412	.43 2% 39	1687
Pergunta	.46 50% 26	.59 40% 21	.62 10% 5	52
Resposta a <i>yes / no question</i>	.24 28% 81	.68 47% 135	.83 25% 71	287

Nível de significância: .000 para [Não V], .008 para [Não V não], 005 para [V não]

A leitura vertical da tabela mostra uma queda na frequência da negativa pré-verbal de 73% nos contextos de não-respostas para 50% nos de perguntas e uma queda ainda mais acentuada para apenas 28% nos de respostas diretas. Como visto na tabela 1, a ocorrência global de [Não V] é de 66% no *corpus*, o que indica que não-respostas favorecem esta construção e os outros dois contextos desfavorecem, principalmente o de respostas diretas.

Já a construção [Não V não] se comporta de modo oposto. A comparação mostra um aumento da frequência de 24% em não-respostas para 40% em perguntas e para 47% em respostas. Note-se que, entre não-respostas e respostas, os números quase duplicam. Como a construção aparece no *corpus* em um total de 28% das frases (vide tabela 1), a oscilação indica que o contexto de não-resposta desfavorece e os de pergunta e, principalmente, de respostas diretas a favorecem.

²⁰ Importante notar que os índices de significância para os resultados se apresentaram muito bons, chegando a .000 para [Não V] ou se aproximando bastante desse valor: .008 para [Não V não] e .005 para [V não]. Como se sabe, a significância é medida pelo desvio em relação ao valor .000. Na literatura variacionista, são considerados aceitáveis os resultados que não ultrapassam .050.

A negativa final [V não] apresenta uma oscilação semelhante a [Não V não]. Há um aumento de 2% em não-respostas para 10% em perguntas e para 25% em respostas diretas. Como também pode ser visto na tabela 1, a distribuição geral dessa construção é de 6% no *corpus*, o que aponta para um desfavorecimento por parte do fator não-resposta e um favorecimento pelos fatores pergunta e, principalmente, respostas.

Os números dos pesos relativos confirmam as oscilações percentuais, apontando para a mesma distribuição oposta das três variantes: a negativa pré-verbal [Não V] é levemente favorecida pelos contextos de não-resposta e fortemente desfavorecida por respostas, como indicam os pesos de .55 e .24, respectivamente. [Não V] também sofre um leve desfavorecimento em perguntas, conforme peso de .46.

Já as variantes [Não V não] e [V não] são favorecidas pelo contexto de respostas diretas, com peso de .68 e .83, respectivamente. O contexto de pergunta também favorece as variantes, como mostram os pesos de .59 e .62. Note-se que tal favorecimento é, para ambos os fatores, mais forte para a variante [V não].

Resultados semelhantes foram obtidos em Helvécia por Sousa (2004). Como mostram os números da tabela 9, em seu *corpus*, as estruturas classificadas sob o rótulo de [(Não) V não]²¹ são igualmente favorecidas pelos contextos de resposta e desfavorecidas pelos de não-resposta, com os pesos relativos de .69 e .36. O contexto de perguntas também aparece como exercendo um leve favorecimento das variantes inovadoras, com peso de .52.

Tabela 9: [(Não) V não] segundo tipo de frase em Helvécia, *corpus* de Sousa (2004)

Tipo de frase	Nº de ocorrências / TOTAL	Freqüência	Peso relativo
Resposta a <i>yes / no questions</i>	294/570	52%	.69
Pergunta	25/60	42%	.52
Não-resposta	146/778	19%	.36
TOTAL	465/1408	33%	.29

Fonte: Sousa (2004: 7)

²¹ Como apontado no início da seção 1.3., Sousa agrupa sob um mesmo rótulo as construções [Não V não] e [V não]. Ambas são consideradas casos de "dupla negação", a que me referirei como [(Não) V não].

Os resultados alcançados pelos dois trabalhos apontam para a principal diferença entre as três negativas. Enquanto [Não V] é uma estrutura não-marcada, usada em contextos de negação de uma sentença declarativa, [Não V não] e, principalmente, [V não], estão ligadas a contextos de respostas diretas, em que se expressa não apenas a negação da própria sentença, mas de pressupostos ativados, por um interlocutor, numa situação de diálogo (cf. RONCARATI, 1996; GIVÓN, 1984).

A distribuição das variantes pelos contextos lingüístico-discursivos examinados permite supor que o marcador final tem um valor mais próximo ao que tem sido definido na literatura como elemento modalizador ou atitudinal, ou seja, um elemento que expressa uma posição do falante com relação à proposição, não necessariamente o papel de marcador da polaridade negativa da sentença. A questão será retomada no capítulo 3.

Um outro dado importante é que, apesar de o contexto de perguntas aparecer como favorecedor das negativas com NÃO final, estas mesmas negativas não ocorrem no *corpus* em perguntas do tipo QU, mas tão somente em perguntas sim/não, conforme exemplos em (11).

- (11) (a) INF Tu já foi **não**?
DOC: Eu não! [CZ-09]
- (b) INF: Ah, se ocê... Tu faz jarro dento de casa **não**? [CZ-09]
- (c) DOC: Ah! O povo de Lula que se exhibe?
INF: É. Os eleitô dele que se exhibe. Parece que vai até dá um bom... presidente, né? Tá dano aí comida aí aos... *Tu viu na televisão não*? [SP-01]

A ausência das negativas [Não V não] e [V não] em perguntas-QU no *corpus* pode indicar que essas construções são agramaticais nesse contexto. Em meu próprio dialeto, elas têm, no mínimo, uma gramaticalidade duvidosa, conforme exemplos em (13-14), em comparação com (12).

- (12) (a) O que (foi que) ele **não** fez?
(b) Por que ele **não** saiu de casa?
(c) Que horas você **não** está ocupado?
- (13) (a) ?*O que (foi que) ele **não** fez **não**?
(b) ?*Por que ele **não** saiu de casa **não**?
(c) ?*Que horas você **não** está ocupado **não**?

- (14) (a) ?*O que (foi que) ele fez **não**?
 (b) ?*Por que ele saiu de casa **não**?
 (c) ?*Que horas você está ocupado **não**?

Finalizo essa subseção, resumindo os resultados alcançados pela análise quantitativa da variável tipo de frase. As negativas [Não V não] e [V não] têm um comportamento relativamente homogêneo, em oposição a [Não V], sendo favorecidas por *respostas diretas* e por *perguntas*, desfavorecidas por contextos de não-resposta e se mostrando agramaticais em perguntas do tipo QU, conforme esquematizado no quadro 2 abaixo.

Quadro 2: Resumo da atuação da variável *tipo de frase* sobre as negativas

Tipo de negativa	Favorecida por	Desfavorecida por	Agramatical em
[Não V]	Não-resposta	Perguntas e respostas diretas	----
[Não V não]	Perguntas e respostas diretas	Não-resposta	Perguntas-QU
[V não]			

1.3.2. Tipo de oração

Esta variável leva em conta o tipo ou a função da oração em que a negação aparece, sendo, portanto, um aspecto eminentemente sintático, no que difere do anterior. Os resultados do Varbrul apontam esse grupo de fatores como o segundo mais importante no condicionamento da negação, pois foi o segundo fator selecionado para [Não V não] e [V não] e o terceiro para [Não V].

Importante para a delimitação dos valores investigados nesta variável e das questões teóricas que, a partir dos resultados, levanto adiante, é a revisão e discussão dos dados apresentados nas análises descritivas realizadas por Roncarati (1996) e por Sousa (2004) com relação a esse mesmo aspecto. Discuto seus resultados nas duas subseções seguintes.

1.3.2.1. Tipo de oração em Roncarati (1996)

Roncaratti (1996) utiliza o termo *tipo de cláusula* e, na análise, classifica as orações em quatro tipos: *absolutas*, *principais*, *independentes* e *subordinadas*. Reproduzo abaixo a tabela referente a esse grupo de fatores, em que também estão presentes exemplos de cada um dos tipos.

Tabela 10: Padrão de negação e tipo de cláusula em Fortaleza

	[Não V]	[Não V não]	[V não]
Absoluta [Lembro não]	71/625 = 11,36%	51/149 = 34,22%	34/39 = 87,17%
Principal [Num sei como é que pode]	55/625 = 08,80%	6/149 = 4,02%	1/39 = 2,56% ²²
Subordinada [Acho que ele num vai ter condições]	207/625 = 33,12%	17/149 = 11,40%	0/39 = 0%
Independente [Foi mas não atingiu fundo não]	192/625 = 46,72%	75/149 = 50,33%	6/39 = 15,83% ²³

Fonte: Roncarati (1996:103; adaptado)

Seus números percentuais²⁴ mostram que [Não V não] e [V não] têm um comportamento semelhante em função do tipo oração: são favorecidas por orações *absolutas* e *independentes* e são desfavorecidas tanto nas *principais* quanto nas *subordinadas*.

²² A tabela 1, apresentada pela autora na página 102, indica que não há nenhuma ocorrência de [V não] com sentenças principais, mas no texto pode-se ler ao final da página 105: "o exemplo 8 (cf. pág. 102) contém a única ocorrência de NEG3 em cláusula principal".

²³ Os números dados por Roncarati para a coluna [V não] da tabela são:

- absoluta: 34/39, 87,17%;
- principal: 0/39, 0%
- subordinada: 0/39, 0%
- independente: 6/39, 15,83%

Há, provavelmente, algum equívoco aí, pois o total da soma das ocorrências é 40 e não 39, o que já implica erro no valor das porcentagens, que totalizam 103% (87% + 15%). Com a inclusão de uma ocorrência de sentença principal, o número total seria de 41 dados. Para um total de 41 dados, os valores seriam:

- absoluta: 34/41, 82,92%;
- principal: 1/41, 2,43%
- subordinada: 0/41, 0%
- independente: 6/41, 14,63%

Mas não há certeza se o exemplo de sentença principal deve ser somado como um dado a mais ou subtraído de outra das categorias. Ao longo do texto, me utilizo dos valores dados originalmente pela autora, uma vez que a diferença entre eles é mínima e não afeta a argumentação.

²⁴ Como se pode ver, não há pesos relativos para essa variável.

Como se pode ver na tabela 10, quase todas as ocorrências da negativa final [V não] se dão nesses dois primeiros tipos de sentenças: 87% em *absolutas* e 15% em *independentes*. Já com relação à negativa com dois marcadores [Não V não], *absolutas* e *independentes* representam cerca de 85% dos dados: 34% e 50% respectivamente.

Analisando os números apresentados pela autora, é curioso notar que as orações *principais* não se comportam como as *absolutas* e *independentes*, como se devia esperar, uma vez que se trata de três tipos de sentenças matrizes, em oposição às subordinadas. Ao invés disso, como visto acima, orações *principais* apresentam resultado similar ao das *subordinadas*, o que contraria as expectativas.

Essa semelhança de comportamento de *principais* e *subordinadas* em função da negação pode estar relacionada à propriedade de estabelecerem alguma relação sintática com outras orações. Em outras palavras, as orações que não mantêm relação de dependência ou subordinação sintática com outras (que são as *absolutas* e as *coordenadas*) favorecem as construções tidas como inovadoras, [Não V não] e [V não]. Já as que estabelecem um desses dois tipos de relação (que são as *principais* e as *subordinadas*) desfavorecem.

Voltando aos dados apresentados pela autora, é importante salientar que esta enfatiza a existência de um único caso de [V não] em oração principal. Já sobre as subordinadas, porém, limita-se a apontá-las como um contexto desfavorecedor, não comentando sobre a sua frequência nula nesse tipo de oração, como pode ser notado na tabela 10. A diferença de distribuição de [V não] e [Não V não] em sentenças subordinadas desempenha uma função importante na análise quantitativa que faço sobre esse fator ainda neste capítulo e na proposta que realizo no capítulo 3.

1.3.2.2. Tipo de oração em Sousa (2004)

Como dito anteriormente (cf. início da seção 1.3.), em sua análise, Sousa (2004) se baseia no trabalho de Roncarati (1996), mas modifica alguns critérios de codificação. Com relação ao grupo de fatores tipo de oração, classifica as sentenças em: *absolutas*, *principais*, *coordenadas*²⁵ e *subordinadas*, distinguindo, porém, estas últimas em *relativas*, *adverbiais* e *substantivas*, o que representa um refinamento da análise. O autor trabalha, então, com seis tipos de orações.

²⁵ “*Independentes*” na terminologia de Roncarati (1996).

- (15) (a) Lembro não. (Absoluta)
 (b) *Num sei* como é que pode (Principal)
 (c) *Foi mas não atingiu fundo não* (Coordenada)
 (d) *Acho que ele não vai ter condições* (Substantiva)
 (e) *Se ela não for*, num vô também (Adverbial)
 (f) A menina que *não veio ontem* chegô hoje aqui (Relativa)
 (Sousa, 2004: 4)

Considero a subclassificação das subordinadas um aspecto importante do seu trabalho, uma vez que elas apresentam entre si diferenças sintáticas relevantes: enquanto as substantivas correspondem a argumentos pedidos pelo verbo, exercendo, assim, as funções de sujeito e complemento, as relativas e as adverbiais são adjuntos, que, inclusive, modificam categorias gramaticais diferentes, nomes e verbos.

Reproduzo, abaixo, a tabela de Sousa (2004) referente ao tipo de oração:

Tabela 11: [(Não) V não] segundo a variável tipo de oração, em Helvécia

Tipo de Oração	Nº de ocorrências/ TOTAL	Frequência	Peso relativo
Absoluta	386/911	43%	.58
Sub. Substantiva	16/69	23%	.58
Principal	14/87	16%	.39
Coordenada	38/259	15%	.33
Relativa	4/31	13%	.32
Adverbial	4/51	8%	.18
TOTAL	465/1408	33%	.29

Fonte: Sousa (2004: 7)

Os números fornecidos pelo Varbrul indicam que [(Não) V não] é favorecida por orações *absolutas* e por subordinadas *substantivas*, que apresentem os mesmos pesos relativos: .58. Por outro lado, é desfavorecida por todos os outros tipos de oração,

principalmente por *adverbiais*, que apresentam peso relativo de .18. *Relativas, coordenadas* e *principais* têm pesos de .32, .33 e .39, respectivamente.

Os resultados diferem, assim, parcialmente dos alcançados no trabalho de Roncarati (1996), em que as duas variantes inovadoras [Não V não] e [V não] foram favorecidas tanto por *absolutas* quanto por *coordenadas*, e desfavorecidas por *subordinadas* de um modo geral. A diferença possivelmente se deve ao fato de as *subordinadas* terem sido agrupadas sob o mesmo rótulo por Roncarati (1996), mas classificadas separadamente por Sousa (2004). A codificação e quantificação em separado feita por Sousa (2004) pode ter revelado um comportamento das subordinadas *substantivas* que pode ter sido perdido pelo não-distinção feita no trabalho de Roncarati (1996).

Do ponto de vista da relevância sintática, os resultados de Roncarati (1996) já levavam à pergunta sobre o que fazia as orações *principais* se distinguirem das outras sentenças matrizes (*absolutas* e *coordenadas*) e se aproximarem das *subordinadas*. Já os de Sousa (2004) colocam uma outra questão intrigante e cuja resposta não é tão transparente:

- (16) Por que orações *subordinadas substantivas*, que funcionam como argumentos selecionados por um verbo, se comportam, com relação à negação, do mesmo modo que as *absolutas*, que não apresentam nem relação de subordinação nem de coordenação com outras orações?

Ainda se pode perguntar:

- (17) Por que as outras matrizes (as *coordenadas* e as *principais*) têm números semelhantes entre si, em oposição às *absolutas* e às *subordinadas*, já que no trabalho de Roncarati (1996) se aproximavam *coordenadas* e *absolutas* de um lado, e *principais* e *subordinadas* de outro?

Apesar de o estudo de Sousa (2004) fornecer uma hipótese interessante sobre o comportamento diferenciado das subordinadas, seus resultados devem ser vistos com ressalva, uma vez que são tratados juntos (codificados e quantificados) os casos de [Não V não] e de [V não].

Como se verá na próxima subseção, as duas construções, embora em geral reajam de modo semelhante aos principais fatores, não têm perfis idênticos, mas se distinguem entre si sob vários aspectos sintáticos. As questões levantadas em (16) e (17) podem ser atribuídas, então, a diferenças metodológicas.

No quadro 3, abaixo, apresento um esquema que resume os resultados de ambos autores com relação ao tipo de oração.

Quadro 3: Favorecimento da negação por tipos de orações – resultados de Roncarati (1996) e Sousa (2004)

Autores	Favorecem [Não V não]	Desfavorecem [Não V não]
Roncarati (1996)	absolutas e coordenadas	principais e subordinadas
Sousa (2004)	absolutas e subordinadas substantivas	principais, coordenadas e demais subordinadas

1.3.2.3. Análise do fator tipo de oração na variedade estudada

Na definição dos valores da variável tipo de oração, considero relevantes as preocupações que marcam a fundação do modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria Gerativa, expressas na citação abaixo:

A busca da adequação descritiva parece conduzir à crescente complexidade e variedade dos sistemas de regras, enquanto a busca da adequação explicativa requer que a estrutura das línguas seja invariante, exceto nas partes marginais. Foi esta tensão que em grande parte deu a guia para a pesquisa. A maneira natural de resolver a tensão é desafiar a idéia que a tradição assumia e que foi tomada pela gramática gerativa na sua fase inicial, de que uma língua é um sistema complexo de regras, e cada regra é específica de línguas particulares e construções gramaticais particulares: regras para formar orações relativas em hindi, sintagmas verbais em banto, passivas em japonês, e assim por diante.

(...) não há regras para formar orações relativas em hindi, sintagmas verbais em bantu, passivas em japonês, e assim por diante. As construções gramaticais familiares são consideradas artefatos taxonômicos. (...) E as regras são decompostas em princípios gerais da faculdade da linguagem, que interagem para produzir as propriedades das expressões.

(CHOMSKY, 1998: 24-25)

Como se pode deduzir a partir da citação de Chomsky (1998), os tipos de oração aceitos pela tradição gramatical não são considerados entidades teóricas legítimas para a teoria lingüística, no sentido de não terem existência prévia, independente, para a mesma, que as considera resultantes da atuação de mecanismos lingüísticos outros, de nível mais abstrato. Essa posição se baseia na busca pela adequação explicativa e na universalidade na descrição das línguas, além da hipótese gerativa sobre a aquisição da linguagem²⁶.

Essa visão sobre a natureza das estruturas lingüísticas tem conseqüências para a análise que não podem ser deixadas de lado. O exame desse grupo de fatores no tipo de tratamento quantitativo que se pretende aqui presume, então, não a adoção automática da classificação existente, mas a identificação ou postulação de propriedades formais que definam e / ou diferenciem os tipos de oração.

Um primeiro critério de distinção das orações pode ser encontrado no fato de ocorrerem em contextos selecionados ou não-selecionados. Esse aspecto aponta para uma classificação inicial das orações em dois grandes grupos: matrizes e encaixadas (ou subordinadas)²⁷. A diferença entre ambas está baseada no fato de que as encaixadas são selecionadas por elementos constituintes de uma outra sentença, ou seja, funcionam como argumentos de outras orações, no caso, de verbos (ou de complementizadores). As sentenças matrizes, por outro lado, não são selecionadas por outras sentenças ou por outros elementos. Em termos semelhantes, não são argumentos verbais.

Essa diferença se manifesta também na propriedade de os verbos das encaixadas manifestarem, em alguns casos, marcas específicas de tempo e modo, em oposição aos verbos das matrizes. Ou seja, enquanto verbos matrizes apresentam desinências do modo indicativo, encaixadas podem (em português e outras línguas românicas, por exemplo) apresentar desinências indicativas ou subjuntivas.

- (18) (a) Ele **sabe** o que está fazendo.
(b) Quero que ele **saiba** o que está fazendo.

²⁶ A tarefa da criança, na fase de aquisição, não é aprender regras específicas para construção de sentenças adverbiais, principais, coordenadas ou relativas em sua língua. Segundo a teoria gerativa, essas regras sequer existem. As estruturais e propriedades das construções sintáticas específicas se devem à interação particular de princípios universais da faculdade da linguagem, em uma língua específica.

²⁷ Como será visto adiante, essa diferença não abarca todos os tipos de encaixadas.

O termo sentenças encaixadas aponta diretamente para as chamadas tradicionalmente de subordinadas, porém a sua definição como sentenças que ocupam posições argumentais na matriz não abarca todos os tipos de orações subordinadas, mas diz respeito mais diretamente às classificadas tradicionalmente como subordinadas substantivas, ou seja, as orações que correspondem a posições de complemento verbal ou de sujeito oracional. Além destas, pode-se identificar como subordinadas / encaixadas — de tipo distinto — as que ocupam posições não-argumentais (posição- \bar{A}) e que funcionam como adjuntos ou da sentença ou de alguma categoria sintática (não sendo selecionadas por nenhum constituinte). Na classificação tradicional, isso corresponde à distinção entre as subordinadas substantivas e as subordinadas adverbiais e relativas. A diferença entre essas últimas estaria na categoria que modificam: o VP ou a própria sentença, no caso das adverbiais, e NPs ou DPs, no caso das relativas. Temos, então, três tipos de orações encaixadas ou subordinadas, a partir dos critérios (i) natureza da posição que ocupam e (ii) tipo da categoria a que estão relacionadas, como se pode visualizar no quadro 4:

Quadro 4: Propriedades formais das sentenças encaixadas / subordinadas

Tipo de encaixada	Posição A ou \bar{A}	Categoria que modificam	Equivale a uma categoria de traços
Substantivas	A	V ^o ou V'	+N -V
Adverbiais	\bar{A}	VP ou TP	-N -V
Relativas	\bar{A}	DP ou NP	+N +V

Quanto às sentenças matrizes, é possível distinguir seus subtipos a partir da complexidade estrutural que apresentam e do tipo de relação que estabelecem com outras orações. As sentenças matrizes podem não estabelecer nenhum tipo de relação com outras orações, sendo livres, ou manter relação de coordenação ou de subordinação com elas. No primeiro tipo, temos as chamadas *absolutas*, no segundo tipo as *coordenadas* e no terceiro as *principais*, que são as que subordinam outras orações.

O grupo das *coordenadas* não é, porém, unitário. É possível distinguir subtipos de *coordenadas* por vários critérios. O mais usado em pesquisas variacionistas é a posição linear que ocupam. Entretanto, em uma perspectiva voltada mais para os aspectos sintáticos, parece-me mais coerente classificá-las em função da estrutura que

apresentam. Divido-as, então, em dois tipos: *coordenadas introduzidas por conjunções* e *coordenadas não-introduzidas por conjunções*²⁸.

Isso leva a sete tipos de orações, exemplificados abaixo:

(19) **Tipos de oração**

Absoluta

- (a) INF: Eu **num** sei. [SP-01]
- (b) INF: **Num** saiu nenhum ainda **não**. [SP-01]
- (c) INF: Hum... Era muntcho boa **não**. [SP-01]

Principal

- (d) INF: Aí ficô lá, **num sei** se internô... [RC-04]
- (e) INF: Ieu num sei... do... **ieu num sei** do quê qu'ele tá trabaiano lá **não**... [RC-04]
- (f) que é umas rosas feita assim... num sei se é de papel, **sei** que que é **não**...

*Coordenada "livre"*²⁹

- (g) INF: ... **a gente num vamo de carro**, a gente vamo... vamo montado... [RC-05]
- (h) INF: ... e dexo aí mesmo... **num levo pra lá não**. [CZ-05]
- (i) INF: **Güenta não!** A terra aqui é muito ININT [RC-08]

Coordenada introduzida por conjunção

- (j) INF: Nem que ele ganha, **mas não voto**. [SP-01]
- (k) INF:... num quero ir. **Mas eu num qué, não**. [RC-05]
- (l) INF: Ele nunca que chega, assim, de uma vez, **e estraga não** [CZ-04]

Substantiva

- (m) INF: A gente ficô assim... pensano **que num ia voltá estudá**, né? [CZ-01]
- (n) INF: É, eu acredito **que a metade num volta não**... [CZ-01]

Adverbial

- (o) INF: Quando eu **num** tava aqui, minha irmã cozinhava... [CZ-08]
- (p) INF: Ensina. Se a pessoa **num** entendê uma coisa... [SP-01]

²⁸ Atente-se que os gramáticos normativos nomeiam as coordenadas iniciadas por conjunção *sindéticas* e as não iniciadas *assindéticas*.

²⁹ Ao longo do texto, por questões de comodidade e de facilidade mnemônica, a *coordenada não introduzida por conjunção* será chamada de *coordenada livre*.

Relativa

- (q) INF: Chega lá compra o ingresso que num tem e só que já era mais, né? [CZ-08]
- (r) INF: ... tem um período de tempo qu' eu num viajei não. [CZ-03]

Durante a classificação e codificação das sentenças, contudo, encontrei-me muitas vezes diante de problemas de ambigüidade ao tratar das que expressavam causa ou explicação para um evento descrito na outra sentença. Na tradição gramatical, essas correspondem a dois tipos distintos de orações: coordenadas explicativas e subordinadas causais. Os critérios de distinção entre elas em português não são muito nítidos, principalmente na linguagem falada, em que a conjunção "porque" pode ser substituída por "que". A substituição é bastante produtiva nos dados desse trabalho. Erros de codificação dessas orações poderiam levar a distorções nos resultados, uma vez que adverbiais poderiam ser, erroneamente, consideradas coordenadas introduzidas por conjunções e *vice-versa*.

A solução adotada foi classificar todas as causais ou explicativas como um outro tipo de sentenças, evitando, assim, enviesamento dos dados. Com isso, a análise apresenta um oitavo tipo de oração: as causais / explicativas.

- (19) (s) INF: ... poque tamém o terreno num dá pra fazê direto, né? [RC-26]
- (t) INF: Vai vê que já [criaro] estrada pra lá, poque num tinha estrada de carro po Paramirim não. [RC-26]
- (u) INF: Aí ela chegava na sala com a cara feia, que num gostava. [SP-01]

Apresento, então, na tabela 12, os números referentes às ocorrências, às freqüências e aos pesos relativos das negativas em função do tipo de oração em que aparecem.

Tabela 12: Distribuição das variantes com relação ao tipo de oração

TIPO DE ORAÇÃO	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
Absoluta	.27 26% 31	.52 37% 44	.89 36% 43	118
Principal	.48 69% 220	.53 30% 96	.22 1% 3	319
Coordenada "livre"	.48 60% 552	.53 32% 295	.64 7% 66	913
Coord. introduzida por conjunção	.45 66% 165	.58 33% 82	.20 1% 2	249
Substantivas	.60 77% 66	.45 23% 20	--- ---	86
Adverbial	--- 100% 112	--- ---	--- ---	112
Causal / explicativa	.69 85% 131	.33 15% 23	--- ---	154
Relativa	.81 90% 66	.21 10% 7	--- ---	73
TOTAL	66% 1343	28% 568	6% 114	100% 2025

Nível de significância: .000 para [Não V], .008 para [Não V não], .005 para [V não]

Os números mostram que a estrutura [Não V] é favorecida por todos os tipos de sentenças subordinadas e [Não V não] por todas as matrizes. Já [V não] é favorecida apenas por alguns tipos de matrizes e fortemente restringida em subordinadas, como se verá adiante. Detalho esses resultados abaixo.

Negativa pré-verbal [Não V]

A negativa pré-verbal é a variante que ocorre majoritariamente nas orações encaixadas: é a forma categórica nas sentenças *adverbiais* (ou seja, ocorre em 100% dos dados) e tem freqüências de 90%, 85% e 77% nas *relativas*, *causais* e *substantivas*, respectivamente. Os valores dos pesos relativos confirmam a informação fornecida pela

freqüência. [Não V] tem peso de .81 em relativas, de .69 em causais e de .60 em substantivas.

Entre as sentenças matrizes, por outro lado, [Não V] sofre um leve desfavorecimento por parte das *coordenadas* e das *principais*, mas parece ser fortemente desfavorecida pelas orações *absolutas*. Os números dos pesos relativos são de .48 em principais e *coordenadas livres* e de .45 nas *coordenadas introduzidas por conjunções*. Já nas *absolutas*, o peso relativo de [Não V] é de apenas .27.

Negativa pré- e pós-verbal [Não V não]

A negativa com dois marcadores [Não V não] se comporta mais uma vez de modo oposto à pré-verbal. Ela é fortemente desfavorecida por sentenças encaixadas, como mostram os pesos relativos de .21 para as *relativas* e de .33 para as *causais*. Mesmo para as *substantivas*, há um leve desfavorecimento de [Não V não], com o peso de .45. Além disso, a construção simplesmente não foi documentada no *corpus* para as orações *adverbiais*. Esse é, possivelmente, um tipo de oração em que a ocorrência de [Não V não] é agramatical.

As sentenças matrizes, por outro lado, aparecem como um contexto de favorecimento da negativa [Não V não], que obteve peso relativo de .58 nas *coordenadas introduzidas por conjunção* e de .53 nas *principais* e nas *coordenadas livres*. Nas *absolutas*, essa negativa também recebe um ligeiro favorecimento, como indica o peso de .52. Esse valor ganha mais destaque na comparação com o peso para [Não V] no mesmo tipo de sentença, visto acima: apenas .27.

Em resumo, sentenças encaixadas favorecem [Não V] e desfavorecem [Não V não], enquanto matrizes desfavorecem [Não V] e favorecem [Não V não].

Esse perfil contraria parcialmente os resultados tanto de Roncarati (1996) quanto de Sousa (2004). Em Roncarati (1996), [Não V não] não era favorecida por todos os tipos de matrizes, mas apenas pelas *absolutas* e *independentes*. As *principais* desfavoreciam a construção juntamente com as *subordinadas*.

Já no trabalho de Sousa (2004), os resultados indicavam que [Não V não] era favorecida não só pelos matrizes absolutas, mas também pelas subordinadas substantivas. Todos os outros tipos de sentenças matrizes e de subordinadas desfavoreciam essa negativa.

Essas contradições podem ser atribuídas a questões de diferenças metodológicas já discutidas: o fato de [Não V não] e [V não] terem sido codificados juntos por Sousa (2004). Os dados referentes a [V não], apresentados a seguir, mostram que os dois tipos de negativas se comportam diferentemente, o que justifica a sua codificação em separado.

Negativa pós-verbal [V não]

A negativa [V não] se comporta, com relação ao tipo de oração, de maneira apenas parcialmente semelhante a [Não V não]. Apesar de também ser desfavorecida por sentenças encaixadas, [V não] não é favorecida por todos os tipos de matrizes, como [Não V não] o é. A negativa final recebe um incremento por parte das *coordenadas livres* e, principalmente, pelas *absolutas*, como mostram os pesos relativos de .64 e .89, respectivamente. Já as *principais* e as *coordenadas iniciadas por conjunção* aparecem desfavorecendo fortemente a variante, conforme os pesos de .22 e .20.

Esse grupo de fatores apresenta, então, um primeiro aspecto em que [Não V não] e [V não] se comportam de modo distinto, o que é um fato que vai contra a codificação dos dois tipos de negativas sob o mesmo rótulo, que pode levar a um enviesamento dos resultados.

Importante é apontar também que o levantamento dos tipos de oração em que a negação aparece indica ainda a existência de contextos sintáticos em que [V não] não ocorre no *corpus* examinado. A construção não é encontrada em frases encaixadas de nenhum tipo, sejam *subjativas*, *adverbiais*, *causais* ou *relativas*. Esse é mais um aspecto que distingue [V não] de [Não V não], pois, com exceção das *adverbiais*, a última é somente desfavorecida nesses contextos, mas ainda assim ocorre com freqüências que variam entre 10% e 23%.

A descoberta de que [V não] não figura em encaixadas me levou a retornar aos trabalhos consultados e a procurar outros em busca de informações que pudessem confirmar ou refutar esse dado em outras variedades do PB. Uma comparação com os resultados apresentados no trabalho de Roncaratti (1996) mostra que a mesma restrição opera no *corpus* de Fortaleza. Embora não seja comentado pela autora no trabalho, a leitura de sua tabela 1 (reproduzida aqui como 10, página 36) revela que nenhum dos casos de [V não] analisados se encontra em sentenças subordinadas³⁰.

³⁰ A mesma comparação não pôde ser feita para trabalhos de outras áreas.

Um outro trabalho consultado foi o de Cardoso (1979) sobre a negação no dialeto de Gararu (Sergipe). Não estava entre os objetivos da autora a realização de uma análise quantitativa nem a análise da atuação do tipo de oração, porém ela lista todas as sentenças negativas que levantou dos dados. Um exame dessas sentenças mostra que, do mesmo modo, [V não] não é encontrada em nenhuma oração encaixada.

Por último, Schwegler (1991), analisando a realização das sentenças negativas em São Paulo e no Rio de Janeiro, aponta também para essa peculiaridade³¹ — a da não ocorrência de [V não] em sentenças subordinadas.

Esse dado traz um dos aspectos mais importantes buscados na análise quantitativa feita aqui, que é a identificação de contextos que representem restrições sintáticas à ocorrência de alguma das estruturas, que podem indicar casos de agramaticalidade. Como apontado no início do capítulo, a gramaticalidade de uma construção representa um papel importante no quadro teórico que adoto e no tipo de análise formal que pretendo desenvolver nesse trabalho e que apresento no capítulo 3. A importância da agramaticalidade está baseada no papel que a evidência negativa desempenha na teoria gerativa. Ela é um meio de se obter informações sobre os limites tanto da gramática de uma língua quanto da faculdade da linguagem como um todo.

Para finalizar essa subseção, apresento um resumo dos resultados da variável tipo de oração no quadro 5 abaixo.

Quadro 5: Resumo da atuação da variável *tipo de oração*

Tipo de negativa	Favorecida por	Desfavorecida por	Agramatical em	Catagórica em
[Não V]	Encaixadas	Matrizes	----	Encaixadas adverbiais
[Não V não]	Matrizes	Encaixadas	Encaixadas adverbiais	----
[V não]	Matrizes <i>absolutas</i> e <i>coordenadas livres</i>	Matrizes <i>principais</i> e <i>iniciadas por conjunção</i>	Todas as encaixadas	----

³¹ Mas, segundo o autor, [V não] não aparece em nenhuma frase em que exista uma sentença encaixada, o que leva também à agramaticalidade dessa negativa em principais, hipótese que é contrariada pelos resultados tanto meus quanto de Roncarati (1996).

1.3.3. Realização dos argumentos verbais

Nesta subseção, apresento os resultados de dois grupos de fatores inter-relacionados. Trata-se do tipo de realização dos argumentos verbais. Como se verá, ambos têm uma estreita relação com a variável tipo de frase e com a influência de aspectos discursivos na realização da negação.

Antes de apresentar os resultados com relação às comunidades investigadas, discuto, nas duas subseções seguintes, os resultados dos trabalhos de Roncarati (1996) e de Sousa (2004) sobre esses aspectos.

1.3.3.1. Tipo de sujeito e de constituinte pós-verbal em Roncarati (1996)

Tipo de Sujeito

Na variável tipo de sujeito, Roncarati (1996) analisa o papel que a forma de realização do elemento em função de sujeito da oração desempenha sobre a negação. A autora trabalha com três categorias: sujeito *cancelado*, sujeito *lexicalizado* e *existencial*, exemplificados em (20-22) abaixo³².

- (20) *Sujeito cancelado*
- (a) Sei **não**.
 - (b) **Num** to gostando **não**.
- (21) *Sujeito lexicalizado*
- (a) Ele tomava banho **não**.
 - (b) A senhora **num** botou **não**.
- (22) *Sujeito existencial*
- (a) Tem **não**.
 - (b) Mas **num** tem jeito **não**.

³² Exemplos (20-22) retirados de Roncarati (2004: 104). Negritos, porém, meus.

Os números obtidos pela autora indicam que a negativa final [V não] é favorecida por sujeitos nulos, *existenciais* e *cancelados*, que têm pesos relativos de .70 e .64, respectivamente. Por outro lado, é desfavorecida pelos sujeitos *lexicalizados*, que têm peso de apenas .20.

A negativa [Não V não] apresenta um comportamento semelhante ao de [V não], mas não idêntico, sendo favorecida apenas pelos sujeitos *cancelados*, com peso relativo de .56. Sujeitos *existenciais* e *lexicalizados*, por outro lado, desfavorecem a variante, com pesos³³ de .46 e .47.

A autora não discute os resultados referentes à negativa pré-verbal [Não V], mas, em função dos resultados das outras negativas, esta deve ser favorecida pelos sujeitos *lexicalizados* e desfavorecida pelos demais tipos de *realização*.

Comento esses resultados adiante, ao apresentar os números referentes à realização dos complementos verbais.

Tipo de constituinte pós-verbal

De modo semelhante ao anterior, neste grupo de fatores, Roncarati (1996) investiga a relevância da forma de realização dos complementos verbais para a alternância entre as estruturas de negação. As categorias trabalhadas são praticamente do mesmo tipo que para a realização do sujeito: constituinte *cancelado*, *lexicalizado* e *inexistente*. Esse último deve ser entendido como o caso dos verbos intransitivos, que não possuem complemento, de modo paralelo aos verbos existenciais, que não têm sujeito. Os três tipos de constituinte pós-verbal são exemplificados em (23-25), abaixo³⁴:

(23) *Constituinte pós-verbal cancelado*

(a) Sei **não**.

(b) Tão aumentando os preços, mas eu **num** acho **não**.

(24) *Constituinte pós-verbal lexicalizado*

(a) Tem nenhum **não**.

(b) **Num** foi um bom governo **não**.

³³ Note-se que os números são muito mais expressivos para [V não] do que para [Não V não].

³⁴ Exemplos (23-25) retirados de Roncarati (2004: 104). Negritos, porém, meus.

- (25) *Constituinte pós-verbal inexistente*
- (a) Fumo **não**.
 - (b) **Num** fugiram **não**.

Os perfis de [Não V não] e de [V não] são idênticos com relação a essa variável: ambas as estruturas são favorecidas por complementos *cancelados* e por *inexistentes*, sendo desfavorecidas pelos *lexicalizados*. [Não V não] apresenta peso relativo de .60 para os *cancelados*, de .52 para *inexistentes* e .37 para os *lexicalizados*. Os números de [V não] são bastante parecidos: na mesma ordem, tem-se .62, .55 e .31.

Na subseção seguinte, discuto os resultados alcançados por Sousa (2004) para esses mesmos fatores.

1.3.3.2. Tipo do sujeito e de complemento pós-verbal em Sousa (2004)

Sousa (2004) trabalha com as mesmas categorias que Roncarati (1996), embora utilize o termo *complemento pós-verbal* ao invés de *constituente*. A variável tipo de sujeito, entretanto, não foi selecionada pelo Varbrul como relevante para o fenômeno em seu *corpus* e os resultados não foram apresentados pelo autor.

Na variável tipo de complemento, Sousa (2004) trabalha com três categorias: complemento *realizado*, complemento *não-realizado* e *inexistente*. Os dois primeiros correspondem aos fatores *constituente lexicalizado* e *cancelado* de Roncarati (1996).

Apresento, na tabela 13, os números levantados por Sousa (2004) com relação a essa variável.

Tabela 13: Tipo de complemento pós-verbal e [(Não) V não] em Helvécia, corpus de Sousa (2004)

Tipo de constituinte pós-verbal	Nº de ocorrências / TOTAL	Frequência	Peso relativo
Não-realizado	233/563	41%	.57
Inexistente	30/108	28%	.44
Realizado	202/737	27%	.46
TOTAL	465/1408	33%	.29

Fonte: Sousa (2004: 8)

A negação em Helvécia apresenta resultados semelhantes aos de Fortaleza. A estratégia [(Não) V não] é favorecida quando o complemento verbal não se realiza e é desfavorecida quando esse está presente, como mostram os pesos de relativos de .57 e .46.

A diferença entre os dois trabalhos fica por conta do fator complemento *inexistente*, que corresponde aos casos dos verbos intransitivos. Em Roncarati (1996), esse fator favorecia as duas variantes inovadoras, com probabilidade de ocorrência variando entre .52 e .55. Em Sousa (2004), por outro lado, os inexistentes aparecem como um fator desfavorecedor da construção, com peso de .44. Entretanto, como o valor não está tão distante de .50, não é possível dizer que ele representa um contexto de forte desfavorecimento da variante no *corpus* da comunidade de Helvécia.

Apesar dessa diferença, os resultados confirmam que a omissão ou ausência do complemento do verbo contribui para a ocorrência das negativas com um marcador na posição final, como já apontavam os resultados de Roncarati (1996). Passo, agora, a apresentar a análise que fiz dessa variável.

1.3.3.3. Realização dos argumentos verbais na variedade estudada

Nessa subseção, apresento os resultados das variáveis ligadas à realização dos argumentos verbais, referentes ao *corpus* das comunidades que descrevo. Início expondo a forma de tratamento que adotei para os dois grupos de fatores.

As variáveis tipo de sujeito e tipo de complemento verbal buscam contrapor a realização *versus* não-realização dos argumentos verbais, entendendo que a omissão desses está ligada à possibilidade de já terem sido mencionados anteriormente. Essa diferença adquire importância uma vez que o uso das negativas parece ser sensível a pressuposições ativadas no discurso anterior dos interlocutores, conforme já tinha apontado a variável tipo de frase. As construções negativas em jogo refletiriam, assim, aspectos da estrutura informacional da sentença em função do contexto discursivo.

Dessa forma, considero que outros aspectos da realização dos argumentos verbais devem ser considerados, como a posição em que se realizam e ativação de uma categoria ligada a topicalização de constituintes.

Portanto, na delimitação dos valores das variáveis, além da possibilidade de realização plena ou nula dos argumentos, considero relevante a posição em que os

mesmos aparecem em relação ao verbo, uma vez que a alteração de ordem também tem efeitos sobre a estrutura informacional da sentença. Trabalho, então, com quatro fatores dentro de cada variável.

Para a variável **realização do sujeito**, distingo as seguintes possibilidades:

(i) *sujeito realizado anteposto*, que corresponde ao sintagma que exerce a função de sujeito estar realizado foneticamente em posição pré-verbal. Corresponde parcialmente ao sujeito lexicalizado de Roncarati (1996).

(ii) *sujeito realizado posposto*, ou seja, sujeito realizado foneticamente em posição à direita do verbo ou do VP, possibilidade não prevista pelos outros autores como categoria à parte.

(iii) *sujeito nulo referencial*, que é o caso em que o sujeito temático é omitido devido à sua recuperabilidade pela morfologia e pelo contexto lingüístico e corresponde ao "sujeito cancelado" de Roncarati (1996) e Sousa (2004).

(iv) e *sujeito nulo expletivo*, que corresponde aos casos de construções existenciais ou com verbos que indicam fenômenos atmosféricos, que não possuem sujeito temático.

- (26) Sujeito realizado (preposto ao verbo)
- (a) INF: ... pode dizê que eu num conheço ga... ga... garimpo [RC-26]
 - (b) INF: Eu num fiquei muito tempo **não**. [RC-26]
 - (c) INF:..: você vai com a menina hoje **não**. [SP-05]
- (27) Sujeito realizado posposto ao verbo
- (a) ... **num** vai duas pessoa... [SP-01]
 - (b) INF: **Num** saiu nenhum ainda **não**. [SP-01]
- (28) Sujeito nulo referencial (\emptyset)
- (a) INF: ... quando \emptyset num queria estudá, eu saía. [SP-01]
 - (b) INF: \emptyset **Num** sei **não**. [SP-01]
 - (c) INF: Ah, num fala não, que... \emptyset Fala não. [SP-05]
- (29) Sujeito nulo expletivo (Δ)
- (a) INF: Se Δ num chovê, num nasce. [SP-09]
 - (b) INF: Mas Δ **num** tinha **não**. [CZ-26]
 - (c) INF: Δ Tem **não**. [CZ-11]

Já para a variável realização do **complemento verbal**, lido com os seguintes fatores:

(i) *complemento realizado in situ*, quando o constituinte em função de objeto do verbo está em posição pós-verbal. Corresponde parcialmente ao constituinte pós-verbal lexicalizado de Roncarati (1996).

(ii) *complemento topicalizado ou anteposto*, quando o objeto do verbo aparece movido para a posição inicial da sentença ou simplesmente para uma posição entre sujeito e verbo³⁵. Também se refere a uma possibilidade não prevista na codificação de outros autores.

(iii) *complemento não realizado*, que se trata do objeto que ocorre nulo ou por já ter sido mencionado no discurso ou por ser recuperável pelo contexto. Corresponde aos casos de complemento cancelado de Roncarati (1996).

(iv) e *complemento não projetado*, que corresponde aos casos de verbos intransitivos, que não possuem complemento a ser projetado, ou os transitivos usados intransitivamente. Corresponde aos casos de complemento inexistente de Roncarati (1996) e Sousa (2004).

(30) *Complemento realizado in situ*

- (a) Eu **num** tenho *dinhêro*, [SP-12]
- (b) INF: Eu nem sei... **num** sei *a idade dele não!* [RC-13]
- (c) INF.: Não. Dá *muito trabalho não!* [SP-06]

(31) *Complemento topicalizado ou anteposto*

- (a) INF: *Na de Bom Jesus mesmo*, nós **num** foi. [CZ-08]
- (b) INF: mas *com o arame* eu **num** preocupo **não**. [CZ-06]
- (c) INF.: *dinhêro* eu **num** tinha. [CZ-11]

(32) *Complemento nulo* (Ø)

- (a) INF: Ah! Rita foi lá em cima levá um pessoar, aí... tinha uns rapaz lá, *mas eu num conheci Ø*. [RC-24]
- (b) DOC.: E porque que lá se chama Rapa Tição, cê sabe? // INF.: É... *Eu num sei Ø não*... [SP-12]
- (c) INF.: *Vai Ø não*.... *Vai Ø não*. [SP-12]

³⁵ A segunda possibilidade, contudo, é citada apenas como uma possibilidade lógica, uma vez que não foram registrados casos de ordem SOV no *corpus*.

- (33) *Complemento não-projetado* (Δ)
- (a) INF: Trabaio. Agora que eu num tava... qui eu num trabaiei Δ poque eu tava doenti... [RC-04]
 - (b) INF: ... **num** existia isso aí tamém **não**. [RC-05]
 - (c) INF: Aí ININT o osso de cá é mais duro... Eu corro Δ **não**. [SP-01]

Introduzi, portanto, um novo fator em cada variável: sujeito posposto e complemento anteposto. Os dois podem ser generalizados sob o rótulo de *argumento deslocado*, que se refere a qualquer dos argumentos verbais aparecer fora de sua posição canônica, entendida como a posição pré-verbal para o sujeito e a pós-verbal para o complemento.

É preciso ter em vista, entretanto, que o fator sujeito posposto não pode ser visto como paralelo ao fator complemento anteposto, uma vez que os dois processos apresentam um perfil diferente no PB. Enquanto a ordem VS está se tornando cada vez menos freqüente, praticamente restrita a casos de verbos inacusativos, a anteposição do complemento tem se tornado mais freqüente, em função de um aumento geral das construções de tópico no PB.

Os dois processos têm, também, objetivos diferentes. Em sua posição normal, o sujeito já é um tópico não marcado, uma informação esperada, geralmente já mencionada no discurso. Já o objeto, também em sua posição pós-verbal, é visto como um foco não marcado da oração, ou seja, um tipo de informação nova, mas não contrastiva. A alteração dessas posições implica resultados opostos: o sujeito pós-verbal é um dos recursos usados para torná-lo informação nova, enquanto o objeto anteposto se torna tópico informacional da sentença. Em outras palavras, os dois processos afetam a estrutura informacional da sentença, mas não da mesma maneira.

Os resultados dos outros autores para essas variáveis, bem como os obtidos para o grupo de fatores tipo de frase, fazem prever que as negativas [Não V não] e [V não] que são favorecidas por respostas diretas sejam conseqüentemente favorecidas pelos argumentos apagados e, possivelmente, por complementos topicalizados. Vejamos, adiante, os resultados obtidos.

Resultados: complemento verbal

A variável tipo de complemento foi selecionada pelo Varbrul como o quinto fator mais importante para a realização de [Não V] e como o sexto para a [Não V não]. Foi

descartada, porém, para [V não]. Ainda assim, esse grupo de fatores fornece importantes informações sobre essa última negativa, como se verá a seguir.

Apresento na tabela 14 os números referentes ao peso relativo, à frequência e às ocorrências das sentenças negativas em função dessa variável.

Tabela 14: Realização do complemento verbal e tipos de negativa

TIPO DE COMPLEMENTO VERBAL	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
Realizado <i>in situ</i>	.54 72% 788	.47 25% 275	--- 3% 30	1093
Não-realizado / nulo (<i>pro</i>)	.44 57% 401	.54 32% 229	--- 11% 75	705
Não projetado (verbo intransitivo)	.42 62% 104	.56 33% 55	--- 5% 9	168
Topicalizado	.70 80% 33	.36 20% 8	--- --- ---	41

Nível de significância: .000 para [Não V], .008 para [Não V não]

Os valores da tabela mostram que as negativas [Não V] e [Não V não] apresentam novamente uma distribuição oposta. A negativa [Não V] é favorecida pela realização lexical do complemento, seja *in situ* ou *topicalizado*, como mostram os pesos relativos de .54 e .70, e é desfavorecida pelo complemento *nulo* ou complemento *não-projetado*, com pesos de .44 e .42.

Por outro lado, complementos *nulos* e *não-projetados* favorecem levemente [Não V não], com peso de .54 e .56. Já os complementos realizados desfavorecem essa variante, principalmente os *topicalizados*, que têm peso de .36 enquanto os *in situ* têm .47.

Embora tenha sido descartado para [V não], esse fator traz uma importante informação sobre essa construção, pois aponta para um possível contexto de restrição à sua ocorrência. Nos dados das três comunidades, que correspondem a um total de 2.026

sentenças negativas, não há casos de [V não] com o complemento *topicalizado*³⁶, o que pode indicar mais um contexto de agramaticalidade desse tipo de negativa.

Infelizmente, não foi possível averiguar o comportamento da negação final em relação à topicalização do complemento em outras variedades do PB, pois, como visto, dos autores consultados, os que realizaram análises variacionistas codificaram apenas os outros fatores dessa variável (complemento nulo, realizado ou verbo sem complemento), não distinguindo a realização pós-verbal do objeto de sua realização deslocada.

Em meu próprio dialeto, esse tipo de construção apresenta uma gramaticalidade duvidosa, conforme exemplos em (34).

- (34) (a) ??*Esse livro* comprei **não**.
(b) ??*Com o arame* eu preocupo **não**.
(c) ??*Feijão* gosto **não**
(d) ??*Show de Ivete* eu vi **não**
(d) ??*Esse ladrão* o policial prendeu **não**

Diante da possibilidade de que esse seja um contexto em que [V não] se mostra agramatical, realizei uma consulta a falantes urbanos para avaliar a gramaticalidade da estrutura, mas os mesmos não conseguiram dar pareceres conclusivos sobre esse ponto, fortalecendo a impressão de gramaticalidade duvidosa.

A influência dessa variável sob a realização das negativas será mais discutida no capítulo 3. Passo a apresentar agora os resultados para a realização do sujeito.

Realização do sujeito

Esse fator foi selecionado como o terceiro mais relevante para [V não], sendo descartado pelo Varbrul para os outros padrões de negação. Apresento na tabela 15 os números referentes ao peso relativo, à frequência e às ocorrências das sentenças negativas em função dessa variável.

³⁶ O que levou a *knockout* no programa e à necessidade de excluir o fator complemento topicalizado da rotação para os pesos relativos. A rotação referente a [V não] foi, portanto, feita apenas com os dados das outras três variáveis.

Tabela 15: Realização do sujeito e tipos de negativa

TIPO DE REALIZAÇÃO DO SUJEITO	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
Realizado	--- 70% 619	--- 28% 246	.31 2% 14	879
Realizado posposto	--- 69% 20	--- 31% 9	---	29
Nulo referencial (<i>pro</i>)	--- 61% 534	--- 30% 262	.66 9% 79	875
Nulo expletivo	--- 68% 145	--- 22% 47	.66 10% 21	213

Nível de significância: .005 para [V não]

De um modo geral, com relação ao tipo de realização do sujeito, as negativas se comportam de modo paralelo³⁷ à realização do complemento verbal, com [V não] sendo favorecida por sujeitos nulos tanto *referenciais* quanto *expletivos*, que apresentam ambos peso relativo de .66, e é desfavorecida pela sua realização lexical em posição pré-verbal, que tem peso de .31, como se pode verificar pelos números apresentados na tabela acima.

A realização do sujeito fora de sua posição "típica", pré-verbal, parece, a princípio, ser um contexto de restrição à ocorrência de [V não]: assim como não há exemplos no *corpus* de [V não] com complemento topicalizado, não há dados dessa construção com sujeito posposto. Essa informação nos leva às mesmas perguntas feitas para a variável anterior: seria [V não] agramatical quando o sujeito aparece em posição deslocada em relação ao verbo? Por quê?

Em meu próprio dialeto, a posposição é possível pelo menos com verbos inacusativos (e me parece até mesmo bastante natural), principalmente quando o sujeito é um Item de Polaridade Negativa (PNI), conforme exemplos em (35). Compare-se, porém, (35a-b) com (35c), que não apresenta um PNI como sujeito e já tem gramaticalidade duvidosa. Esse tipo de dado, porém, não ocorreu no *corpus* investigado para [V não], mas apenas para [Não V] e [Não V não].

³⁷ A comparação não se dá diretamente com relação a [V não], uma vez que o tipo de complemento não foi selecionado para essa negativa, mas entre [V não] e [Não V não], as estruturas em que há um marcador negativo em posição final, *versus* [Não V].

- (35) (a) Veio *ninguém* **não**.
 (b) Aconteceu *nada* **não**
 (c) ?Chegou *o menino* **não**

Em outras palavras, a questão da agramaticalidade de [V não] com sujeitos pospostos não se mostra tão evidente quanto com relação ao complemento topicalizado, pelos seguintes motivos: (i) de um modo geral, a ordem VS está se tornando restrita no PB, aparecendo basicamente com verbos inacusativos; (ii) no próprio *corpus*, os casos de sujeito posposto em [Não V] e [Não V não] se limitam a esse contexto; (iii) os julgamentos de gramaticalidade para [V não] na ordem VS com verbos inacusativos são favoráveis, ao menos com PNIs.

Finalizo, portanto, esta seção, apresentando no quadro 6 um resumo da atuação das duas variáveis sobre a negação.

Quadro 6: Resumo da atuação das variáveis *tipo de sujeito e tipo de complemento*

Tipo de negativa	Favorecida por	Desfavorecida por	Agramatical em
[Não V]	Complemento realizado <i>in situ</i> ou topicalizado	Complemento nulo e não-projetado	----
[Não V não]	Complemento nulo e não-projetado	Complemento realizado <i>in situ</i> ou topicalizado	----
[V não]	Sujeito nulo referencial e expletivo	Sujeito realizado	Complemento anteposto Sujeito posposto (?)

1.3.4. Realização fonética da partícula pré-verbal

Nesta subseção, apresento os resultados referentes à variável realização fonética do marcador negativo em posição pré-verbal. No PB, nessa posição, o marcador pode se realizar sob duas ou três formas fonéticas distintas. Ao lado da forma NÃO (36a), é recorrente a sua pronúncia como NUM na fala coloquial (36b), fenômeno que alguns autores têm chamado de redução da partícula negativa. De fato, o mesmo NÃO pode

ocorrer, também, como uma simples consoante nasal [n] diante das formas verbais “é” e “era” (36c).

- (36) (a) INF: Só que eu **não** me lembro a quantidade. [CZ-01]
(b) INF (05): É, **num** empata não. [SP-05]
(c) INF: **Né** não! [CZ-01]
(d) Eu não / num me lembro (***num**)³⁸

A realização NUM, bem como a N', é exclusiva da partícula pré-verbal. A sua ocorrência em posição final implica agramaticalidade conforme (36d). Ramos (2002) apresenta a possibilidade da ocorrência NUM como uma evidência em favor de sua análise da cliticização do marcador negativo pré-verbal no PB. Outros autores como Mito (1991) e Vitral (1999) também assumem o *status* clítico da partícula pré-verbal.

A relação entre a realização fonética do marcador negativo pré-verbal e o surgimento da estrutura [Neg V neg] no PB já foi apontada por alguns autores, principalmente os que trabalham no quadro teórico do funcionalismo, como Furtado da Cunha (1997; 2001). A alternância em questão constitui a base para a hipótese funcionalista sobre o surgimento da estrutura [Não V não] e de [V não] no PB. A hipótese com que Furtado da Cunha (1997; 2001) trabalha é que o aparecimento do marcador pós-verbal é motivado pelo enfraquecimento do pré-verbal, devido a um processo de erosão fonética, que criaria uma necessidade de reforço da negação, conforme citação:

Primeiramente, observa-se que o marcador negativo pré-verbal passa por um processo de desgaste fonológico, que enfraquece o *não* tônico para *num* átono no discurso falado rápido (...) Esse marcador pós-verbal pode ser interpretado como uma estratégia que compensa o desgaste fonológico do *não* pré-verbal e seu conseqüente enfraquecimento semântico, restabelecendo, assim, a iconicidade. A corrosão do marcador negativo pré-verbal pressionaria a emergência e posterior fixação do marcador final. (FURTADO DA CUNHA, 2001: 18-9)

Em seu trabalho sobre a negação em Natal, a autora relaciona a variação da negação sentencial ao tipo de realização fonética da partícula negativa pré-verbal. Dessa

³⁸ O exemplo (36d) é criado. Os demais são levantados do *corpus*.

forma, mostra que a forma NÃO é mais freqüente com a estrutura [Não V] do que com [Não V não]: 55% contra 45%.

A forma NUM, de modo inverso, é mais freqüente em seu *corpus* com [Não V não] do que com [Não V]. Nesse caso, a diferença percentual é muito mais acentuada. Apenas 19% dos casos de NUM ocorrem em [Não V] contra 81% que aparecem em [Não V não].

No exame da influência dessa variável sobre a negação na variedade aqui descrita, trabalhei com apenas dois fatores: a realização como NÃO e a realização como NUM. Os casos em que a partícula ocorre como uma simples consoante nasal foram excluídos da análise, uma vez que atendem a um condicionamento mais lexical do que sintático ou fonológico: aparecem apenas com duas formas do verbo SER: *né* e *n'era*. Ocorrências como a versão (b') de (36b) são agramaticais:

(36) (b') * **N'**empata não³⁹.

Um primeiro levantamento mostra que a forma NUM é, majoritariamente, a mais recorrente no *corpus*, correspondendo à quase totalidade das ocorrências do marcador pré-verbal. Como mostram os números da tabela 16, a forma NUM corresponde a 95% dos dados da comunidade de Cinzento, a 98% dos de Sapé e a 99% dos dados de Rio de Contas, numa média de 97% dos dados do marcador pré-verbal de todo o *corpus*.

Tabela 16: Realização fonética da partícula negativa em posição pré-verbal nas três comunidades

	Cinzento		Sapé		Rio de Contas		Total	
NUM	754	94,36%	620	97,79%	428	99,07%	1802	96,62%
NÃO	45	5,63%	14	2,2%	4	0,92%	63	3,37%
TOTAL	799	100%	634	100%	432	100	1865	100%

Esses valores superam, inclusive, os levantados por pesquisas realizadas em outras variedades lingüísticas do PB. O estudo de Ramos (1999) sobre o dialeto de Belo Horizonte encontra 45% de realização da forma NUM, sendo que, apenas em posição

³⁹ Exemplo criado.

pré-verbal, esse número sobe para 59%⁴⁰. Já Mata (1999) encontra 86,6% de NUM na cidade de João Pessoa. Esses números apontam para um aumento da frequência de forma NUM na região nordeste e, dentro dela, um aumento em áreas rurais. Esse perfil necessita, porém, de mais pesquisas para ser confirmado.

Na análise estatística, a variável realização do marcador pré-verbal foi selecionada como a segunda mais relevante para [Não V] e como a quarta para [Não V não]⁴¹. Os números levantados são apresentados na tabela 17:

Tabela 17: Realização fonética do NÃO pré-verbal e tipos de negativa

Forma fonética	[Não V]	[Não V não]	TOTAL
NÃO	.72 87% 55	.29 13% 8	63
NUM	.49 71% 1279	.51 29% 523	1802

Nível de significância: .000 para [Não V], 008 para [Não V não]

As negativas [Não V] e [Não V não] voltam a apresentar comportamentos opostos. Os números da tabela mostram que a forma NÃO favorece fortemente a negação pré-verbal [Não V] e desfavorece [Não V não], com os pesos relativos bastante expressivos de .72 e . 29, respectivamente.

As duas construções, contudo, não se mostram tão sensíveis à forma NUM, como se pode perceber pela proximidade dos pesos relativos de .50.

A análise de cada construção separadamente, porém, indica um desfavorecimento de [Não V] com a forma NUM, já que a frequência da construção cai de 87% com NÃO para 71% com NUM, o mesmo ocorrendo com o peso relativo, que vai de .72 para .49.

⁴⁰ O percentual não é apresentado diretamente, mas pode ser deduzido a partir dos dados da tabela 2 do referido trabalho, que apresenta a realização da negação diante de verbos auxiliares, principais ou pausas.

⁴¹ Note-se que esse grupo de fatores não se aplica a [V não], uma vez que, nessa construção, inexistente um marcador pré-verbal.

De modo oposto, há um favorecimento de [Não V não] pela forma NUM, já que há um aumento da frequência de 13% com NÃO para 29% com NUM e do peso relativo de .29 para .51.

Os resultados estão, assim, de acordo com a hipótese de Furtado da Cunha (1997; 2001) sobre o enfraquecimento ou a redução do marcador pré-verbal levando à implementação da forma [Não V não] e, conseqüentemente, [V não]. Sua hipótese também teria o respaldo de se aproximar bastante dos passos do processo descrito no ciclo de Jespersen (vide Introdução). Apesar disso, não assumo essa hipótese sobre o enfraquecimento de NÃO ser a motivação para o surgimento das novas negativas. Entre outras questões, não me parece claro que NUM deva ser vista como forma enfraquecida ou reduzida de NÃO. No capítulo 2, discuto a proposta de E. Martins (1997), que abrange a diferença entre dois tipos de marcadores pré-verbais no PB.

1.4. Atuação de fatores sociais no uso das negativas

Nesta seção, apresento os resultados apontados pela análise estatística das variáveis explanatórias sociais no *corpus* investigado. A introdução de fatores sociais em análises lingüísticas, bem como a forma de tratamento desses aspectos, não é incontroversa. A tensão está sobre a questão da importância dos aspectos exclusivamente lingüísticos *versus* os aspectos denominados genericamente como extralingüísticos na determinação da forma da linguagem.

Nos estudos de variação lingüística, é preciso ter em vista que, enquanto os fatores lingüísticos permitem a identificação de contextos estruturais que atuam na realização das formas em variação, não raramente possibilitando o reconhecimento de "regras" ou restrições categóricas, os fatores sociais podem apontar como as variantes se difundem entre grupos da comunidade, adquirindo valores sociais diferentes e entrando em relações de variação estável ou mudança em progresso, a depender da distribuição entre diferentes gerações.

Analisar a atuação de aspetos lingüísticos em um fenômeno em variação ou mudança pode contribuir bastante para a compreensão da gramática que gera as variantes, além de questões teóricas como os limites entre o núcleo e a periferia da gramática de uma língua.

Já a análise de fatores sociais tem sido o foco principal de análises de cunho sociolinguístico sobre fenômenos da linguagem. Na visão da teoria gramatical, por outro lado, a interveniência de fatores sociais ocupa uma posição periférica, tanto para a argumentação e formulação teórica quanto para a determinação da forma da gramática de uma língua propriamente dita. Porém, os estudos de processos de mudança por uma perspectiva paramétrica estão baseados na idéia de reanálise de construções por parte da nova geração, na fase da aquisição. A reanálise seria extremamente sensível à frequência de exposição a uma determinada construção. Dessa forma, um dos pré-requisitos para a reanálise ocorrer é o aumento da frequência da construção suscetível de re-interpretação. Por esse ponto de vista, o exame da distribuição e da difusão das variantes pelos grupos sociais pode fornecer uma visão mais completa das condições de reanálise e de mudança do valor de um parâmetro sintático.

Os resultados aqui expostos têm, portanto, três objetivos:

- (i) avaliar a distribuição das variantes pelos grupos sociais da comunidade.
- (ii) identificar se a variação das estruturas negativas aponta para um processo de variação estável ou de mudança em progresso.
- (ii) fornecer subsídios para outros estudos sociolinguísticos ou paramétricos interessados na negação sentencial

Os fatores sociais investigados foram os já previstos na forma de organização do *corpus* do Projeto Vertentes: deslocamento da comunidade, sexo, escolaridade e faixa etária. Esses fatores têm sido sistematicamente investigados nos estudos realizados no âmbito desse projeto (cf. LUCCHESI, 2003, 2004; SILVA, 2004; ANTONINO, 2007; FREITAS, 2005; SOUSA, 2004; MENDES, 2005).

O deslocamento da comunidade e a faixa etária foram as únicas variáveis sociais selecionadas pelo Varbrul como relevantes para a variação no uso das sentenças negativas. Nas próximas subseções, discuto os resultados de cada um desses fatores.

1.4.1. Deslocamento da comunidade

Nessa subseção, apresento os resultados referentes à variável *deslocamento da comunidade*. Esta variável está relacionada à importância que o contato com outros

dialetos pode ter para a implementação de uma dada variante lingüística. Avalio, assim, se há alterações no uso das negativas em função de o falante ter permanecido por algum tempo em contato direto com outra(s) variedade(s) lingüística(s), principalmente urbana(s).

É importante notar que não se trata de uma situação de empréstimo lingüístico, com a introdução ou aquisição de uma variante a partir de uma situação de contato, uma vez que a forma já existe no interior da comunidade. O contato com um dialeto de maior prestígio pode *impulsionar* uma variante, aumentando-lhe a freqüência, ou mesmo reprimir-lhe o uso.

Na delimitação dos valores dessa variável social, segui a forma de organização do *corpus* por parte do Projeto Vertentes, que divide os informantes com relação a esse critério em dois grupos: (i) aqueles que já passaram mais de seis meses contínuos fora da localidade e (ii) aqueles que nunca saíram dela ou, se saíram, o fizeram por períodos inferiores a seis meses. Portanto, entre as entrevistas de cada uma das três comunidades aqui estudadas, há três informantes que saíram da localidade e três que não saíram, o que leva a um total de nove informantes de cada grupo (três de Cinzento, três de Sapé e três de Rio de Contas).

De um modo geral, o principal motivo da saída dos moradores dessas comunidades está ligado a questões de trabalho. Muitos deles, principalmente na sua juventude, se mudam para outras cidades em busca de emprego. O principal destino deles é São Paulo, mas há também os que viajam para outras capitais, como Salvador, ou para outras cidades maiores do interior da Bahia.

Como apontado acima, o grupo de fatores deslocamento foi selecionado pelo Varbrul como relevante para duas variantes. Foi o quarto mais importante para a realização de [Não V] e o segundo para [Não V não], mas foi descartado para [V não]. Apresento na tabela 18 os números referentes a esse grupo de fatores.

Tabela 18: Deslocamento da comunidade e tipo de negativa

ESTADA FORA DA LOCALIDADE	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
SIM	.57 73% 694	.43 22% 206	--- 5% 47	947
NÃO	.44 60% 650	.56 34% 362	--- 6% 67	1079

Nível de significância: .000 para [Não V] e .008 para [Não V não]

A leitura da tabela indica que o deslocamento favorece levemente [Não V], como mostra o peso relativo de .57 para os informantes que saíram da comunidade, contra o de .44 para os que não saíram. Para [Não V não], o deslocamento age de modo inverso. É a permanência na localidade que favorece a construção, com o peso de .56, enquanto o deslocamento parece desfavorecê-la, com o peso de .43.

Esses resultados estão de acordo com a tese laboviana (LABOV, 1972) de que as variantes lingüísticas adquirem valor social, que pode se refletir no processo de variação ou mudança em curso, e também de acordo com a hipótese original sobre essa variável. Uma vez que a construção [Não V] é considerada a padrão, a de maior prestígio social, a expectativa era que fosse favorecida pelo deslocamento, uma vez que este proporciona um contato com variedades lingüísticas em que a influência da norma lingüística é maior. Além disso, como mostram os números dos trabalhos de Roncarati (1996) e Furtado da Cunha (1996; 2001), comentados no início da seção 1.3., a frequência de [Não V] em comunidades que não tiveram história de forte contato lingüístico é maior do que nas comunidades isoladas. Informantes que vivem por um tempo em comunidades com esse perfil estão, portanto, sendo mais expostos a essa variante do que os que sempre permaneceram em suas localidades. Esse aspecto fortalece a hipótese sobre o favorecimento de [Não V] pelo deslocamento, o que, como visto, foi confirmado pelos números⁴².

1.4.2. Escolaridade

O objetivo dessa subseção é apresentar os resultados da variável escolaridade sobre o uso das negativas. A escolaridade não foi selecionada pelo Varbrul como relevante para o condicionamento da negação, razão pela qual não forneço os valores dos pesos relativos. Por outro lado, o exame da frequência das negativas em função desse grupo de fatores é importante para um maior entendimento da distribuição dessa variável pelas comunidades, uma vez que aponta resultados interessantes, como se verá adiante.

⁴² A influência do deslocamento da comunidade sobre a negação sentencial foi investigada também por Sousa (2004) e por Alkmim (1999). Em ambos os trabalhos, porém, a variável não foi selecionada como relevante pelo Varbrul.

A variável avalia a influência do contato com o processo de escolarização e com o ensino formal de uma norma culta no uso da negação por parte dos informantes. A hipótese inicial era que a construção [Não V] fosse favorecida pela maior escolaridade, e [Não V não] e [V não] fossem desfavorecidas.

Na investigação desse aspecto, mantive a divisão feita na organização do *corpus* pelo Projeto Vertentes, segundo o qual os informantes estão divididos, quanto à escolaridade, em dois grupos: (i) os que tiveram algum contato com a escolarização, denominados *semi-alfabetizados* e (ii) os que não tiveram contato algum, sendo *analfabetos*. Esse perfil se deve à dificuldade de acesso à educação nessas comunidades, o que minimiza, em verdade, a força desse fator sobre a comunidade e pode ser o motivo para ele não ter sido selecionado pelo Varbrul.

Apresento na tabela 19 os números com relação à escolarização.

Tabela 19: Escolaridade do informante e tipo de negativa

ESCOLARIDADE	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
Semi-alfabetizados	71% 884	24% 302	5% 64	1250
Analfabetos	59,2% 460	34,3% 266	6,5% 50	776

A leitura vertical dos números percentuais da tabela mostra que a freqüência de [Não V] cai de 71% entre os semi-alfabetizados para 59% entre os analfabetos, o que representa uma redução de 12 pontos. A freqüência da construção [Não V não], por outro lado, sobe de 24% entre os semi-alfabetizados para 34% entre os analfabetos, em um aumento de 10 pontos. Já [V não] não apresenta uma oscilação significativa.

Em outras palavras, a variante vista como padrão [Não V] é mais freqüente entre os semi-alfabetizados, e a considerada não padrão [Não V não] é mais recorrente com os não-escolarizados, o que representa uma confirmação da hipótese sobre essa variável.

1.4.3. Sexo

Nesta subseção, discuto os resultados obtidos para a variável sexo. Em geral, no estudo das comunidades aqui trabalhadas, essa variável se comporta de modo oposto ao previsto dentro da literatura sociolingüística para áreas urbanas, em que geralmente as mulheres estão mais próximas ao padrão normativo.

Resultados alcançados pelas primeiras pesquisas sociolingüísticas, realizadas em centros urbanos dos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, indicavam uma relação estreita entre o sexo e o valor social das variantes. Mais especificamente, as mulheres estariam sempre mais próximas do padrão lingüístico do que os homens. Isso, contudo, se deveria não à influência de aspectos biológicos, mas ao papel desempenhado pelas mulheres na sociedade, bem como à rede de relações sociais a que elas estariam expostas.

Dessa forma, a proximidade das mulheres ao padrão lingüístico não pode e não deve ser vista como uma característica universal dos processos de variação. Pelo contrário, o entendimento da dependência do papel dos sexos na estrutura social no condicionamento da variação é crucial para a formulação de hipóteses sobre essa variável, sem a realização de generalizações indevidas.

Na variedade lingüística estudada, os homens, por saírem com mais freqüência da comunidade, por questões de trabalho e terem, assim, maior contato com outras variedades lingüísticas, é que costumam estar mais próximos do padrão, e o fator "sexo masculino" tem um desempenho relativamente próximo ao do fator deslocamento, como já mostraram outros estudos realizados no âmbito do Projeto Vertentes (PONTE, 2005; MENDES, 2005).

Essa variável não foi, contudo, selecionada pelo Varbrul para nenhuma das variantes, razão pela qual discuto aqui apenas os resultados percentuais, apresentados na tabela 20.

Tabela 20: Sexo do informante e tipo de negativa

SEXO	[Não V]	[Não V não]	[V não]	TOTAL
Feminino	64,6% 759	31% 363	4,4% 53	1175
Masculino	69% 585	24% 205	7% 61	851

A leitura vertical da tabela 21 mostra que a frequência de [Não V] aumenta de 65% entre as mulheres para 69% entre os homens e que a de [Não V não] diminui de 31% entre as mulheres para 24% entre os homens, revelando novamente uma distribuição oposta das duas construções com relação aos aspectos sociais. Embora a oscilação não seja tão acentuada, ficando em apenas 4 pontos para a negativa pré-verbal e em 7 pontos para a negativa com dois marcadores, os números confirmam a hipótese de que o sexo masculino favoreceria [Não V] e estão de acordo com os resultados obtidos para a variável anterior.

Os resultados estão, também, de acordo com os de Sousa (2004), sobre a comunidade de Helvécia. Em seu trabalho, a variável sexo foi selecionada como relevante pelo Varbrul, e os valores dos pesos relativos, bem como a frequência e o número de ocorrência de Sousa (2004), podem ser vistos na tabela 21.

Tabela 21: [(Não) V não] e variável sexo em Helvécia

SEXO	Nº de ocorrências/ TOTAL	Frequência	Peso relativo
Feminino	268/685	39%	.57
Masculino	197/723	27%	.43
TOTAL	465/1408	33%	.29

Como se pode ver na tabela, o peso relativo de .57 indica que sexo feminino favorece as construções [Não V não] e [V não] que, como apontado anteriormente, foram codificadas juntas pelo autor. Já o sexo masculino aparece desfavorecendo as mesmas variantes, com o peso de .43. Observando apenas a frequência, note-se que há um aumento de 12 pontos percentuais do sexo masculino para o feminino. Esses números confirmam a atuação dos homens na difusão da negativa pré-verbal e das mulheres na dos dois outros tipos de negativas, conforme apontado nos dados das comunidades que analiso.

1.4.4. Faixa etária

Nesta subseção, comento os resultados estatísticos da variável faixa etária. Na teoria variacionista, essa tem a importância de possibilitar a identificação de um processo variável como uma situação de variação estável ou de mudança em curso, através da análise da distribuição das variantes pelas diferentes gerações, o que se denomina estudo em *tempo aparente*. Esse tipo de investigação parte do pressuposto de que cada geração mantém padrões lingüísticos próximos aos adquiridos na sua adolescência e juventude, o que permitiria, assim, uma comparação de estágios diferentes da língua.

Na delimitação das faixas etárias para esse trabalho, mantive a classificação realizada pelo Projeto Vertentes, que divide os informantes em três faixas: a faixa 1, contendo informantes de 20 a 40 anos; a faixa 2, com informantes entre 41 e 60 anos; e a faixa 3, com informantes com idade superior a 60 anos.

A faixa etária foi, junto com o deslocamento, a única variável social a ser realmente selecionada pelo Varbrul como relevante para a variação em jogo. Não foi selecionada, porém, para todas as negativas, apenas para [V não], tendo sido a terceira variável mais importante para a construção. Apresento na tabela 22 os números referentes a esse grupo de fatores.

Tabela 22: Faixa etária dos informantes e tipo de negativa

FAIXA ETÁRIA	[Não V]	[Não V não]	[V não]
Faixa I	---	---	.56
20 a 40	64%	29%	7%
	411	182	45
Faixa II	---	---	.39
41 a 60	72%	25%	3%
	556	198	22
Faixa III	---	---	.59
+ 60	62%	30%	8%
	377	188	47

Nível de significância: .010 para [V não]

Apesar de a faixa etária ter sido selecionada pelo Varbrul, os resultados dessa variável não indicam um perfil nítido de mudança em progresso, mas provavelmente de variação estável. Como indica a leitura vertical da última coluna com relação aos pesos relativos, favorecem [V não], de modo bastante semelhante, tanto a faixa mais velha

quanto a mais jovem, com pesos de .59 e .56, enquanto a faixa intermediária desfavorece essa negativa, com peso de .39.

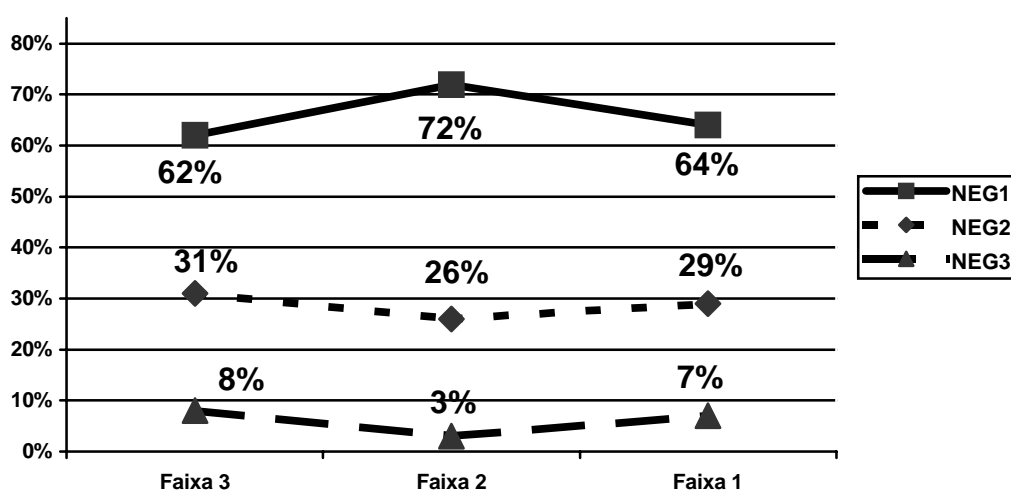
Trata-se de um padrão curvilíneo, com redução do uso da variante na faixa intermediária, em oposição a uma elevação nas outras faixas. Essa curva não se manifesta apenas para [V não]. A frequência de [Não V não] também oscila no mesmo sentido entre as faixas etárias. Da faixa mais velha para a intermediária, a frequência de [Não V não] cai de 30% para 25%, para logo depois subir novamente para 29% na mais jovem.

As duas negativas com um marcador final têm, assim, uma distribuição muito próxima com relação à faixa etária: são mais freqüentes nas faixas mais velha e mais jovem e menos freqüentes na intermediária.

Por outro lado, [Não V] apresenta uma oscilação oposta: há um aumento da frequência da faixa mais velha para a intermediária, de 62% para 72%. Em seguida, há uma queda de 72% para 64% da intermediária para a mais jovem.

A situação pode ser visualizada a partir do gráfico 1, abaixo, que deixa mais claro os padrões curvilíneos das variantes. Por esses resultados, não se pode dizer que existe uma tendência nítida de mudança, com a substituição de uma forma por outra.

Gráfico 1: Variantes no tempo aparente



1.4.5. Cruzamento de fatores: deslocamento *versus* faixa etária

Nesta subseção, apresento os resultados do cruzamento das variáveis deslocamento da comunidade e faixa etária, que foram as duas únicas selecionadas como relevantes pelo Varbrul. O objetivo é obter uma visão mais detalhada da atuação dos dois fatores sobre os usos da negação. Na tabela 23, apresento os números referentes a esse cruzamento.

Tabela 23: Cruzamento dos variáveis deslocamento e faixa etária

Faixa	Deslocamento	[Não V]	[Não V não]	[V não]
Faixa 1 20 a 40 anos	Permanência	.38 55% 120	.65 40% 87	.46 5% 12
	<i>Deslocamento</i>	.54 69% 291	.45 23% 95	.62 8% 33
Faixa 2 41 a 60 anos	Permanência	.46 64% 208	.56 33% 109	.32 3% 9
	<i>Deslocamento</i>	.60 77% 348	.41 20% 89	.45 3% 13
Faixa 3 Mais de 60 anos	Permanência	.45 60% 322	.51 31% 166	.62 9% 46
	<i>Deslocamento</i>	.50 71% 55	.53 28% 22	.23 1% 1

Nível de significância: .002 para [Não V], .026 para [Não V não] e .008 para [V não]

Como se pode ver pela leitura dos pesos relativos e das freqüências referentes a [Não V] e [Não V não], o deslocamento favorece a negativa pré-verbal e desfavorece a pré- e pós-verbal, como detalha a próxima subseção.

Negativa pré-verbal [Não V]

Há um aumento da frequência e do peso relativo de [Não V] em todas as faixas, em função do deslocamento. Na faixa 3, a frequência sobe 11 pontos percentuais: vai de 60% para 71% e o peso relativo de .45 para .50. Na faixa 2, o aumento da frequência é de 13 pontos: vai de 64% para 77% e o peso relativo vai de .46 para .60. Já na faixa 1, a frequência se eleva em 14 pontos: de 55% para 69% e o peso relativo de .38 para .54.

Note-se que a diferença nos valores, principalmente dos pesos relativos, é maior nas faixas 1 e 2 do que na 3, o que indica que a influência do deslocamento é maior nas gerações intermediária e jovem. Os fatores que mais favorecem [Não V], dessa forma, são, na ordem: os informantes da faixa 2 que saíram da localidade, que apresentam peso de .60, seguidos pelos informantes da faixa 1, que também saíram, que têm peso de .54.

Negativa pré e pós-verbal [Não V não]

Para a negativa [Não V não], os números indicam que, com exceção da faixa 3, em que peso relativo e frequência apresentam resultados muito próximos, com um aumento com o deslocamento, é a permanência na localidade que faz aumentar o uso da variante. Ou, dito de outra forma, o deslocamento, o contato com outros dialetos desfavorece [Não V não].

Na faixa 1, a frequência de [Não V não] cai quase pela metade com o deslocamento: vai de 40% para 23%. Também o peso relativo mostra a mesma diferença drástica, com o valor de .65 para a permanência e de .45 para o deslocamento.

Na faixa 2, ocorre também uma queda drástica da frequência: há uma redução de 33% para 20% com o deslocamento, o que equivale a uma redução de cerca de um terço. Os pesos relativos também apontam para um desfavorecimento em função do deslocamento: a permanência tem peso de .56 e o deslocamento de .41.

Apenas a faixa 3 não mostra o mesmo perfil. Tanto a frequência quanto o peso relativo apresentam valores muito próximos, mas com tendências opostas. Ou seja, enquanto a frequência de [Não V não] cai com o deslocamento de 31% para 28%, o peso relativo sobe de .51 com a permanência para .53 com o deslocamento. Dessa forma, em virtude da proximidade dos valores entre si e em relação ao marco de .50, além do próprio fato de ambos os valores estarem acima de .50, não se pode concluir nitidamente que, nessa faixa, o deslocamento favorece e a permanência desfavorece.

O que os números mostram, sim, é que a influência do deslocamento é maior sobre a faixa intermediária e sobre a mais jovem do que sobre a mais velha, de modo semelhante ao que ocorre para [Não V].

Negativa pós-verbal [V não]

Os resultados do cruzamento de faixa etária e deslocamento para [V não] maximizam a contradição mostrada apenas pelos números da faixa etária. A negativa pós-verbal é favorecida pelos extremos da tabela, ou seja, pelos informantes mais velhos que nunca saíram da localidade e pelos mais jovens que saíram. Em outras palavras, **faixa 3 sem deslocamento** e pela **faixa 1 com deslocamento**, ambos os grupos com o mesmo valor para o peso relativo: .62.

Note-se que se tratam dos grupos de que se espera a posição mais conservadora e a mais inovadora, respectivamente. Todos os outros grupos se apresentam como desfavorecedores de [V não].

O que esse resultado parece indicar é que essa negativa não é tão sensível à faixa etária ou mesmo ao deslocamento (como já tinha mostrado o fato de não ter sido selecionada para essa última variável), no sentido de não estar em um processo de mudança, mas de variação estável, e também de não sofrer grande influência do contato com outras variedades lingüísticas.

Ou seja, a realização de [V não] é condicionada quase que exclusivamente por fatores lingüísticos e discursivos do que pelos sociais, diferentemente das demais negativas, que se mostram também sensíveis aos fatores sociais, embora a força dos lingüísticos seja claramente superior.

Finalizo essa subseção, apresentando, no quadro 7, um resumo da influência dos fatores sociais sobre as negativas sentenciais.

Quadro 7: Resumo do favorecimento das variáveis sociais sobre [Não V] e [Não V não]

Tipo de negativa	Deslocamento	Sexo	Escolaridade	Faixa etária x deslocamento
[Não V]	Deslocamento	Masculino	Semi-analfabetos	Faixa 1 e 2 com deslocamento
[Não V não]	Permanência	Feminino	Analfabetos	Faixa 1 e 2 sem deslocamento

1.5. Conclusões do capítulo

Neste capítulo, apresentei uma descrição quantitativa dos usos das negativas sentenciais em função de fatores lingüísticos e sociais. Nesta seção final, resumo os principais resultados obtidos para cada uma das construções.

Os resultados indicaram que a **negativa pré-verbal [Não V]** é favorecida pelos contextos de *não-resposta*; pelas *orações encaixadas* de qualquer tipo, pelos argumentos verbais (sujeito e complemento) *realizados in situ ou deslocados*; e pela *realização fonética* da partícula pré-verbal como NÃO. A construção ainda se mostra categórica em *perguntas-QU* e em *orações encaixadas adverbiais*.

Do ponto de vista dos aspectos sociais, é influenciada pelos fatores que apontam para um maior contato com variedades urbanas ou padrão, como o deslocamento da comunidade, o contato com a escolarização e o sexo masculino.

A **negativa [Não V não]** é favorecida por *respostas diretas* e por *perguntas*; por todas as *orações matrizes*; pela *realização nula* dos argumentos verbais de valor *referencial* ou *expletivo* (sujeito não-temático e complemento não-projetado); e pela *realização NUM* da partícula pré-verbal. A construção se mostra, porém, agramatical em *pergunta-QU* e em *orações encaixadas adverbiais*.

É favorecida pelos fatores sociais que representam um perfil conservador dentro da comunidade, como a permanência na comunidade, a falta de escolaridade e o sexo feminino.

Já a **negativa pós-verbal [V não]** apresenta um comportamento parcialmente semelhante ao de [Não V não]. É favorecida por *respostas diretas* e por *perguntas*; por *orações matrizes absolutas e coordenadas livres*; e pela *realização nula* dos argumentos verbais. Mostra-se agramatical em *pergunta-QU* e com todos os tipos de *orações encaixadas*, mas também com o *complemento topicalizado*. Não se mostra sensível, porém, aos fatores sociais.

Os resultados dos fatores lingüísticos apontam contextos de (des)favorecimento e de agramaticalidade das construções que servirão de base para a elaboração de uma proposta de análise de suas estruturas, apresentada no capítulo 3.

Já os resultados dos fatores sociais fortalecem a hipótese, defendida pelo Projeto Vertentes (LUCCHESI: 2003; 2004) e por Sousa (2004), de que as negativas com marcador em posição final seriam resultado do contato lingüístico.

É preciso ter em vista, porém, que a influência do contato entre línguas ainda deixa em aberto a questão de como se deu especificamente a gênese dessas negativas.

A versão mais forte da hipótese do contato aponta para uma transferência direta de estruturas negativas de línguas africanas para o PB. Alkmim (1999) aponta, contudo, que essa idéia parte do pressuposto de que a negação se realiza do mesmo modo em todas ou na maioria dessas línguas.

Uma outra versão aponta para o contato lingüístico favorecendo a reanálise das negativas, o que significaria que essas negativas não seriam fruto especificamente do contato, como “provocador” de empréstimos lingüísticos, mas do modo como se deu a aquisição do português por parte desses falantes de outras línguas durante um forte e prolongado processo de multilingüismo, de acordo com o conceito de *mudança induzidas pelo contato*, de Lucchesi (2003).

Para os objetivos desta Dissertação, fica a questão de que tanto os estudos que se concentram na descrição da variação sincrônica quanto os que se lançam à investigação da origem diacrônica, reconhecem que o marcador negativo final foi, aos poucos, incorporado à estrutura sintática da sentença, mas não têm a preocupação de determinar a posição que esse elemento ocupa (ou passou a ocupar) nessa estrutura.

O objetivo da segunda parte dessa Dissertação, composta pelos capítulos 2 e 3, é discutir a estrutura da sentença negativa no PB, de modo a oferecer uma proposta de análise que dê conta dos fatos lingüísticos apontados neste primeiro capítulo.

CAPÍTULO 2

A NEGAÇÃO NA TEORIA GERATIVA

2.1. Objetivos do capítulo

No capítulo anterior, apresentei uma descrição dos usos dos três tipos de negativas sentenciais na variedade do PB investigada nesse trabalho, verificando a influência de fatores lingüísticos e sociais sobre a variação. No restante desta Dissertação, busco oferecer uma proposta de análise das propriedades estruturais dessas negativas, com foco especial nas construções que apresentam um marcador negativo na posição final da sentença. A análise deve ser capaz de dar conta do comportamento que as negativas têm diante dos fatores lingüísticos examinados e, em especial, das restrições sintáticas identificadas. A tarefa pressupõe que os fatos expostos sejam tomados não como evidências em si, mas examinados à luz de uma teoria lingüística, que lhes atribua significado.

Para tanto, apresento, neste segundo capítulo, a fundamentação teórica em que se baseia minha análise. O capítulo está dividido em duas seções. Na primeira, explico a concepção de língua e alguns dos principais conceitos do quadro teórico com que trabalho e a que já me referi de modo não-sistemático em alguns momentos da introdução e do capítulo anterior: a teoria da gramática gerativa, desenvolvida por Noam Chomsky e colaboradores a partir de 1957. Na segunda seção, reviso e discuto algumas análises que tratam, dentro desse quadro teórico, da posição das partículas negativas nas línguas.

2.2. A teoria gerativa

A tese central da teoria gerativa é que todas as línguas humanas são, nas palavras de Chomsky (1998: 24), *variações de um mesmo tema*. Ou seja, antes de serem entidades históricas, fenômenos sociais ou culturais, são manifestações de uma capacidade universal e inata da espécie humana, uma Faculdade da Linguagem, que é determinada geneticamente, na forma de uma Gramática Universal (GU), que prevê e fornece todas as possibilidades existentes nas línguas.

Por essa perspectiva, toda diversidade interlingüística é limitada por mecanismos gerais da GU. Torna-se, então, tarefa essencial da teoria lingüística identificar os limites da variação entre as línguas e os tipos de gramáticas possíveis, entendendo *gramática* como o estado final que assume a Faculdade da Linguagem em exposição aos *dados lingüísticos primários* (PLD) de uma língua, ou seja, em exposição aos enunciados com que o falante tem contato durante sua infância.

A execução dessa tarefa pressupõe a observância a dois tipos de critérios: um critério de *adequação descritiva*, que determina a busca pela representação mais fiel e adequada possível das características específicas da gramática de cada língua particular; e um critério de *adequação explicativa*, que pressupõe a derivação de todas essas características da interação do estágio inicial da GU com os dados lingüísticos e a busca por propriedades gerais da linguagem humana.

A gramática gerativa defende que o desenvolvimento da linguagem se dá a partir da maturação de dois tipos de informações inatas fornecidas pela GU: um conjunto de *princípios* universais e invariantes, que são impostos pela Faculdade da Linguagem a todas as línguas humanas, e um conjunto de "princípios em aberto", denominados *parâmetros*, compostos de valores binários, previstos, mas ainda não fixados, a serem determinados de acordo com a exposição aos dados de uma língua.

A gramática de uma língua L seria, por esse ponto de vista, o resultado de uma definição particular dos valores de cada parâmetro gramatical. E a Faculdade da Linguagem é concebida como um sistema modular, ou seja, um sistema auto-contido que apresenta interfaces com outros sistemas mentais.

A versão mais recente do modelo de *Princípios e Parâmetros*, denominado *Programa Minimalista* (PM) (cf. CHOMSKY, 1995; HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005) vê a arquitetura da Faculdade da Linguagem como composta de um *léxico*, de onde são retirados os itens a partir dos quais as sentenças serão formadas, e um *sistema computacional*, que forma expressões maiores, objetos sintáticos, a partir desses itens lexicais, e os envia para os outros sistemas de performance com os quais a linguagem tem interface: o *sistema articulatório-perceptual* (A-P) e o *sistema conceptual-intensional* (C-I).

A tarefa do sistema computacional é, a partir das informações presentes nos itens lexicais, formar um par de objetos (π, λ) , com propriedades fonéticas e semânticas, que devem ser enviados para os níveis de interfaces: a *Forma Fonética* (PF), que é o nível de representação que faz interface com o *sistema articulatório-perceptual* e a *Forma Lógica* (LF), que é a interface com o *sistema conceptual-intensional*.

O PM está assentado na tese de que a Faculdade da Linguagem é um sistema otimizado, guiado por princípios de economia e simplicidade, formatado para atender, de modo satisfatório, às condições impostas pelas interfaces. Dessa forma, crê que os únicos níveis de representação conceitualmente necessários são os que representam interfaces com tais sistemas de desempenho. A postulação da existência de outros níveis internos de representação, como *Estrutura Superficial (SS)* e *Estrutura Profunda*⁴³ (DS) — assumidos nas versões anteriores da teoria — carece, portanto, de comprovação.

O PM também adota uma postura ousada com relação ao formato da Faculdade da Linguagem, ao defender que o sistema computacional da linguagem humana é invariante, ou seja, é único para todas as línguas humanas. Contém, portanto, o mesmo conjunto de operações. As diferenças que as línguas exibem se situam nas características específicas dos itens lexicais, mais especificamente, do léxico funcional, que ativa as operações computacionais.

Os itens lexicais são vistos como conjuntos de traços fonéticos (interpretados por PF), semânticos (interpretados por LF) e formais (utilizados no curso da derivação pelo sistema computacional). Um dos princípios de economia é o princípio de *Interpretação Plena (Full Interpretation - FI)*, segundo o qual só os traços interpretáveis em cada interface podem ser enviados pela computação. PF só pode lidar com traços fonéticos, e LF apenas com traços semânticos (ou traços que tenham uma interpretação semântica). Se, ao final de uma computação, um traço não interpretável for enviado a um desses níveis, essa derivação *fracassa*. Trata-se, portanto, de uma condição de legibilidade a que a Faculdade da Linguagem deve se submeter.

O primeiro passo na derivação de uma sentença é a seleção de itens lexicais para a *numeração*. A partir de uma seleção qualquer de itens lexicais, de uma *numeração* dada, a computação deve formar objetos sintáticos fazendo uso das operações *selecionar (select)*, que retira itens de *numeração* para a derivação; *compor (merge)*, que agrupa itens, aos pares e recursivamente, em um novo objeto sintático; e *mover (move)*, que desloca um objeto sintático já formado para um alvo K (que também é um objeto sintático), formando um terceiro objeto.

Além dessas, há a operação de *Spell-out*, que retira os traços fonéticos da derivação e os envia para PF, onde a sentença receberá uma representação fonética. O material restante é enviado para a interpretação semântica em LF. Qualquer operação realizada antes de *Spell-out* tem repercussão em PF e na ordem linear da sentença.

⁴³ Estrutura Profunda ou Estrutura-D era o nível de representação que mantinha interface com o léxico, representando as propriedades argumentais e temáticas dos itens lexicais. Estrutura Superficial ou Estrutura-S era um nível que antecedia e fornecia informações para LF e PF, após a aplicação das operações transformacionais de movimentos de constituintes.

Operações realizadas após *Spell-out*, ou seja, em LF, não têm repercussão em PF. Trata-se da diferença entre a sintaxe visível e a sintaxe encoberta.

Na sintaxe visível, a numeração deve ser zerada, ou seja, todos os itens previamente selecionados devem ser utilizados pela computação antes de LF, também sob pena de fazer a derivação fracassar. O movimento de constituintes, entretanto, pode ocorrer antes ou depois de *Spell-out*, a depender dos traços que o desencadeiam.

As operações computacionais são guiadas por um mecanismo de checagem dos traços formais dos itens lexicais, que podem ser de dois tipos: *traços fortes*, que exigem que o movimento do item que o carrega para a checagem de traços ocorra antes de *Spell-out*; e *traços fracos*, que não desencadeiam movimento para checagem antes de *Spell-out*, mas que são checados em LF. Em outras palavras, traços fortes precisam ser checados e apagados antes de LF, sob pena de fazer a derivação fracassar. Traços fracos só serão checados após *Spell-out*, em movimentos que não repercutem em PF.

As propriedades paramétricas que diferenciam as línguas estão, assim, por essa concepção, situadas nas propriedades morfológicas dos itens lexicais, mais especificamente, dos itens funcionais do léxico.

2.3. Estudos sobre a negação no âmbito da Gramática Gerativa

Nesta seção, apresento algumas propostas realizadas dentro do quadro teórico da gramática gerativa para dar conta dos marcadores negativos nas línguas humanas. A revisão não se pretende exaustiva. Tendo em vista os objetivos desta Dissertação, concentro-me em trabalhos que, de algum modo, lidam com os marcadores que ocupam a posição pós-verbal na sentença.

Os trabalhos resenhados aqui podem ser divididos entre os que abordam outras línguas quaisquer, principalmente o inglês e o francês, e os que tratam especificamente da negação no PB. Mostro, com base em fatos sintáticos já conhecidos e em outros que apresentei no capítulo precedente, que essas propostas não são inteiramente adequadas para tratar das estruturas [Não V não] e [V não] no PB ou, mais especificamente, no português afro-brasileiro (PAB).

2.3.1. Movimento do verbo e negação: Emonds (1978) e Pollock (1989)

Nesta subseção, apresento a proposta de Pollock (1989) sobre a existência de uma categoria funcional específica, responsável pela negação, denominada NegP. O autor baseia sua proposta em diferenças de distribuição existentes entre partículas negativas e uma classe específica de advérbios que ocuparia a posição inicial do VP. Para tanto, retoma as idéias desenvolvidas por Emonds (1978) sobre a sintaxe dos verbos em inglês e em francês.

Emonds (1978) deriva diferenças sistemáticas na ordenação de advérbios e verbos nessas línguas em função da aplicação das operações de *Movimento do Verbo* ou de *Pulo do Afixo*. Advérbios como *often*, *hardly*, *completely*, *souvent*, *a peine*, *complètement*⁴⁴, entre outros, aparecem, em frases finitas simples, sempre em posição pré-verbal em inglês (1a) e pós-verbal em francês (2a). A alteração nessas ordens implica agramaticalidade, como mostra a versão (b) de cada sentença.

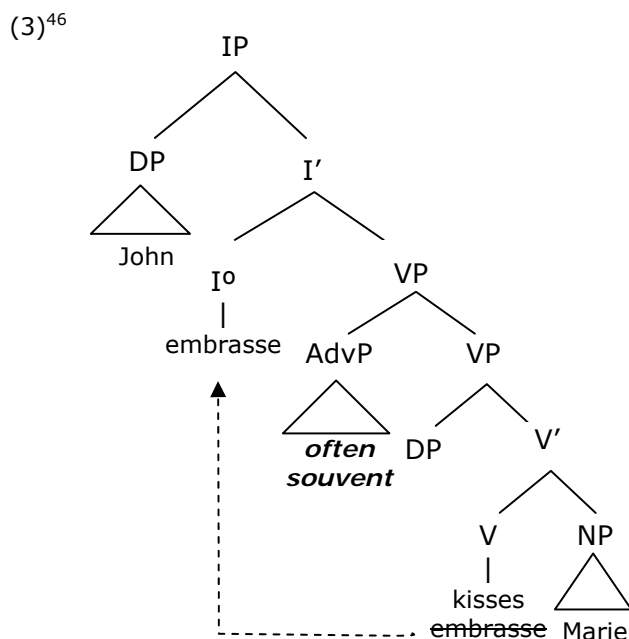
- (1) (a) John *often* kisses Mary (POLLOCK, 1989: 367)
(b) *John kisses *often* Mary
- (2) (a) John embrasse *souvent* Marie
(b) *John *souvent* embrasse Marie
J. (freqüentemente) beija (freqüentemente) M.

Tais advérbios seriam gerados em adjunção à esquerda de VP. A posição pós-verbal em francês, segundo Emonds (1978) seria consequência do movimento obrigatório do verbo para a posição do Aux (= I⁰) nessa língua, passando por cima desses advérbios. Em inglês, diferentemente, o verbo permaneceria em seu lugar, e haveria o deslocamento dos afixos temporais para o núcleo do VP, operação conhecida como *Affix-Hopping*⁴⁵, gerando a posição pós-verbal em inglês na SS (Estrutura Superficial).

⁴⁴ Freqüentemente, dificilmente, completamente.

⁴⁵ No quadro Minimalista, Chomsky (1995) trata dessa diferença em função da aplicação do movimento para a checagem dos traços do verbo se dar antes ou após *Spell-out*. Em francês, I⁰ possuiria traços fortes de concordância, que deveriam ser checados através do movimento do verbo antes de *Spell-out*. Em inglês, os traços de I⁰ seriam fracos, não desencadeando o movimento do verbo, que se daria apenas em LF.

Note-se que, em ambos os casos, os advérbios não se moveriam da posição em que são gerados, como mostrado em (3).



Os verbos modais e auxiliares do inglês se comportariam como os verbos franceses, se movendo obrigatoriamente para I⁰, do que resultaria a posição intermediária dos advérbios entre os verbos modais e os principais (cf. 4). Esses advérbios também figuram entre o auxiliar e o verbo principal em perífrases do francês (cf. 5), uma vez que apenas o auxiliar ocuparia a posição I⁰. O inglês teria, assim, uma aplicação restrita da operação *movimento do verbo*, válida apenas para os auxiliares e os modais (mas não para os verbos lexicais), enquanto o francês apresentaria uma versão ampla da operação do movimento.

- (4) (a) He *had* **never** been there before
 (b) She *is* **often** late
- (5) (a) Elle *a* *souvent* couru
 (b) Elle *est* **souvent** en retard

⁴⁶ A representação é "atualizada" quanto aos rótulos das categorias sintagmáticas. Por outro lado, não põe em foco o movimento do DP sujeito.

A análise dá conta, também, da posição dos advérbios negativos NOT e PAS, que, analisados como advérbios de VP, sempre aparecem após o verbo flexionado (auxiliar ou lexical) do francês (cf. 7) e do inglês (modais e auxiliares) (cf. 6):

- (6) (a) John *is* **not** running
 (b) John *can* **not** summing
 (c) John *will* **not** travel
 Suj AUX NEG V-principal
- (7) (a) Jean (ne) *court* **pas**
 (b) John (ne) *voyagera* **pas**
 Suj (neg) V **NEG**
 (c) Jonh (ne) *va* **pas** *voyager*
 (d) Jonh (ne) *peut* **pas** *nager*
 Suj (neg) AUX **NEG** V-principal

NOT e PAS seriam, assim, gerados em adjunção ao VP do mesmo modo que advérbios como *often* e *souvent*. Sua posição pós-verbal seria resultado do alçamento do verbo para o núcleo de IP em orações finitas.

Para Emonds (1978), as sentenças infinitivas se diferenciam das finitas pela inexistência da posição IP. A posição pré-verbal dos advérbios nas infinitivas, nas duas línguas, seria, para o autor, resultado da impossibilidade de se mover o verbo para I⁰, inexistente na estrutura:

- (8) (a) *Not to be* happy is a prerequisite for writing novels
 (b) *Ne pas être* heureux est une condition pour écrire des romans
 (Neg) NEG **ser** feliz é um pré-requisito para escrever romances
- (9) (a) *To often look* sad during one's honeymoon is rare
 (b) *Souvent paraître* triste pendant son voyage de noce, c'est rare
Adv parecer abatido durante a lua-de-mel é raro
 (POLLOCK, 1989: 373, 376, 377, 381)

A proposta de Emonds (1978) consegue gerar as diferentes posições dos advérbios (incluindo a negação) em inglês e francês através da aplicação de duas

operações universais, o movimento do verbo para a flexão ou dos afixos para o verbo. Não explica, porém, como discute Pollock (1989) já no modelo de Princípios e Parâmetros, porque o movimento *V-para-I* se realiza tanto para os verbos lexicais quanto para os auxiliares em francês, mas apenas para os auxiliares em inglês (não para os lexicais).

Em outras palavras, o que impediria a aplicação do movimento dos verbos lexicais para I^o em inglês? Uma outra questão formulada por Pollock (1989), seguindo a mesma linha, é por que o movimento do afixo não pode acontecer em francês ao contrário do inglês, como atesta a agramaticalidade de (10), em que os advérbios antecedem o verbo.

- (10) (a) *Pierre à *piene* parle l'italien. (POLLOCK, 1989: 378)
 P. dificilmente fala italiano
 (b) *Pierre *presque* oublie son nom
 P. quase esquece seu nome

Sobre as orações infinitas, Pollock (1989) argumenta que a hipótese da inexistência de I^o enfrenta o problema da posição **opcional** de verbos à esquerda de advérbios e de PAS em francês, como em (11).

- (11) (a) Ne *être pas* heureux est une condition pour écrire des romans
 (b) Ne *pas être* heureux est une condition pour écrire des romans
 NEG (*ser*) NEG (*ser*) feliz é um pré-requisito para escrever romances
 (c) *Paraître souvent* triste pendant son voyage de noce, c'est rare
 (d) *Souvent paraître* triste pendant son voyage de noce, c'est rare
 (*Parecer*) adv (*parecer*) abatido durante a lua-de-mel é raro
 (POLLOCK, 1989: 373, 377-378)

Esse mesmo tipo de movimento do verbo em infinitivas também ocorreria em inglês de modo limitado, assim como nas finitas. Verbos auxiliares podem aparecer opcionalmente à esquerda dos advérbios de VP (12a-b), mas verbos lexicais não (12d):

- (12) (a) The English were then said to *never have* had is so good
 (b) The English were then said to *have never* had is so good
 (c) To *hardly speak* italian after years of hard work means you have no gift for languages
 (d) *To *speak hardly* italian after years of hard work means you have no gift for languages

(POLLOCK, 1989: 381-382)

Se não há posição à esquerda dos advérbios para hospedar esses verbos, seria necessário propor estruturas DS's diferentes para frases finitas e infinitas ou a existência de regras específicas para a formação dessas construções, o que vai de encontro às idéias do modelo de *Princípios e Parâmetros*. Ou, ainda, supor a existência de regras específicas para o movimento dos advérbios nas línguas, idéia rejeitada por muitos autores (cf. CHOMSKY, 1998; FIGUEIREDO SILVA, 1996; POLLOCK, 1989).

Além disso, com relação à negação, gerar NOT e PAS em adjunção ao VP não explica porque a presença de NOT causa agramaticalidade da sentença em inglês (13c), a não ser que seja inserido o *DO-support* (13d) para carregar os morfemas flexionais, ao contrário da presença de outros advérbios negativos como *never*, que também seria gerado em adjunção a VP, mas que nem exige (13a) nem permite a inserção de DO (13b).

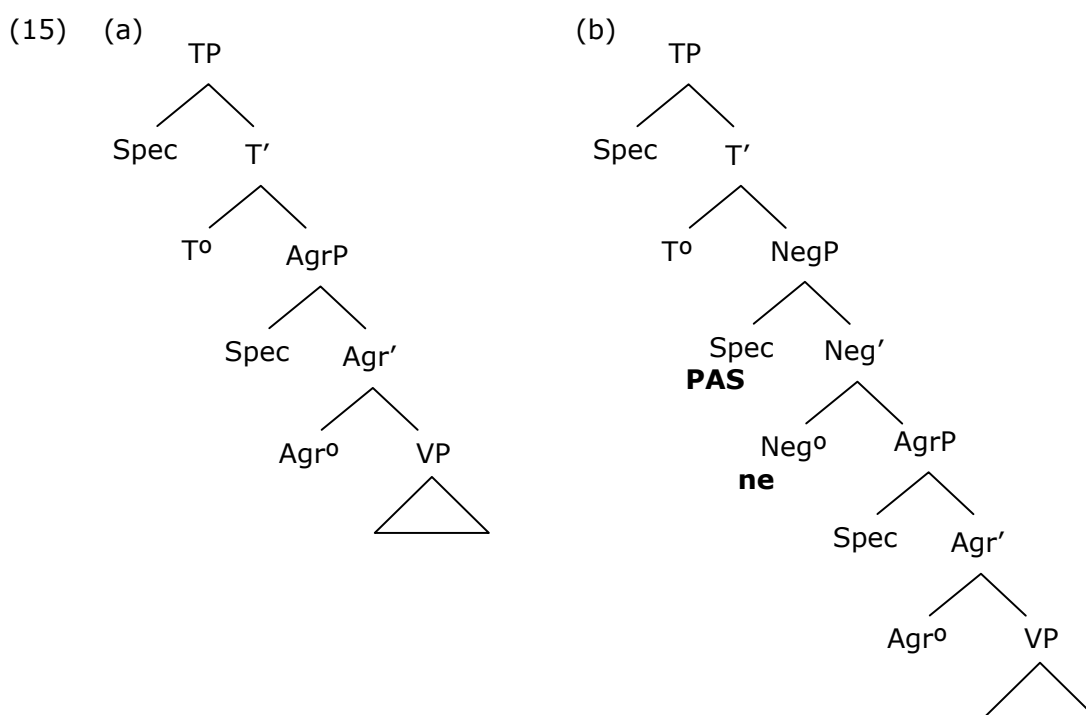
- (13) (a) John *never* kisses Mary
 (b) *John *did never* kisses Mary
 (c) *John *not* kisses Mary
 (d) John *did not* kisses Mary

A simples adjunção de PAS ao VP também não explica porque esse elemento deve anteceder os demais advérbios de VP, nem porque, em orações infinitas, é possível mover verbos lexicais para a esquerda dos demais advérbios, mas não para a esquerda de PAS (14).

- (14) (a) **Perdre** *complètement* la tête pour les belles estudiantes, c'est bien
 (b) *Ne **perdre** *pas* la tête pour les belles estudiantes, c'est bien

(POLLOCK, 1989: 378-379)

Pollock (1989) soluciona os problemas levantados de duas maneiras. Primeiro, propõe a cisão da categoria funcional IP em duas outras, TP e AgrP, que correspondem aos traços de *Tempo* e de *Concordância* presentes em I^o. Segundo, propõe a existência de uma projeção funcional responsável pela negação, NegP. A ordenação dessas categorias está representada em (15). Em frases afirmativas, TP selecionaria diretamente AgrP, que selecionaria o VP (15a). Em negativas, NegP interviria entre TP e AgrP: NegP seria selecionado por TP e selecionaria AgrP (15b). O autor também propõe que TP e AgrP também estariam presentes em sentenças infinitas, com a distinção de que nelas T^o carregaria o traço [-finito].

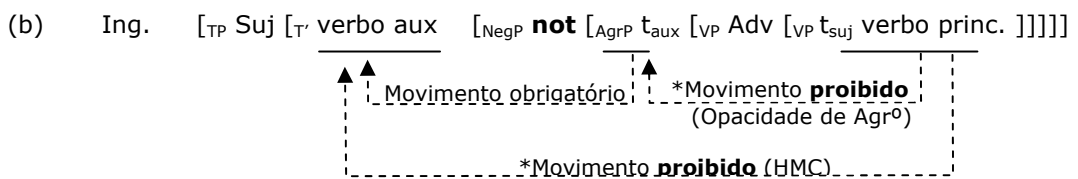
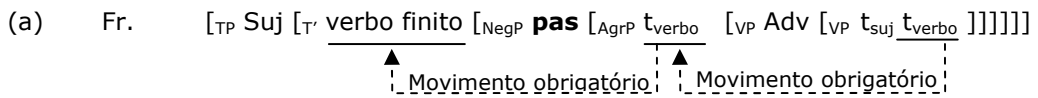


Desse modo, segundo Pollock (1989), as diferenças com relação ao movimento do verbo em frase finitas e infinitas do francês e do inglês podem ser vistas como resultado da interação da teoria temática com a riqueza flexional de Agr^o e com o traço [+/-finito] de T^o.

Em orações finitas, verbos flexionados (lexicais ou auxiliares) do francês se moveriam obrigatoriamente para Agr^o e, conseqüentemente, para T^o, para satisfazer o traço [+finito] desse núcleo, conforme (16a). No inglês, apenas os verbos auxiliares se movem para Agr^o e T^o, conforme (16b), pois, dada a natureza fraca ("opaca", "não transparente") da flexão nessa língua, os verbos lexicais não podem descarregar suas

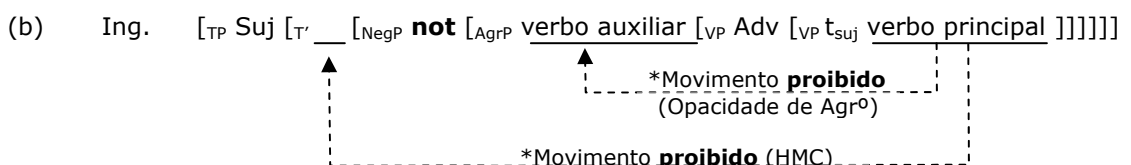
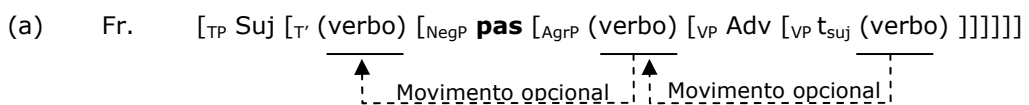
grades temáticas em Agr⁰, permanecendo, então, em V⁰. A solução do inglês é, então, lançar mão do rebaixamento dos afixos de Agr⁰ para V⁰. Uma vez que esses verbos não se movem para Agr⁰, também não podem se mover para T⁰, pois isso infringiria a *Restrição de Movimento de Núcleos* (HMC)⁴⁷.

(16) FINITAS



Em orações infinitas, ocorreria a mesma assimetria entre as duas línguas: Agr⁰ receberia tanto os verbos lexicais quanto os auxiliares franceses, como em (17a), mas apenas os auxiliares ingleses, não os lexicais, como mostra (17b). A existência de Agr⁰ em infinitivas explicaria a presença (opcional) desses verbos à esquerda dos advérbios de VP, o que não acontece com os verbos lexicais do inglês. Os auxiliares franceses, como aponta Pollock (1989), ainda teriam a possibilidade de se mover para T⁰ (também como em 17a).

(17) INFINITAS



⁴⁷ A *Restrição de Movimento de Núcleo* (Head Movement Constraint - HMC) aponta que: Um núcleo só pode se mover para a primeira posição de núcleo que o c-comande.

Os advérbios negativos NOT e PAS seriam, então, gerados não em adjunção ao VP, mas na posição de Spec de NegP. Dessa forma, eles sempre precedem os advérbios de VP. O movimento longo do verbo para Agr^o e depois T^o em orações finitas resultaria na posição pós-verbal de PAS e de NOT. Já o movimento curto apenas para Agr^o em infinitivas desencadearia a posição pré-verbal desses elementos.

Em ambos os casos, a partícula NE do francês seria o núcleo da categoria NegP e, dada a sua natureza clítica, se moveria para a posição de núcleo de TP, onde sempre antecederia o verbo finito⁴⁸. A posição nuclear de NegP em inglês não seria preenchida.

A postulação de que a negação constituiria um núcleo funcional da sentença, projetando uma categoria em que constituintes negativos seriam gerados, é outro aspecto importante da proposta de Pollock (1989) no que tange à negação. A idéia foi seguida por vários outros autores na análise da negação no próprio francês e em outras línguas.

Para o francês, especificamente, a hipótese de NegP como local em que são gerados os itens negativos NE e PAS ainda tem a vantagem de explicar porque a co-ocorrência desses dois elementos não induz leituras de dupla negação (em que uma negação anula a outra, provocando leitura afirmativa).

Um aspecto interessante da proposta de Pollock (1989) é que, segundo ela, não necessariamente existiria um parâmetro associado especificamente à posição da negação nas línguas, que seria o resultado da ação de outros parâmetros sintáticos, como o já estabelecido movimento *V-para-I*.

A aplicação do modelo de Pollock (1989) para a negação tanto pré quanto pós-verbal do PB encontra, porém, alguns problemas. Dado o paralelismo no desenvolvimento da negação pós-verbal em português e no francês e inglês médio (cf. *Introdução, sobre o ciclo de Jespersen*), seria possível, *a priori*, imaginar que a partícula pré-verbal NUM ocuparia a posição de núcleo e que a pós-verbal NÃO, a posição de Spec da categoria funcional NegP, de modo paralelo ao NE e ao PAS do francês. O status de NUM⁴⁹ como núcleo e como clítico é aceito sem reservas por vários autores (cf. RAMOS, 2002; VITRAL, 1999; MIOTO, 1991; MIOTO *et alii*, 2005; E. MARTINS, 1997).

⁴⁸ Rowlett (1998), discutindo a natureza da partícula NE, conclui que tal elemento não seria inerentemente negativo, de que decorreria a sua incapacidade de negar sozinho a sentença. NE receberia o traço [+Neg] de PAS por *Concordância Dinâmica* (RIZZI, 1996), relação em que um operador, em uma posição de especificador, atribui um traço a um núcleo. Dessa forma, Rowlett propõe que PAS é gerado em adjunção ao VP como os demais advérbios de VP, mas se move dessa posição para Spec de NegP.

⁴⁹ Por motivos de clareza e simplicidade, em alguns momentos ao longo do texto, refiro-me ao marcador negativo pré-verbal NÃO do PB apenas por NUM e ao pós-verbal apenas por NÃO.

Contudo, é preciso levar em conta a falta de consenso entre os pesquisadores com relação ao movimento do verbo para IP em PB, em decorrência da redução do paradigma verbal. Não é ponto pacífico se o verbo se move ou se permanece *in situ* no PB ou, caso se mova, se vai até a projeção mais alta ou somente até alguma posição intermediária (cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996: 37-61).

Outro aspecto importante é que a posição pré-verbal de NUM e a posição pós-verbal de NÃO se mantêm em todos os tipos de orações, sejam principais ou subordinadas, finitas ou infinitas, declarativas, imperativas ou interrogativas. Caso o verbo não se mova em PB ou se mova apenas para Agr^o (em todos ou mesmo em apenas alguns tipos de frases), seriam esperadas frases como (18), em que a partícula NÃO, se gerada em Spec de NegP, antecederia não apenas o verbo, como o próprio marcador pré-verbal NUM, o que é agramatical em PB.

(18) * Eu **não num** fiz.

Outro contraste que existe entre o francês e o PB está no fato de que PAS sempre antecede todos os complementos e adjuntos verbais e, em perífrases, antecede também o verbo principal, o que seria agramatical no PB: o NÃO ocupa sempre a posição final do sintagma verbal, seguindo complementos e adjuntos, mesmo os sentenciais, como mostram os exemplos em (19).

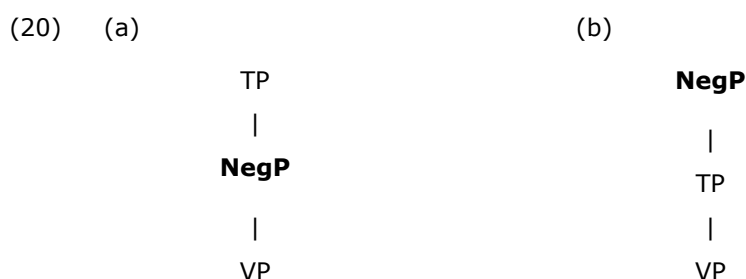
(19) (a) Eu num vou viajar para Londres com Marta **não**.
(b) Eu num dei autorização pra que ele saísse **não**.
(c) Eu num vi se ele chegou atrasado **não**.

Dessa forma, a proposta de Pollock (1989) contribui para o entendimento das formas de expressão da negação sentencial nas línguas, mas não pode ser adotada para o PB sem adaptações que levem em consideração as características específicas de suas construções negativas. Nas próximas seções, apresento as propostas de análise de outros autores, que tomaram como ponto de partida as idéias de Pollock (1989).

2.3.2. Parametrização dos núcleos funcionais e negação: Laka (1990)

Nesta subseção, apresento a proposta de Laka (1990) com relação à negação sentencial em inglês e em basco, que abre mais uma possibilidade para a geração das posições pré e pós-verbal das partículas negativas. A autora assume a hipótese de Pollock (1989) sobre a existência de uma categoria funcional responsável pela negação, mas associa a ela também uma propriedade paramétrica não prevista por ele. Para Laka (1990), a posição de NegP em relação às demais categorias funcionais da sentença não é fixa, mas está sujeita a variação interlingüística, determinada pela variação nas propriedades de seleção dos itens funcionais.

Diferentemente do que ocorre com as categorias lexicais, que têm suas relações de seleção fixas e transparentes, determinadas por critérios tanto formais quanto semânticos, as categorias funcionais, segundo a autora, podem exibir variação na subcategorização de seus complementos, o que possibilita a existência de dois tipos de relação de subcategorização (e ordenação) envolvendo T^o e Neg^o: (i) TP pode selecionar NegP como complemento, como em (20a) ou (ii) NegP pode selecionar TP, como em (20b):



A hipótese está de acordo com Chomsky (1989), que propõe que as diferenças paramétricas entre as línguas se resumem às “partes não substantivas do léxico”, ou seja, às categorias funcionais.

Segundo Laka (1990), o inglês representa uma língua em que TP seleciona NegP, enquanto o basco, diferentemente, seria uma língua em que NegP seleciona (e, conseqüentemente, domina) TP. A autora baseia sua análise para o basco em três tipos de evidências: (i) diferenças que a presença da negação causa na estrutura da sentença, (ii) o licenciamento de itens de polaridade negativa (iii) e a elipse sentencial.

Ela mostra que, no basco, em frases afirmativas, o auxiliar flexionado sempre segue o verbo principal (21a-b), nunca o contrário (21c) e que entre eles deve haver

adjacência estrita — nenhum elemento pode interferir entre a posição do verbo e do auxiliar (21d).

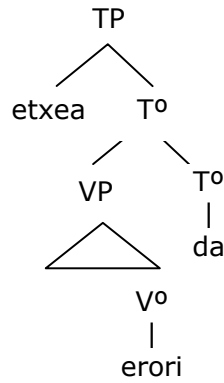
- (21) (a) Ume-a **etorri da**
 Menino-o chegou tem
 "O menino chegou"
- (b) Etxea **erori da**
 Casa caído tem
 "A casa caiu"
- (c) *Etxea **da erori**
 Casa tem caído
- (d) ***Erori** etxea **da**
 Caído casa tem
 (LAKA, 1990: 14, 18-19)

Porém, a presença do marcador de negação sentencial "EZ" altera essa ordem básica. O auxiliar passa a seguir a negação e preceder o verbo (22a-b). A exigência de adjacência entre auxiliar e verbo se perde (cf. 22b *versus* 21d). O auxiliar agora deve manter adjacência com a negação (22c-d).

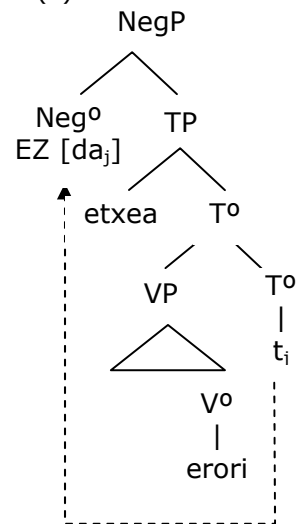
- (22) (a) Etxea **EZ da** erori
 Casa NEG tem caído
 "A casa caiu"
- (b) **EZ da** etxea erori
 NEG tem casa caído
- (c) ***EZ** etxea erori **da**
 NEG casa caído tem
- (d) ***EZ** etxea **da** erori
 NEG casa tem caído
 (LAKA, 1990: 25-26)

A partir desses dados, Laka (1990) assume que, com exceção de NegP, o basco é uma língua de núcleo final, o que explica a posição pós-verbal do auxiliar. A estrutura de uma sentença afirmativa e de uma negativa seriam as representadas em (23a) e (b) respectivamente.

(23)⁵⁰ (a)



(b)



Em negativas, a inversão da ordem V-AUX e a adjacência NEG-AUX ocorrem porque o auxiliar deve se mover obrigatoriamente para a posição de Neg⁰ para atender a um requerimento da GU, denominado por Laka *condição de c-comando de tempo*, que exige que o Tempo c-comande, em SS, todos os operadores proposicionais da sentença. Sendo NegP marcado em basco como uma categoria de núcleo inicial, diferentemente dos outros XPs da língua, o movimento do auxiliar de T⁰ para Neg⁰ provoca a ordem NEG-AUX e permite que um elemento em Spec de TP ou mesmo em adjunção ao VP ou ao TP interfira entre o auxiliar e o verbo, como *etxea* em (23b)

Laka (1990) salienta que esse movimento está de acordo com os requerimentos da GU postulados pela teoria: não inflige a *Restrição de movimento de núcleo* (HMC), uma vez que o auxiliar está se movendo para o núcleo da categoria imediatamente superior que o domina, e permitindo que o vestígio do movimento seja apropriadamente regido, de acordo com o *Princípio das categorias vazias*⁵¹.

O segundo argumento a favor de tal análise é baseado no fato de que o basco licencia *itens de polaridade negativa* (NPIs) em posição de sujeito, o que só ocorreria se NEG fosse gerada ou se movesse para uma posição acima de Spec de TP. Em inglês, por exemplo, NPIs em posição de sujeito só podem ser licenciados em interrogativas em que

⁵⁰ As representações não detalham a estrutura interna do VP nem a posição em que o sujeito é gerado ou o movimento que sofre.

⁵¹ *Princípio das categorias vazias* tem a seguinte formulação:

Uma categoria vazia [-pronominal] deve ser:

- (i) regida dentro da projeção intermediária X' pelo núcleo lexical que lhe atribui papel θ
- (ii) regida pelo seu antecedente

a negação se move com o auxiliar para C⁰. Compare-se o comportamento de *anybody* em (24) com o de *inor* em (25).

- (24) (a) **Anybody didn't* come (LAKA, 1990: 35)
 Alguém AUX NEG vir
 (b) **Didn't anybody* come (exemplo meu)
 AUX NEG alguém vir
 (c) *Who doesn't anybody* like? (MIOTO, 1991: 22)
 Quem AUX NEG alguém gostar

- (25) (a) **EZ** da *inor* etorri
 NEG tem ninguém_{NPI} vindo
 "Ninguém veio"
 (b) **EZ** dio inork Iboni etxea eman
 NEG tem ninguém Ibon-para casa dada
 "Ninguém deu a casa para Ibon"
 (LAKA, 1990: 36)

O terceiro argumento da autora mostra que, diferentemente do inglês, o basco pode, em estruturas de coordenação, realizar elipse da sentença, mantendo apenas a negação, conforme (26).

- (26) (a) Marik liburua erosi du eta Peruk **EZ** (LAKA, 1990: 33)
 Maria livro comprado tem e Peruk NEG
 "Maria comprou o livro, mas Pedro não"

No inglês, uma vez que NegP é gerado abaixo de TP, é impossível fazer elipse da sentença, apagando TP, mas sem apagar também a negação. Compare-se (26) com (27). (27a) mostra que o auxiliar é o recurso típico do inglês para permitir elipse sentencial. Em (27b), a elipse não atinge nem a negação nem o auxiliar. Em (27c), o apagamento de TP, com a manutenção da negação, é agramatical.

- (27) (a) *Mary didn't buy a book, but Peter **did*** (exemplo meu)
 (b) *Mary bought a book and Peter **didn't*** (LAKA, 1991: 32)
 (c) **Mary bought a book and Peter **not*** (LAKA, 1991: 32)

Com o fim de discutir as propriedades da categoria NegP, Laka (1990) demonstra também a existência de simetrias entre a negação e a afirmação enfática. Segundo ela, tanto em basco quanto em inglês, a presença de um elemento enfático também provoca as mesmas alterações na ordem dos constituintes da sentença que a negação, conforme pode ser visto em (28) e (29).

- (28) (a) Mary left
 (b) Mary didn't leave
 (c) * Mary did leave (afirmação neutra)
 (d) Mary DID leave (afirmação enfática)
 "Maria (não) saiu"
 (LAKA, 1991: 84)

- (29) (a) Mari joan da
 M. sair tem
 (b) Mari ez da joan
 M. neg tem sair
 (c) * Mari da joan (afirmação neutra)
 M. tem sair
 (d) MARI da joan (afirmação enfática)
 M. tem sair
 "Maria (não) saiu"
 (LAKA, 1991: 84)

Em (28b) e (28d), pode-se ver que tanto a negação quanto a afirmação enfática provocam a inserção de DO, que é agramatical fora desses contextos, ou seja, em afirmação neutra (28c). Do mesmo modo, em basco, a negação e a ênfase provocam a inversão da ordem V-AUX para AUX-V (29b) e (29d), que é agramatical em afirmativas neutras.

Baseada nisso, a autora propõe que as partículas afirmativas e as negativas se encontram em distribuição complementar na oração, ou seja, ocorrem sob a mesma categoria. Isso implica que NegP não é uma categoria exclusiva para a negação, mas geral para marcadores da polaridade da sentença. Propõe, assim, a existência de uma categoria ΣP , responsável pela polaridade da sentença, que pode ser preenchida por um traço negativo [+Neg] ou afirmativo [+Aff].

A proposta de Laka (1990) tem a importância de abrir a possibilidade para que a negação, ou a categoria NegP, seja gerada em posições diferentes, a depender da língua, o que implica a existência de um parâmetro relacionado especificamente à (ordem da) negação. Assim, a posição pós-verbal seria resultado de NegP ser gerado abaixo de TP⁵², enquanto a posição pré-verbal se daria por NegP ser gerado acima de TP. Na proposta de Pollock (1989), conforme visto em 2.2.1., as posições pré e pós-verbal se dariam, basicamente, em função de outro parâmetro sintático independente, o movimento do verbo. A posição pré-verbal também poderia ser consequência da natureza clítica do marcador, que levaria ao seu deslocamento para T⁰ junto com o verbo finito, caso de NE do francês.

A aplicação do modelo de Laka (1990) ao marcador pós-verbal do PB encontra os mesmos problemas apontados para o modelo de Pollock (1989), em decorrência da posição final absoluta de NÃO, contrária ao que prevê a estruturação [TP [NegP [VP]]]. Como apontado na seção anterior, o NÃO segue todos os complementos e adjuntos verbais ao invés de os preceder (cf. exemplos em 19).

Entretanto, a proposta pode levar à rediscussão da posição em que o marcador pré-verbal é gerado. Ainda que o marcador pré-verbal não seja o foco principal desta Dissertação, uma vez que o PB conta não só com [Não V] e [V não], mas também com [Não V não], investigar a posição NUM é importante para verificar a relação existente entre os dois marcadores.

Há, agora, duas possibilidades quanto à posição de NUM: ou ele é gerado numa posição abaixo de TP e sua posição final é resultado do movimento para T⁰ junto com o verbo ou pode ser inserido diretamente numa posição acima de TP. As duas possibilidades de análise são encontradas entre os autores que trabalham com o PB: Vitral (1999) assume a ordenação [TP [NegP]]⁵³ e Mito (1991) defende [NegP [TP]]. Nenhum dos dois autores, porém, trabalha com as estruturas em que o marcador ocupa a posição final da oração, mas se concentram no estatuto do marcador pré-verbal⁵⁴.

Levando-se em conta as evidências apontadas por Laka (1990) para propor a ordenação [NegP [TP]] em basco, os resultados não são conclusivos no PB. Com relação à elipse sentencial, o PB permite, em estruturas de coordenação, o apagamento da sentença com a manutenção da negação (30), do mesmo modo que o basco. Entretanto,

⁵² Ao menos em línguas em que há movimento do verbo para T⁰.

⁵³ Segundo Vitral (1999), a negação deve sempre c-comandar um núcleo lexical. NegP, portanto, selecionaria o VP como complemento. O autor também assume uma ordenação das categorias funcionais em que AgrP seleciona TP.

⁵⁴ A discussão que Vitral (1999) faz sobre a posição pós-verbal de marcadores negativos se concentra em outras línguas, em que tal posição seria fruto de movimento de V para uma posição superior, análise que, como vimos, não funciona para o PB.

a posição final do sujeito no PB é à esquerda da negação; não entre o auxiliar e o verbo principal, como em basco, como mostram (31a) *versus* (22b), repetido como (31b).

(30) Udo conseguiu o emprego e o Max não. (VITRAL, 1999)

(31) (a) A casa **não** tinha caído
(b) **EZ** da etxea erori
NEG tem casa caído

Com relação aos PNIs, apesar de ocorrerem em posição de sujeito, isso não se deve ao c-comando por um marcador negativo, mas ao fato de, nessa posição, no PB, os PNIs se comportarem como quantificadores negativos: eles impedem o aparecimento do marcador negativo pré-verbal e ainda podem eles mesmos licenciar NPIs em posição pós-verbal.

(32) (a) **Ninguém** saiu.
(b) **Nada** aconteceu.
(c) **Ninguém** viu **nada**.

Dessa forma, a proposta de Laka (1990), assim como a de Pollock (1989), não se mostra adequada para dar conta das estruturas [Não V não] e [V não] do PB, mas suas idéias influenciam alguns dos trabalhos realizados sobre o PB e apresentados nesse capítulo nas seções 2.3.4 a 2.3.6. Na próxima seção, apresento ainda a proposta de Zanuttini (1995), antes de entrar em trabalhos que tratam especificamente do PB.

2.3.3. Força dos marcadores negativos: Zanuttini (1995)

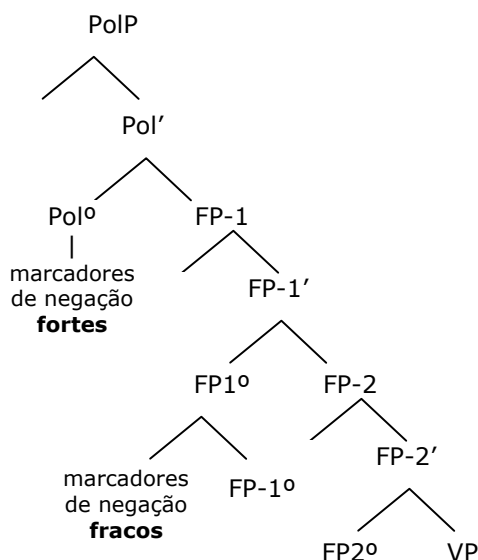
Nesta subseção, apresento a proposta de Zanuttini (1995), que aborda a distribuição das partículas negativas em várias línguas românicas, principalmente, em dialetos do nordeste da Itália.

Tratando das diferenças entre as partículas negativas, Zanuttini (1995) mostra que as línguas (românicas) podem exibir dois tipos de marcadores pré-verbais: um primeiro tipo que pode negar a sentença independentemente e um segundo tipo que não o pode, mas depende da ocorrência obrigatória de uma outra partícula negativa pós-verbal. A autora defende que essa distinção se deve à natureza do traço negativo que as partículas carregam e da posição sintática que ocupam.

As partículas que podem negar a sentença apresentam um traço negativo forte, que é checado ainda em SS. Tais marcadores seriam núcleos que ocorreriam sob uma categoria específica responsável pela checagem dos traços de polaridade negativa (ou afirmativa) da sentença, cuja posição seria acima de IP, semelhantemente à categoria ΣP , proposta por Laka (1991). Zanuttini (1995) denomina essa categoria PolP (= *Polarity Phrase*) e esse tipo de partículas como *marcadores de negação fortes*.

Por outro lado, as partículas que não são capazes de negar a sentença possuiriam um traço negativo fraco, que não seria checado em PolP, ao menos na sintaxe visível⁵⁵. Essas partículas, denominadas de *marcadores de negação fracos*, ocorreriam não em PolP, mas em adjunção ao núcleo de uma categoria funcional independente, provavelmente uma das categorias responsáveis pela flexão verbal. As posições ocupadas pelos marcadores fortes e fracos podem ser vistas na representação em (33).

(33)⁵⁶



⁵⁵ Para a autora, não está certo sequer que esses marcadores teriam o traço checado em LF, uma vez que os marcadores pós-verbais é que, provavelmente, checariam o traço negativo.

⁵⁶ Na representação, FP significa apenas Functional Phrase, se referindo a uma categoria flexional qualquer.

A análise é baseada nas diferenças de distribuição dos marcadores fortes e fracos com relação aos clíticos verbais, que indicam que os marcadores fortes sempre ocupam uma posição mais alta que os fracos. Os marcadores fortes, por exemplo, sempre precedem todos os clíticos complementos, ao passo que os fracos precedem apenas alguns deles (os de terceira pessoa, os locativos e os partitivos) e seguem outros (os de primeira e segunda pessoa e os reflexivos).

Ao tratar dos marcadores pós-verbais, Zanuttini (1995) lida com as diferenças de posição entre estes e os demais advérbios que ocorrem entre IP e VP, ou seja, que, em locuções, aparecem entre o verbo flexionado e formas nominais como o particípio passado. Como já apontei anteriormente, a partícula negativa pós-verbal do PB difere por ocorrer em posição final absoluta da sentença, enquanto as partículas tratadas nos trabalhos de outros autores aparecem imediatamente após o verbo finito, o que faz com que a discussão da posição que ocupam contribua pouco para o entendimento da posição do NÃO final no PB.

A análise de Zanuttini (1995) tem a importância, porém, de apontar a existência de marcadores pós-verbais com conteúdo pressuposicional *versus* marcadores que não expressam esse conteúdo. O piemontês, por exemplo, apresenta uma alternância entre esses dois tipos de marcadores: *NEN* é um marcador neutro e *PA* é um marcador de valor pressuposicional (34).

- (34) Maria a mangia **pa** / **nen** la cara (ZANUTTINI, 1995)
M. suj-clítico comer **NEG** a carne

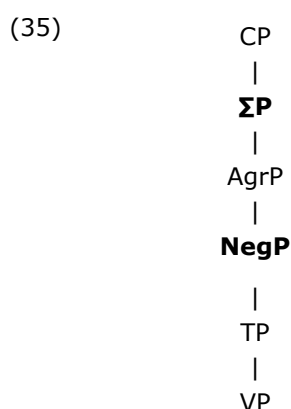
Além disso, sua análise do *status* dos marcadores pré-verbais fracos e fortes e do seu comportamento com relação a PoIP influencia alguns trabalhos desenvolvidos sobre a negação final no PB, que serão apresentados nas próximas subseções.

2.3.4. Força dos marcadores negativos do PB: E. Martins (1997)

Apresento, nesta subseção, a proposta de E. Martins (1997), que trata, dentro do Programa Minimalista, especificamente, da existência de tipos diferentes de negativas no PB. A autora relaciona esse aspecto da gramática do PB diretamente a um processo de mudança dos padrões negativos nas línguas, descrito pelo *ciclo de Jespersen*, relacionando, assim, o surgimento de [Não V não] e [V não] a um enfraquecimento do marcador negativo pré-verbal. Manifesto na redução fonética de NÃO para NUM, esse enfraquecimento resulta, segundo a autora, na impossibilidade dessa partícula negar a sentença independentemente, em função da natureza fraca de seu traço negativo. (cf. ZANUTTINI, 1995).

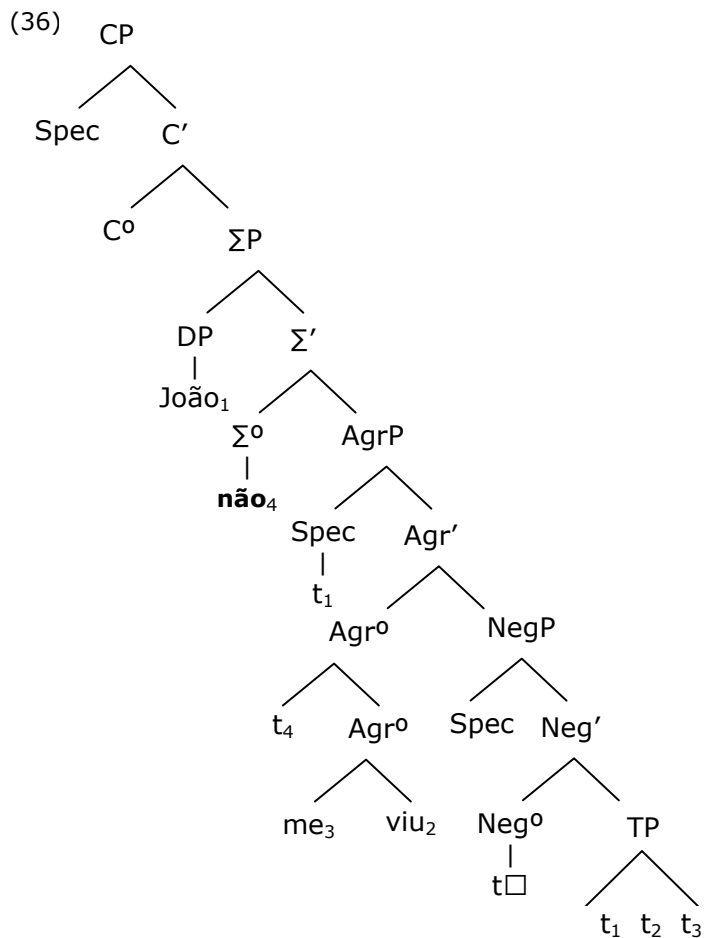
E. Martins (1997) elabora, então, uma proposta em que o *status* do marcador pré-verbal se reflete na estrutura sintática da sentença. Para isso, assume, de acordo com Pollock (1989), a existência da categoria NegP, em que os marcadores negativos são gerados. Além disso, assume também outra categoria funcional em que, de acordo com Laka (1990) e Zanuttini (1995), os traços de partículas negativas ou afirmativas são checados, a saber: Σ P.

Na ordenação das categorias funcionais, segue a proposta de Chomsky (1989), segundo a qual AgrP domina TP, e não o contrário. E insere NegP diretamente entre AgrP e TP, embora discorde de Zanuttini (1995) e Belletti (1990) sobre a ocorrência da negação ser restrita a estruturas com Tempo. Por outro lado, sendo a categoria responsável pela checagem dos traços negativos, aloca Σ P em uma posição mais alta, entre CP e AgrP, conforme representação em (35)⁵⁷.



⁵⁷ E. Martins (1997) assume ainda a existência de uma categoria responsável pela concordância com o objeto, AgrOP, de acordo com Chomsky (1989). Omito essa categoria nas representações por uma questão de espaço, uma vez que a mesma não desempenha função significativa na argumentação.

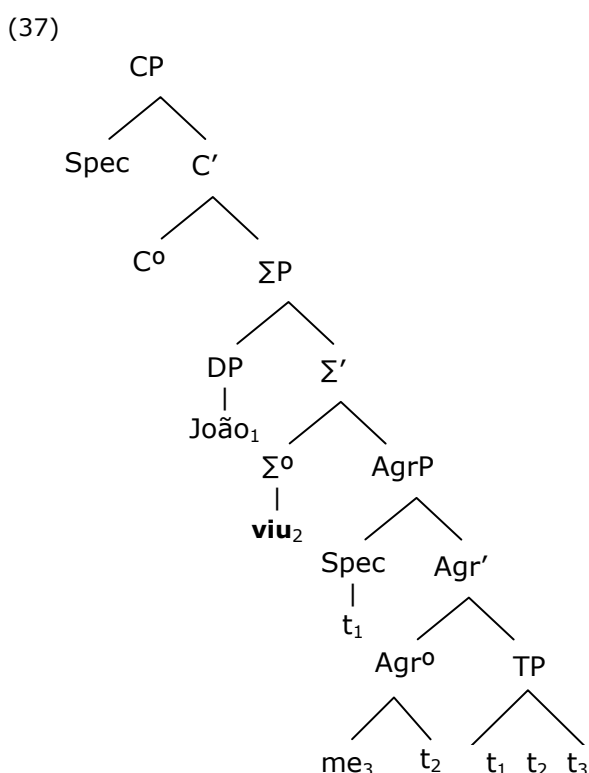
Propõe, então, que, no PE e no PB *Standart*⁵⁸, ΣP possui traços fortes, exigindo a checagem dos traços negativos e afirmativos antes de *Spell-out*, o que desencadeia repercussões em PF. Essas duas variedades possuiriam, então, um marcador pré-verbal pleno NÃO, que seria gerado em Neg^0 e se moveria para Σ^0 para a checagem dos traços, passando por Agr^0 , conforme representação em (36). Disso resultaria a posição pré-verbal de NÃO e a próclise obrigatória em sentenças negativas nessas variedades. A autora assume ainda que Spec de ΣP é a posição de atribuição de caso nominativo em português, estipulação que é necessária para explicar a posição do sujeito à esquerda da negação.



⁵⁸ Variedade escrita e literária.

Também em frases afirmativas, a natureza forte de ΣP no PE e no PB *Standart* exigiria a checagem dos traços antes de *Spell-out*, condição que seria satisfeita pelo movimento do verbo de Agr^0 para Σ^0 . E. Martins (1997) assume, assim, de acordo com A. M. Martins (1994), que o verbo seria projetado do léxico com um morfema afirmativo nulo (*silent*), que desencadearia esse movimento.

A checagem dos traços fortes de ΣP pelo movimento do verbo reflete-se, segundo a autora, na ênclise obrigatória em frases afirmativas, uma vez que o pronome clítico permaneceria adjungido a Agr^0 e o verbo na posição mais alta Σ^0 , conforme representação em (37). Nisso, também está de acordo com a proposta de A. M. Martins (1994).

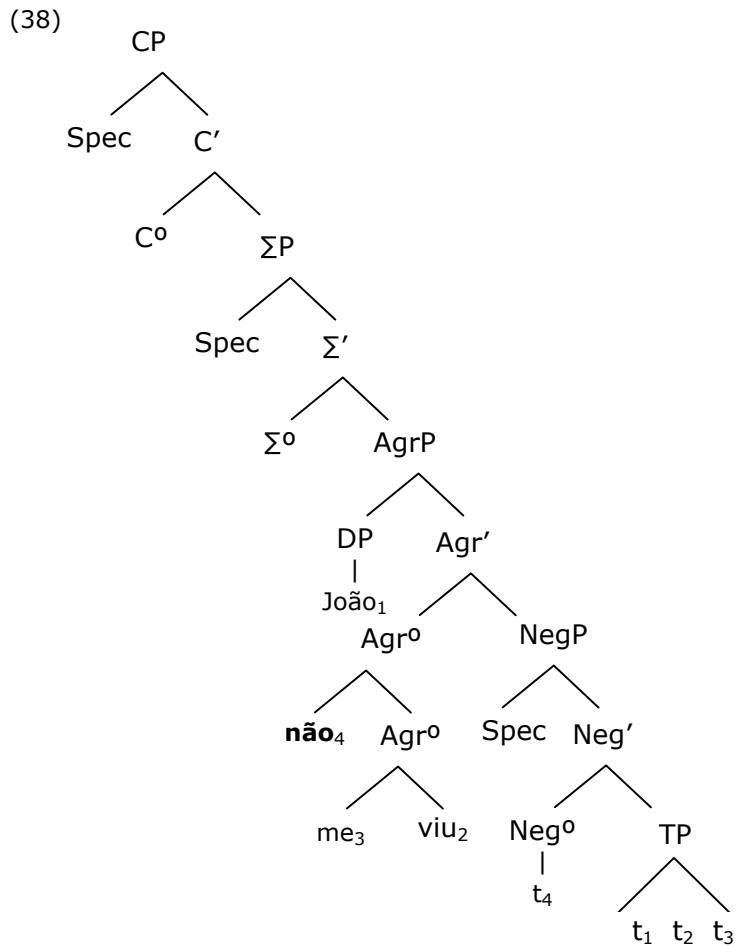


Segundo E. Martins (1997), na variedade falada do PB, contudo, o marcador negativo pré-verbal, muitas vezes realizado sob a forma reduzida NUM, seria fraco, ou seja, incapaz de negar a sentença independentemente, e exigiria a co-ocorrência de uma outra partícula negativa para negar a sentença, como em [Não V não]. As ocorrências de [Não V] na linguagem falada seriam, então, resquícios de um estágio anterior do PB:

This does not mean that we do not find a pre-verbal *não* negating a sentence alone in spoken language, but that pre-verbal *não*, which is fully pronounced when used to negate a sentence alone, is only a remnant of the pre-verbal *não* used in earlier stages of Brazilian Portuguese and which is already used in formal and written language. (E. MARTINS, 1997: 24)⁵⁹

Σ P possuiria, então, traços fracos no PB, não exigindo o movimento antes de *Spell-out* nem para checagem de traços negativos nem de afirmativos. Dessa forma, o verbo permanece em Agr⁰ no PB, tanto nas sentenças afirmativas quanto nas negativas, o que explica a próclise generalizada. A posição pré-verbal da partícula negativa, por outro lado, não seria causada pelo movimento desta para Σ^0 , pois, de acordo com o princípio *Procrastinar* (Chomsky, 1995), a checagem de traços fracos só se dá após *Spell-out*. A posição da negação é, então, consequência do estatuto clítico de NUM, que exige o seu movimento para adjunção a Agr⁰, do mesmo modo que os clíticos pronominais. A posição final ocupada pelo verbo, da negação e dos clíticos pode ser vista na representação em (38).

⁵⁹ “Isso não significa que nós não encontremos um *não* pré-verbal negando uma sentença sozinho na linguagem falada, mas que o *não* pré-verbal, que é plenamente pronunciado quando usado para negar a sentença sozinho, é apenas um remanescente do *não* pré-verbal usado em estágios anteriores do Português Brasileiro e que ainda é usado na linguagem formal e escrita.” (tradução minha)



Com relação ao marcador negativo pós-verbal, E. Martins (1997) salienta que este não apenas segue o verbo finito, mas também as formas não flexionadas em locuções e todos os complementos e adjuntos verbais, em todos os tipos de orações (imperativas, interrogativas e declarativas), conforme exemplos em (39).

- (39) (a) Ele **não** tem estado muito bem ultimamente **não**
 (b) Você **não** viu o jornal da televisão ontem à noite **não**?
 (c) **Não** bate a porta **não**!

(MARTINS, E., 1997: 34)

A autora atribui, contudo, *status* diferenciado à partícula final que ocorre em [Não V não] e em [V não]. Segundo ela, em [Não V não], o NÃO é um tipo de advérbio de VP, utilizado com função enfática e como recurso para negar a sentença devido à incapacidade de o NÃO “reduzido” o fazer. Para gerar a posição final desse advérbio, não lança mão do recurso de adjunção à direita aos níveis VP ou ao V', disponível em versões anteriores da teoria X-barrá⁶⁰, mas leva em consideração o *Axioma de Correspondência Linear* (LCA), proposto por Kayne (1994), segundo o qual a precedência linear é determinada pela relação de c-comando assimétrico.

Segundo o LCA, se um elemento precede superficialmente outro é porque o c-comanda na estrutura hierárquica⁶¹. A consequência disso é que adjungir um advérbio ao VP ou ao V' implica que este irá preceder os complementos verbais (e até mesmo o verbo em línguas em que esse não se move para I⁰), ao contrário do que se verifica. Portanto, para dar conta da estrutura [Não V não], é necessário propor uma estrutura em que os complementos verbais c-comandem assimetricamente a negação. Para chegar a uma estrutura como essa, E. Martins (1997) recorre às idéias de McConnell (1982) e de Larson (1988).

Segundo McConnell (1982), não se pode pensar que advérbios se adjungem livremente a qualquer verbo, mas são sub-categorizados por estes, como mostram as frases em (40), em que o advérbio e a locução adverbial com valor locativo são pedidos pelos verbos respectivos e a sua omissão implica agramaticalidade.

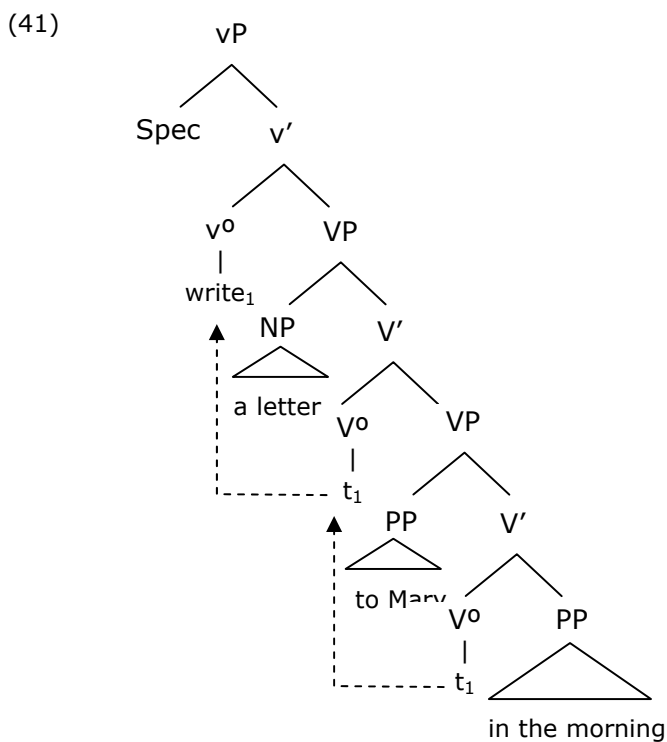
- (40) (a) Joan behaved *(rudely) to Marcia
(b) Joan resides *(in Kalamazoo).
(MARTINS, E., 1997: 38).

E. Martins (1997) articula a posição de McConnell (1982) com a proposta do VP *shell*, de Larson (1988), segundo o qual o VP seria estruturado em várias camadas. Desse modo, inicialmente, o verbo poderia estar associado a um elemento adverbial, que funcionaria como seu complemento, criando um primeiro nível V'. Nessa configuração, o verbo já c-comanda o constituinte adverbial. O V' se associaria ao complemento indireto,

⁶⁰ Para uma proposta alternativa, baseada na adjunção da negação à direita do VP, remeto o leitor ao trabalho de Afonso (2003).

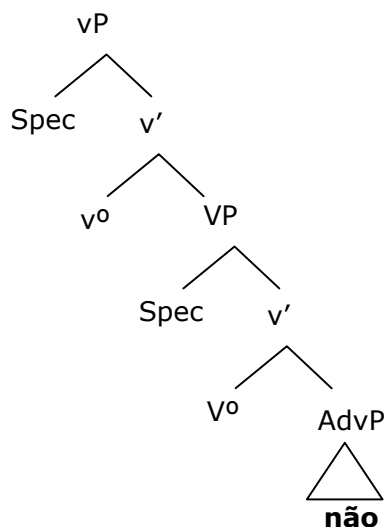
⁶¹ Uma exposição mais ampla sobre o funcionamento do LCA foge aos limites dessa Dissertação.

que funcionaria como especificador do VP recém-formado. O verbo, em seguida, se moveria para a posição superior, criando um outro V', que teria o primeiro VP como seu complemento. Em seguida, o complemento direto se uniria a esse V', como especificador, formando um segundo VP. Por fim, o verbo se moveria para a posição de núcleo superior, principal do VP *shell*, v^0 , de onde c-comandaria tanto os complementos direto e indireto, quanto o elemento adverbial, conforme representação em (41).



A estrutura completa de [Não V não] contém, então: um marcador pré-verbal fraco (“reduzido”), que é gerado em Neg^0 , e, sendo clítico, se move para adjungir-se ao núcleo Agr^0 , como mostra (38); e um outro marcador com valor adverbial, gerado como complemento de V^0 em uma estrutura verbal de camadas, conforme (42), abaixo. Nessa estrutura, a categoria ΣP está presente, mas possui traços fracos, que não ativam o movimento de nenhum constituinte negativo para o seu núcleo na sintaxe visível.

(42)



Com relação a [V não], a autora considera os usos e a função pragmática que esta estrutura desempenha. Segundo ela, [V não] ocorre em dois contextos específicos: em respostas a perguntas do tipo sim / não e em imperativas com valor negativo, exemplificadas em (43):

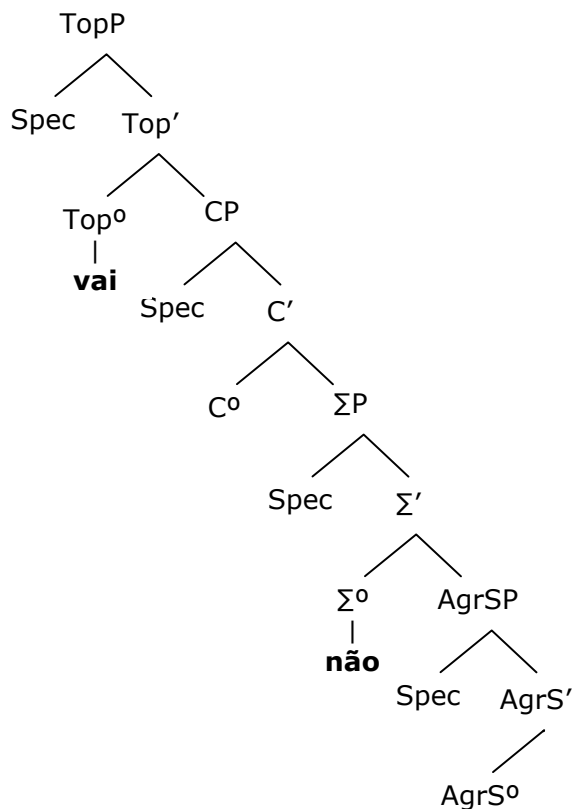
- (43) (a) O João vai?
(Não,) vai **não**.
(b) Bate a porta **não**!
(c) Me perturba **não**!

(MARTINS, E., 1997: 44)

A autora considera, então, que, nessas construções, a sentença negada funciona como um tópico e a negação como um comentário sobre esse tópico, em uma estrutura do tipo tema / rema. A partir disso, propõe que há um movimento do verbo ou de toda a sentença para a posição de TopP, acima de CP e acima também da posição ocupada pelo NÃO, que estaria em Σ^0 , conforme representação em (44).

- (44) (a) [_{TopP} vai₁ [_{CP} [_{ΣP} *pro não* [_{AgrP} t₁ ...]]]]
 (b) [_{TopP} bate a porta₁ [_{CP} [_{ΣP} *pro não* [_{AgrP} [_{TP} [VP t]]]]]

(c)⁶²



A proposta de E. Martins (1997) tem a importância de postular diferenças formais entre as negativas [Não V não] e [V não] que não se restringem ao simples apagamento da partícula pré-verbal em [V não]. As diferenças postuladas pela autora dizem respeito (i) à numeração inicial de que essas construções partem; (ii) ao estatuto e posição ocupada pelas partículas finais; (iii) e à estrutura sintática.

Em outras palavras, em [Não V não] estão presentes dois elementos negativos, um núcleo (fraco) que é gerado em NegP e se move para Agr⁰ e um advérbio que é

⁶² As representações em (44) reproduzem igualmente as apresentadas por E. Martins (1997: 46). Entretanto, é preciso pontuar que, apesar de VAI aparecer em Top⁰ em (44c), a autora provavelmente pensava na posição de Spec de TopP, uma vez que mostra também a topicalização do constituinte BATE A PORTA, que não pode ocupar uma posição de núcleo.

gerado e permanece interno ao VP. Já em [V não] está presente um único marcador negativo, um núcleo forte que checa seus traços em Σ^0 ⁶³.

Também tem a vantagem de conseguir relacionar a negativa [V não] a sua função discursiva, com a topicalização, que seria responsável por ativar as pressuposições informacionais apontadas em outros trabalhos como características desse tipo de negativa (cf. capítulo 1).

Creio, porém, que sua proposta ainda não é de toda satisfatória para dar conta das diferenças entre essas construções. Primeiramente, é possível estabelecer, como será feito no capítulo 3, diferenças entre [Não V não] e [V não], sem postular dois tipos distintos de NÃO-final, mas como conseqüências da aplicação diferenciada de operações computacionais em decorrência da ausência de NUM na numeração.

Em segundo lugar, é preciso notar que, dentro do sistema criado pela autora, postular Σ^0 como posição de NÃO em [V não] implica assumir um traço forte para a categoria ΣP nessa construção, o que contraria sua posição sobre ΣP possuir traços fracos no PB falado. Mais do que isso, a idéia acaba por igualar o marcador final de [V não] ao pré-verbal de [Não V], uma vez que ambos são fortes e exigem checagem dos traços em Σ^0 antes de *Spell-out*. A dificuldade técnica dessa idéia se situa no nível da inserção dos itens da Numeração para a entrada na derivação da sentença. O que determina que, em [Não V], o NÃO seja inserido em Neg^0 e em [V não] em Σ^0 ?

A terceira questão diz respeito à suposição de Spec de ΣP como posição de atribuição do caso nominativo, que é necessária em seu sistema para gerar a ordem [Suj NÃO V]. Além de não explicitar argumentos em favor dela, essa análise não conseguiria facilmente dar conta de frases como (45), em que o sujeito ocorre antes do verbo. Não haveria como topicalizar sujeito e verbo, uma vez que nesse ponto da derivação, eles não formam mais um constituinte contínuo, sem a negação, como pode ser visto em (36).

(45) INF: Eu corro **não**. [SP-01]

Por último, a diferença proposta para [Não V não] e [V não] não consegue dar conta da distribuição das duas construções pelos tipos de orações, descrita no capítulo anterior. Como apontei, [V não] não ocorre em sentenças subordinadas de nenhum tipo,

⁶³ A autora não deixa explícito, mas, por suas representações, [V não] parece não dispor sequer de uma categoria $NegP$, sendo o NÃO inserido diretamente em Σ^0 .

seja no *corpus* das comunidades rurais que investiguei, seja em *corpus* de Fortaleza (RONCARATI, 1996), sendo, possivelmente, agramatical nesse contexto, ao contrário de [Não V não]. O engendramento desse NÃO final sob ΣP , concebido como uma categoria responsável pela checagem dos traços negativos da sentença não prevê a impossibilidade de [V não] em subordinadas.

2.3.5. Movimento da sentença para PolP: Fonseca (2004)

Nesta subseção, apresento a proposta de Fonseca (2004), que tem interesse especial no marcador negativo que ocupa a posição final no PB. Fonseca (2004) também adota as idéias de Pollock (1989) e de Zanuttini (1997) quanto à existência de uma categoria mais baixa que TP, em que os marcadores negativos são gerados (NegP), e uma acima de TP, em que eles são interpretados (PolP). As diferenças superficiais com relação à posição da negação nas línguas se dariam em função da natureza do traço forte ou fraco do marcador negativo e a possibilidade de a checagem se dar na SS ou em LF.

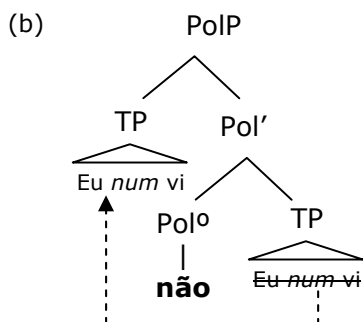
Como visto, para Zanuttini (1995), marcadores fortes exigiriam checagem dos traços antes de *Spell-out*, desencadeando movimento do marcador para PolP com repercussões em PF, resultando na sua posição pré-verbal. Marcadores fracos, por outro lado, só seriam movidos para PolP em LF. Antes de *Spell-out*, permaneceriam abaixo da posição funcional que recebe o verbo, o que provocaria a posição pós-verbal.

Os marcadores negativos do PB seriam, assim, segundo Fonseca, distintos com relação à força do traço negativo. O marcador pré-verbal NUM seria gerado como núcleo de NegP, categoria negativa mais baixa, mas, sendo fraco, se moveria para PolP apenas em LF. A sua posição pré-verbal seria decorrente não do movimento para checagem de traços em PolP, mas de sua natureza clítica. O NUM se cliticizaria ao verbo e se moveria com este para o núcleo de TP. Nessa mesma posição, ele poderia sofrer apagamento em PF (mas não em LF), o que resultaria na estrutura [V não]. Em LF, NUM ainda agiria como um operador de negação, desencadeando o movimento para PolP.

Já o NÃO pós-verbal seria um marcador forte ("*fortíssimo*" segundo terminologia da autora) e seria gerado diretamente em PolP, também na posição de núcleo, segundo representação em (46). A posição final de NÃO seria resultado do movimento de toda a sentença para a posição de Spec de PolP, segundo a autora, para a checagem dos traços de polaridade negativa da sentença. Atestaria a existência desse movimento a

impossibilidade de ocorrência de quaisquer outros elementos após o NÃO, como complementos ou adjuntos.

(46) (a) Eu *num* vi **não**⁶⁴.



A proposta de Fonseca procura, então, diferenciar o marcador pós-verbal e o pré-verbal, em função da natureza do traço negativo que carregam. A distinção forte / fraco para a autora, entretanto, resulta apenas na checagem do traço se dar em antes ou depois da bifurcação para LF, não interferindo na possibilidade de um ou outro elemento negarem a sentença independentemente (cf. ZANUTTINI: 1995).

A distinção entre as estruturas [Não V não] e [V não], contudo, se daria apenas em função da possibilidade de apagamento de NUM em PF, o que implica a ausência de diferenças estruturais entre os dois tipos de negativas. Esse tratamento não parece ser inteiramente adequado uma vez que há fortes restrições sintáticas que afetam [V não], mas não [Não V não], apresentadas no capítulo anterior. A análise, porém, seria viável caso se pudesse definir restrições à aplicação desse apagamento, ou seja, configurações em que ele pode se dar e em que não pode, de modo a bloquear [V não] nesses contextos.

A autora diz que esse apagamento poderia se dar “em casos de CN” (= concordância negativa; p. 17), mas não desenvolve a idéia, já que seu texto tem como foco o marcador final e não o pré-verbal. Seria preciso entender que casos de concordância negativa permitiriam o apagamento. No início do texto, Fonseca se refere a CN como a relação entre o marcador pré-verbal e outras palavras-n como *ninguém*, *nada*, *nenhum*, denominados na literatura como itens de polaridade negativa e / ou quantificadores negativos. CN seria, assim, a relação entre o marcador negativo pré-verbal e palavras em que esse traço negativo seria secundário.

⁶⁴ Exemplo e representação retirados de Fonseca (2004: 16)

Parece-me, porém, que, ao se referir a CN como contexto que permite o apagamento, a autora não se limitava a tais casos, mas também a sentenças em que não aparecem palavras-n e sim o marcador pós-verbal, ou seja, em que haja a presença de qualquer item com traço negativo, que é o que permite a interpretação da sentença como negativa apesar do apagamento de NUM.

Outra observação importante diz respeito a postular NÃO como preenchendo especificamente o núcleo de Pol^o. Apesar de serem fortes os argumentos para se postular a posição nuclear de NUM, o mesmo não está claro com relação ao NÃO pós-verbal, que goza de maior saliência na sentença.

2.3.6. Teoria das cópias e negação: Camargos (2002)

Nessa subseção, apresento a proposta de Camargos (2002), que procura tratar da ocorrência de múltiplos marcadores negativos (idênticos, segundo autor) na mesma sentença, como em (47), dentro da teoria do movimento por cópias (como desenvolvida por CHOMSKY, 1995).

(47) **Não**, eu **não** gosto **não**. (CAMARGOS, 2002: 70)

Em sua análise das negativas sentenciais, o autor busca prescindir da categoria NegP como posição em que as partículas negativas são geradas. Para tanto, lista alguns problemas que a adoção de NegP provoca à teoria do ponto de vista da derivação da sentença.

Em primeiro lugar, está a passagem do verbo por Neg^o para chegar a I^o. O autor aponta que não há motivação para o movimento a Neg^o, ferindo a concepção minimalista que exige o licenciamento de cada operação derivacional, de acordo com o *Princípio da Economia* (CHOMSKY, 1995). Sua segunda crítica diz respeito à aplicação técnica do movimento de ambos os núcleos V^o e Neg^o: a idéia de que cada um deles se move independentemente para I^o, defendida por alguns autores, encontra a dificuldade de explicar porque a incorporação de V^o em Neg^o não resulta na formação de uma palavra fonológica única. Um terceiro aspecto está na postulação alternativa, de que V^o se movesse para I^o, pulando Neg^o, o que feriria o HMC, uma vez que o núcleo negativo funciona como uma barreira ao movimento do verbo. Além disso, aponta também que os

dois núcleos checam traços distintos, Tempo e Neg, o que os desautorizaria, segundo o autor, a ocorrerem sob o mesmo núcleo funcional.

Diante dessas dificuldades, Camargos (2002) opta por não assumir a existência de uma categoria como NegP, o que o coloca diante de duas opções alternativas para a derivação de uma sentença negativa: a primeira é que a partícula de negação é inserida diretamente na posição final que ocupa. Embora essa seja uma solução mais econômica para a derivação, o autor não a assume, mas desenvolve a segunda alternativa. O marcador negativo seria inserido diretamente em adjunção à categoria que nega, que tanto poderia ser verbal quanto de outra natureza, conforme (48).

- (48) (a) Não, **não** como isso.
(b) Compro **não** o verde, mas o azul.

(CAMARGOS, 2002: 76)

Em uma negativa sentencial, ocorre a inserção de NÃO em adjunção ao núcleo V^o. Essa operação seria licenciada, segundo Camargos (2002), pela atribuição de um traço focal ao verbo durante a seleção dos itens lexicais para a Numeração. Em seguida, aponta o autor, são feitas cópias não-distintas do verbo e da negação em T^o. A cópia do verbo tem o objetivo de efetuar a checagem dos traços de tempo que este porta com os traços de tempo em T^o. A cópia da negação visa à incorporação do traço negativo ao traço focal do verbo.

A cópia da partícula negativa junto ao verbo em T^o coloca dois núcleos — NÃO e V^o — em relação de c-comando mútuo⁶⁵. Essa configuração, aponta o autor, explica a intuição sobre a relação estreita que se percebe entre a negação e o elemento verbal. Entretanto, dada essa configuração, seria preciso explicitar como se dá a determinação da ordem linear entre os dois núcleos, uma vez que o c-comando mútuo é uma relação simétrica e, segundo Kayne (1994), a ordem linear é determinada em PF através do mapeamento de relações hierárquicas assimétricas. Em outras palavras, se ambos os elementos c-comandam um ao outro, não haveria como determinar sua ordem linear. A

⁶⁵ Note-se, contudo, que essa relação de c-comando mútuo já havia sido estabelecida na adjunção que ocorre dentro do VP. Na literatura, a relação de c-comando é assim definida:

α c-comanda β se e somente se:

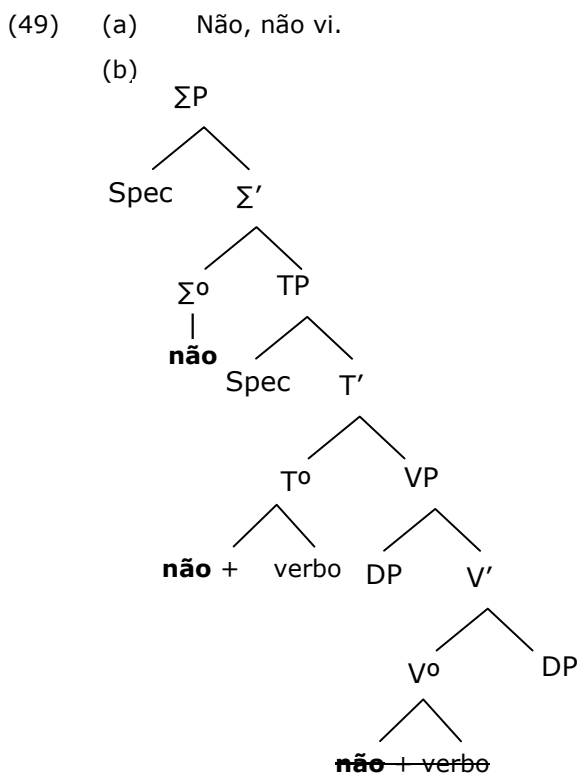
- (i) α não domina β nem β domina α
(ii) cada nóculo ramificante γ que domina α também domina β

A relação de c-comando mútuo ou c-comando simétrico implica que α domine β e β também domine α. Ou, em outras palavras, que ambos sejam irmão (sejam dominados imediatamente pelo mesmo nó ramificante).

solução para o problema se encontra na idéia de Chomsky (1995), segundo a qual os dois elementos seriam convertidos pela morfologia em uma única palavra fonológica, cuja estrutura interna não estaria visível para LCA. A seqüência [*não+verbo*] seria, assim, lida como uma única palavra fonológica e, nesse contexto, a partícula NÃO poderia ser pronunciada como NÃO ou como NUM.

Para dar conta da ocorrência de um outro elemento negativo no início da sentença, como em (47) e (48a), Camargos (2002), apesar de não adotar NegP, assume a existência de uma categoria ΣP acima de TP, como local em que a polaridade da sentença é checada, conforme postulação de A. M. Martins (1994)⁶⁶.

Essa partícula seria uma cópia *distinta* do marcador negativo, ou seja, corresponderia a uma outra seleção da partícula do léxico para a Numeração. Esse NÃO seria inserido diretamente na posição de núcleo de ΣP , conforme (49).



Isso implica que as duas cópias mais baixas, que ocorrem em adjacência ao verbo em V⁰ e em T⁰ formam uma cadeia, cujo elo mais baixo deve ser apagado. A cópia mais alta, em Σ^0 , não forma uma cadeia com as demais cópias.

⁶⁶ Discorda, porém, da idéia de que o verbo se mova até ΣP .

Na derivação das negativas [Não V não] e [V não], o autor defende que o marcador final não é a cópia mais baixa da cadeia formada entre T⁰ e V⁰, mas uma cópia *distinta* da negação, ocorrendo em Σ^0 . A posição final seria derivada do movimento de TP para Spec de ΣP , para checagem da polaridade da sentença. Não ficam claras, porém, em sua proposta, as diferenças entre [Não V não] e [V não] do ponto de vista da sua estrutura ou derivação.

O trabalho de Camargos (2002) tem a importância de adaptar a derivação de uma sentença negativa para o quadro da teoria do movimento por cópias (CHOMSKY, 1995), além de pôr em discussão a necessidade de postulação da categoria NegP. Sua análise, no entanto, é mais adequada ao tratamento da negativa pré-verbal do que da pós-verbal. Com relação às construções com marcadores pós-verbais, sua proposta não apresenta diferenças significativas em relação às de E. Martins (1997)⁶⁷ e a de Fonseca (2004), que propõem o movimento de toda a sentença para o especificador de uma categoria negativa mais alta, ΣP ou PolP, enquanto o NÃO final ocuparia o núcleo dessa mesma categoria.

As diferenças parecem se centrar mais na natureza da categoria ΣP / PolP. Em E. Martins (1997) e Fonseca (2004), essa é uma posição reservada para a checagem da polaridade negativa da sentença, o que pressupõe até o movimento encoberto de itens negativos que não ocupam essa posição na sintaxe visível.

Em Camargos (2002), por outro lado, o status de ΣP não está claro. O autor alterna entre uma função de checagem da polaridade e uma de codificação de aspectos discursivos da sentença⁶⁸. Considerando os exemplos apresentados em (44) e (45a), as duas funções podem ser vistas como incompatíveis, uma vez que a ocorrência de um NÃO na posição inicial da sentença não leva necessariamente, nem pressupõe, que essa seja uma sentença negativa, como mostra o exemplo (47), que é mais bem tratado, no sistema de Camargos (2002), postulando que o NÃO ocupa a posição de Σ^0 , acima de TP.

- (50) — Ísis foi à praia?
— **Não**, ela foi ao cinema.

⁶⁷ A proposta de Fonseca (2004) diz respeito aos dois tipos de negativas finais, enquanto a de E. Martins (1997) trata dessa forma apenas [V não].

⁶⁸ A função discursiva do elemento que ocupa o núcleo de ΣP é, inclusive, um dos argumentos que o autor apresenta para postular que se trata de uma cópia distinta da negação.

2.4. Conclusões do capítulo

Nesse capítulo, apresentei e discuti algumas análises sobre a negação sentencial no PB e em outras línguas como inglês, francês. Inicialmente, apresentei as propostas de Pollock (1989), para as diferenças entre a negação e a posição do verbo em inglês e em francês; a de Laka (1990), sobre as diferenças entre o inglês e o basco; e a de Zanuttini (1995), sobre a natureza e distribuição dos marcadores negativos em várias línguas e dialetos românicos.

As propostas existentes para outras línguas não se mostraram inteiramente adequadas para tratar das negativas do PB que apresentam um marcador negativo na posição pós-verbal, pois não dão conta da posição final absoluta do marcador.

Para o PB, discuti as análises de E. Martins (1997), Fonseca (2004) e Camargos (2002). De um modo geral, essas propostas não distinguem adequadamente as estruturas [Não V não] e [V não] do PB, ou assumindo que as diferenças entre elas se limitam a um apagamento da partícula pré-verbal e / ou não dando conta das restrições sintáticas que [V não] sofre.

No próximo capítulo, apresento uma análise da estrutura da sentença negativa no PB, buscando dar conta dos fatos não captados nessas análises.

CAPÍTULO 3

ESTRUTURA DA SENTENÇA NEGATIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

3.1. Objetivos do capítulo

No capítulo 1, realizei uma descrição do uso das negativas sentenciais em uma variedade do PB, o dialeto de comunidades isoladas do interior da Bahia. Apontei aspectos sintáticos e discursivos — além de sociais — que influenciam a variação e discuti os resultados encontrados por outros autores em outras variedades, com relação aos mesmos aspectos. Dei destaque à identificação de restrições sintáticas à ocorrência da estrutura [V não], que possivelmente apontam para contextos de agramaticalidade.

No capítulo 2, resenhei e discuti propostas realizadas dentro do modelo de *Princípios e Parâmetros* da teoria gerativa sobre a posição das partículas negativas pré e pós-verbais em outras línguas e no PB. Argumentei que as primeiras falham em sua aplicação direta ao PB por não darem conta da posição final da partícula pós-verbal. Mostrei ainda que as propostas específicas para o PB também não são inteiramente adequadas porque, embora busquem refletir a posição final do marcador, não distinguem adequadamente as construções [Não V não] e [V não].

Neste terceiro capítulo, busco oferecer uma proposta de análise da estrutura sintática das negativas sentenciais do PB⁶⁹ que apresentam uma partícula de negação em posição pós-verbal. A análise que pretendo implementar deve dar conta de fatos sintáticos e discursivos apontados no capítulo 1 como caracterizadores dessas negativas, a saber:

- (1) (i) posição final absoluta da partícula pós-verbal
- (ii) uso em respostas diretas e em contextos discursivos associados à quebra de pressuposições
- (iii) agramaticalidade de [Não V não] e [V não] em perguntas-QU
- (iv) maior produtividade de [Não V não]
- (v) agramaticalidade de [V não] com complemento topicalizado

⁶⁹ É preciso ter em vista que o foco principal desta Dissertação está sobre uma variedade muito peculiar do PB, a de comunidades rurais isoladas da Bahia, e a maior parte das evidências sintáticas apresentadas aqui vem desse dialeto que, pelo próprio grau de isolamento, não apresenta, a princípio, um perfil que permita representar todo o PB. Entretanto, os dados são confirmados tanto por resultados de pesquisas em outras áreas quanto por julgamentos de gramaticalidade de falantes urbanos, o que dá maior segurança à generalização das conclusões para todo o PB. Fica, evidentemente, a possibilidade de refutação dos resultados em função de pesquisas que sejam realizadas futuramente sobre outras variedades.

(vi) e agramaticalidade de [V não] em sentenças encaixadas

Em geral, os estudos que tratam de tais construções, seja em uma perspectiva gerativista, variacionista ou funcionalista, assumem, ainda que implicitamente, os seguintes pressupostos⁷⁰:

- (2) (i) a posição da partícula negativa final é a mesma nos dois tipos de negativas;
(ii) as sentenças se diferenciam tão somente pelo apagamento da partícula pré-verbal na segunda construção

Minha posição é de que, devido às restrições sintáticas que atuam sobre [V não], mas não sobre [Não V não], é preciso assumir estruturas sintáticas diferentes para as duas construções. Derivo, contudo, tais diferenças não da postulação de dois tipos de NÃO pós-verbal no PB (cf. seção 2.3.4. no capítulo 2), mas de diferenças na derivação de cada estrutura, em função da seleção dos itens funcionais do léxico para a *numeração*.

O capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 3.2., apresento as características dos marcadores negativos que ocorrem nas posições pré-verbal, pós-verbal e extra-sentencial no PB. Em 3.3., discuto a estrutura e ordenação das categorias da periferia esquerda da sentença e o modo como a negação interage com elas. Em 3.4., apresento a proposta de análise da estrutura de cada uma das três construções negativas do PB, [Não V], [Não V não] e [V não] e, em 3.5., encerro o capítulo.

3.2. As partículas negativas do PB

Nesta seção, discuto as propriedades dos diferentes tipos de partículas negativas que existem no PB. A análise desenvolvida neste capítulo parte do pressuposto de que o marcador negativo que ocupa a posição pós-verbal no PB difere, sob muitos aspectos, dos marcadores que existem em outras línguas românicas e germânicas, e, portanto, não pode ser analisado da mesma forma (ou seja, ocorrendo sob a mesma projeção).

⁷⁰ A proposta de E. Martins (1997), apresentada em 2.3.4., foge a esse perfil, por assumir a existência de dois tipos de NÃO pós-verbal: o de [Não V não] seria um advérbio de VP e o de [V não] um núcleo inserido diretamente sob categoria responsável pela checagem da polaridade da sentença.

Como visto acima e também algumas outras vezes ao longo deste trabalho, a primeira diferença que pode ser apontada é a posição que os marcadores ocupam. As partículas negativas pós-verbais de línguas como inglês, francês e outros dialetos românicos aparecem imediatamente após o verbo finito, antecedendo, portanto, verbos não finitos, complementos e adjuntos verbais, como em (3).

- (3) (a) Jonh (ne) peut **pas** nager
(b) I did **not** buy this book

No PB, diferentemente, a partícula pós-verbal sempre segue todos os verbos, sejam finitos ou infinitos, e seus adjuntos e complementos, como em (4). Isso vale para os complementos e adjuntos constituídos por DPs, PPs ou mesmo os sentenciais. O marcador do PB está, portanto, em uma posição que pode ser definida, descritivamente, como pós-VP ou final de VP.

- (4) (a) Eu não *tinha visto* você aí **não**.
(b) Eu num *vou viajar para Londres com Marta* **não**.
(c) Eu num *dei autorização pra que ele saísse* **não**.
(d) Eu num *vi se ele chegou atrasado* **não**.

Uma outra diferença diz respeito ao fato de que os marcadores negativos dessas línguas se desenvolveram a partir de partículas de reforço que ocorriam em posição pós-verbal como modificadores adverbiais ou mesmo como elementos nominais que exerciam função argumental na sentença. Esse último é, por exemplo, o caso do substantivo PAS do francês, que exercia a função de complemento de verbos de movimento no francês antigo e passou a marcador negativo no moderno (cf. *Introdução*).

Em todos os casos, tais elementos não possuíam traço negativo inerente, mas o desenvolveram diacronicamente, pela co-ocorrência com a partícula negativa original. Já no PB, é importante notar que, diferentemente, o marcador pós-verbal é semelhante⁷¹ ao pré-verbal (SCHWEGLER: 1991), não tendo se desenvolvido a partir de uma outra palavra sem traço negativo. Essa semelhança leva, inclusive, alguns autores a apontar,

⁷¹ Como será visto adiante, a identidade, principalmente fonética, entre os dois NÃOs do PB é questionável. O argumento apresentado aqui diz mais respeito ao fato de as duas partículas serem etimologicamente semelhantes.

descritivamente, o processo do PB como o de *repetição* do marcador negativo, posição da qual discordo.

Outras semelhanças entre o NÃO pós-verbal e o pré-verbal dizem respeito à força de seus traços negativos e ao modo como interagem com PNIs. Nas línguas que apresentam estrutura do tipo [NEG V NEG], ou as duas partículas são obrigatórias ou (apenas) a primeira é passível de ser omitida, como no exemplo em (5), o que significa que somente a partícula pós-verbal é capaz de negar a sentença independentemente.

- (5) Jean (**ne**) aime *(**pas**) la viande (ZANUTTINI, 1995: 8; adaptado)
João (NEG) gosta *(NEG) a carne

Já no PB, ambos os NÃOs podem funcionar como a única marca de negação da sentença, ou seja, têm a força de negar a oração independentemente da presença de outra partícula⁷². Além disso, os dois marcadores do PB parecem ser capazes de licenciar PNIs, como mostra (6).

- (6) (a) INF: **num** vi **nada**. [CZ-06]
(b) INF: Ele falô **nada não** [CZ-08]
(c) INF: Não. Sentiu mais **nada não**. [HV-07]
(d) INF: O pade Joselito inda levô **ninguém não**. [CZ-08]

Esses aspectos, ao mesmo tempo em que distanciam o NÃO pós-verbal das partículas negativas pós-verbais de outras línguas, o aproximam do NÃO pré-verbal do próprio PB. Entretanto, essa aproximação é apenas relativa. É possível, também, identificar várias diferenças entre esses dois tipos de NÃO do PB, e a análise deste capítulo também está assentada nelas.

A primeira diferença é no nível fonológico. Diz respeito, inicialmente, à suposta identidade entre as duas partículas, apontada acima. Apesar de semelhantes e de ambos se realizarem foneticamente como NÃO, o marcador pré-verbal e só ele apresenta uma outra realização possível: a forma NUM (cf. seção 1.3.4., no capítulo 1). O marcador pós-

⁷² Isso contraria a suposição de um enfraquecimento do NÃO pré-verbal.

verbal, por outro lado, não pode se realizar como NUM, sob pena de causar agramaticalidade à sentença, conforme exemplo em (7).

(7) Eu não me lembro (*num)

Mais do que isso, a forma NUM para o marcador pré-verbal é, provavelmente, pelos resultados apresentados no capítulo 1, a forma vernácula do PB, já que é a mais recorrente em vários dialetos documentados e sua frequência ainda aumenta à medida que a variedade demonstra menos influência da norma escrita, e menor acesso à escolarização⁷³.

Ainda com relação aos aspectos fônicos, o NÃO pós-verbal tem certo grau de autonomia fonológica, é uma forma livre, e é sempre tônico, ao contrário do pré-verbal, que é átono e é uma forma dependente, se comportando como um clítico verbal: une-se ao verbo para se tornar uma única palavra fonológica com ele.

É legítimo postular que essas diferenças se devem ao estatuto sintático de cada uma das partículas. O NÃO pré-verbal ocorre como um núcleo, uma categoria do tipo X⁰, e a realização NUM é resultado de um processo morfofonêmico, causado pela incorporação ao verbo que ocorre sob T⁰.

O NÃO pós-verbal, por outro lado, pode ser visto como um constituinte do tipo XP, uma categoria máxima⁷⁴, por isso é tônico e tem autonomia fonológica. Essa análise contraria à realizada por outros autores, como Fonseca (2004), E. Martins (1997) e Camargos (2002), que atribuem ao marcador final o estatuto de núcleo de uma categoria funcional acima de TP (PoIP para a primeira e ΣP para os outros dois). Contudo, nenhum dos autores apresenta argumentos em favor do estatuto nuclear do marcador e tal postulação parece se apoiar mais no paralelismo com a análise do NÃO pré-verbal do que no seu comportamento sintático.

Sustento, então, contrariamente a eles, que a partícula negativa final do PB é uma categoria máxima XP, que ocupa uma posição de especificador e não de núcleo.

A segunda diferença entre o NÃO pré-verbal e o pós-verbal diz respeito à função discursiva. As construções [Não V não] e [V não] desempenham uma função de quebra

⁷³ Os resultados de outros trabalhos e deste mostravam que a frequência de NUM era de 59% em Belo Horizonte, 86% em João Pessoa e 97% nas comunidades rurais da Bahia.

⁷⁴ Em termos minimalistas, o NÃO pós-verbal seria ao mesmo tempo um X⁰ e um XP, já que não está associada a complementos ou especificadores, mas também não projeta mais. A diferença em relação ao pré-verbal é que este seria apenas um núcleo.

de pressuposições levantadas ou inferíveis pelo contexto discursivo, ao passo que [Não V] representa uma negação neutra. Essa diferença permite postular que o marcador final do PB é de conteúdo pressuposicional.

O aspecto discursivo também caracteriza uma terceira forma de partícula negativa, citada apenas vagamente ao longo desse trabalho. Trata-se do NÃO que ocorre em início de frases, em posição extra-sentencial (8a-c), ou que pode ocorrer isoladamente, substituindo uma sentença (8d), como uma profrase (cf. OLIVEIRA, 1996: 26). Para distingui-los dos dois outros NÃOs, utilizarei o termo profrase ao me referir a ele, levando em consideração essa última característica de poder ser usado como substituto de uma oração.

- (8) (a) DOC: E vocês aqui de junto não tem medo de pegá não?
INF: **Não**, poque quase a gente não vai lá. [SP-01]
- (b) DOC: Vocês são brigados?
INF: **Não**, poque... quando tá doente assim, é difícil o povo tá fazeno visita assim de junto com menino pequeno. [SP-01]
- (c) DOC: Num subia, não?
INF: **Não**, que ela ficava distante. [SP-01]
- (d) DOC: Não registrô também?
INF: **Não**. [SP-01]

A função da profrase negativa é expressar uma recusa, uma denegação, é desmentir ou contrariar uma proposição apresentada anteriormente, geralmente (mas não exclusivamente), enunciada por um outro interlocutor. Nesse sentido, ela não tem escopo sobre a oração que introduz, como pode ser visto em (8c) e em (9), em que a oração que segue a partícula é afirmativa. A negação, nesse caso, sequer faz parte da sentença (cf. LAKA, 1990: 154-158).

- (9) (a) DOC.: Vi, num tem confiança no padre?
INF: **Não**, no pade eu tenho. [CZ-08]
- (b) DOC: Só come depois que... que reza?
INF: **Não**, nós come primêro. [CZ-08]

A profrase NÃO difere, então, do NÃO pré-verbal, cuja função é alterar o valor de verdade de uma declaração da qual faz parte, não possuindo um valor pressuposicional,

como mostram suas ocorrências em (10). Nesse sentido, a proforma tem uma função ligada a estabelecer relações discursivas e o Não pré-verbal, de estabelecer relações gramaticais.

- (10) DOC: E com'ê que era o Cinzento há uns trinta anos atrás... uns quarenta anos?
INF: No... inzento... quarenta ano atrás, era... com muita diferença de hoje, sabe?
Era tudo bruto, **num** tinha saída.
DOC: Hum...
INF: Certo? A saída era só dos moradô mermo. **Num** tinha saída... **num** tinha um grande trãnsi'que tem hoje... [CZ-11]

Outra importante diferença é que a profrase NÃO também não pode ser realizada como NUM, ao contrário do marcador pré-verbal, sob pena de agramaticalidade, como mostra (11).

- (11) — Você viu o assaltante?
— * **Num**.

Várias línguas ocidentais dispõem de dois tipos de marcadores negativos que exibem essas mesmas distinções: um marcador que ocorre em posição extra-sentencial e nega uma pressuposição, estabelece uma denegação, estando associado a contextos de respostas curtas; e um marcador que ocorre em posição intra-sentencial, estreitamente ligado aos elementos verbais ou flexionais, conforme (12). Em outras palavras, uma profrase negativa e um marcador negativo "real". Também existe uma tendência a essas duas partículas se apresentarem foneticamente distintas, mesmo quando são etimologicamente aparentadas, como também mostra (12).

- (12) (a) **NÃO**, eu **num** fiz. (português brasileiro)
(b) **NO**, I do **not**. (inglês)
(c) **NO**, **non** l'ho fatto. (italiano)
(d) **NON**, je **ne** ai **pas** fait. (francês)

Outro dado importante é que as profrases negativas alternam com partículas assertivas de valor afirmativo, que têm a função de confirmação ou validação de uma asserção anterior, como em (13), de modo que é possível postular que elas ocorrem sob uma mesma categoria distinta da que abriga os marcadores negativos que têm escopo sobre a sentença.

- (13) (a) **Sim**, eu fiz. (português europeu)
(a') **É**, eu fiz. (português brasileiro)⁷⁵
(b) **Yes**, I did. (inglês)
(c) **Si**, l'ho fatto. (italiano)
(d) **Oui / Si**, j'ai fait. (francês)

Diante desse panorama, é necessário definir as posições sintáticas das três partículas negativas do PB: a proforma, o NÃO pré-verbal e o NÃO final. Uma possibilidade de análise a ser descartada é que a proforma seja gerada na mesma posição que o NÃO pré-verbal, com posterior apagamento dos outros constituintes da sentença, conforme representação em (14).

- (14) (a) — Você fez o trabalho?
— [_{TP} ~~eu~~ **NÃO** fiz-issø]

Além de contar com os problemas referentes ao apagamento de constituintes descontínuos, essa análise não parece adequada em função das diferenças já citadas entre a proforma e o marcador negativo pré-verbal, que apontam que os dois elementos devem ser gerados em posições diferentes.

Por outro lado, é importante salientar que as mesmas propriedades que distanciam o NÃO profrase do pré-verbal o aproximam do NÃO pós-verbal. Além de serem formas livres, tônicas, com autonomia e identidade fonológica, ambos têm função de negar uma pressuposição introduzida anteriormente.

Com relação a esse aspecto, são importantes também as idéias de Schwegler (1991) e de Alkmim (2002b) sobre o surgimento da estrutura [Não V não]. Ambos os

⁷⁵ Note-se que, no PB, a forma SIM tem tido um uso bastante restrito, sendo substituídas por outras formas de resposta, e a principal delas é o uso da forma "é".

autores defendem que o marcador final pode ter se desenvolvido a partir de uma reanálise da profrase⁷⁶. Para Schwegler,

... a partícula negativa final existia originalmente fora da sentença com função enfática. Posteriormente esta partícula foi sendo reconhecida como pertencente à sentença, passando a fazer parte do contorno entonacional da frase. (CAMARGOS, 2000: 1)

Em outras palavras, o marcador final do PB teria surgido a partir da partícula que ocorria em posição extra-sentencial com função enfática e que foi reanalisada como fazendo parte da sentença. Os autores não discutem, porém, qual seria a posição na estrutura da cláusula que essa partícula passaria a ocupar.

Em minha análise, assumo que o marcador pós-verbal e a profrase negativa são o mesmo elemento e que ocorrem sob a mesma categoria sintática, distinta da do marcador pré-verbal. Mas postulo que o surgimento de [Não V não] e [V não] está associado não a uma reanálise e mudança no *status* da partícula, mas a outra alteração na estrutura sentencial, que também responde pela posição final da partícula.

É necessário, então, apontar qual a categoria sob a qual ambas as partículas ocorrem e a sua natureza. Para isso, é importante a proposta de Laka (1990), que defende que as profrases negativas e afirmativas do basco e do inglês ocorrem sob a categoria CP, enquanto os seus respectivos marcadores negativos sentenciais ocorrem sob a categoria responsável pela negação e pela afirmação enfática, ΣP , que, como visto no capítulo 2, equivale ao NegP de Pollock (1989; cf. 2.3.1.).

Parto da proposta de Laka (1990), mas defendo que a profrase e o marcador pós-verbal não ocorrem sob CP, mas em uma categoria específica responsável por codificar informações discursivas referentes à confirmação e denegação de pressuposições. Para desenvolver essa análise, discuto, na próxima seção, aspectos da estruturação das categorias funcionais da periferia esquerda da sentença.

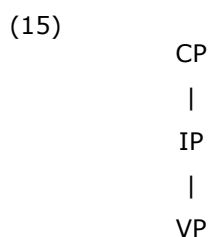
⁷⁶ Alkmim (2002b) atribui o surgimento dessas construções a uma reanálise da partícula negativa que aparece na expressão *NÃO, SENHOR*. Utilizada, ao lado de *SIM SENHOR*, principalmente com função de polidez, em que o interlocutor tem proeminência sobre o falante, essa expressão figura como enunciado isolado ou ocorre em posição extra-sentencial, ou seja, ou antecede ou segue uma oração. Quando não ocorre isoladamente, independente da posição, a expressão não faz parte da estrutura oracional, como já apontei na seção anterior.

- (i) Depois não é, **não senhor**. (1ª metade de séc. XIX)
- (ii) Não acho nada barato, **não senhor**. (1ª metade de séc. XX)

3.3. A negação e a periferia esquerda da sentença

Nesta seção, apresento uma proposta de estruturação das categorias funcionais da periferia esquerda da sentença, que serve de base para a análise que implemento sobre as estruturas negativas com marcador em posição pós-verbal.

A teoria sintática desenvolvida pela gramática gerativa concebe a estrutura oracional como constituída em torno de três níveis (RIZZI, 1997: 281), organizados hierarquicamente conforme representação em (15).



O primeiro deles é o nível do VP, em que são estabelecidas as relações lexicais, como a seleção dos argumentos e a atribuição de papel temático. O segundo nível é o sistema IP, composto por categorias funcionais responsáveis pela flexão verbal e pela definição das funções gramaticais dos constituintes, como a função de sujeito oracional. Um terceiro e último nível é o sistema CP, responsável pela codificação de relações intra e extra-sentenciais (relações entre sentenças — entre a sentença encaixada e a matriz — e relações da sentença com o discurso).

Assumo a proposta de Rizzi (1997), que, na mesma linha de Pollock (1989) e Larson (1988) com relação ao IP e ao VP respectivamente, defende a existência de uma estrutura mais articulada para o CP, que não seria constituído por uma categoria única, mas por pelo menos quatro categorias que codificam informações distintas. O autor distingue dois subsistemas dentro do CP: um formado pelas categorias de *Força* e *Finitude* (ForceP e FinP)⁷⁷ e outro pelas categorias de *Tópico* e *Foco* (TopP e FocP).

O sistema *força-finitude* expressa dois tipos de informações sobre o *status* da sentença: a especificação do tipo da oração, a sua *Força*, que determina se ela é, por exemplo, declarativa, interrogativa ou, relativa; e um tipo de especificação sobre o seu tempo, ou *Finitude*, que determina se o IP selecionado deve ser finito ou infinito; essa

⁷⁷ Força e Finitude.

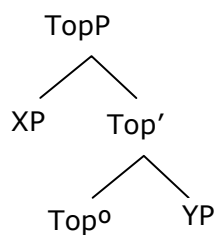
especificação é ditada pelo tipo do complementizador, conforme exemplos em (16), que apontam que um complementizador como “*que*” exige tempo finito, e um nulo seleciona tempo infinitivo.

- (16) (a) Ele disse [*que* viajou cedo]
 (b) Ele gostaria de [\emptyset sair mais cedo]

Já o sistema *tópico-foco* é responsável por codificar relações entre o conteúdo proposicional da sentença e o discurso. A categoria de TopP está, geralmente, associada a elementos que já foram previamente mencionados na situação comunicativa, que correspondem a informação velha ou já conhecida, um *tópico* sobre o qual a sentença funciona como um comentário ou predicado, como mostram os exemplos em (17) e a representação em (19a). A categoria FocP, de modo contrário, aloja elementos que funcionam como informação nova, contrastiva, em oposição ao restante do conteúdo da sentença, conforme exemplos em (18) e representação em (19b).

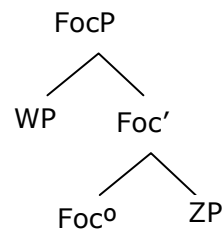
- (17) (a) *O discurso*, ele foi muito bom (mas foi longo)
 (b) *Esse livro*, você devia devolver ao dono (e não ficar com ele).
- (18) (a) *O DISCURSO DELA (QUE)* foi muito bom (não o meu)
 (b) *ESSE LIVRO (QUE)* você devia devolver (não aquele que você precisa)

- (19) (a)



XP = tópico
 YP = comentário

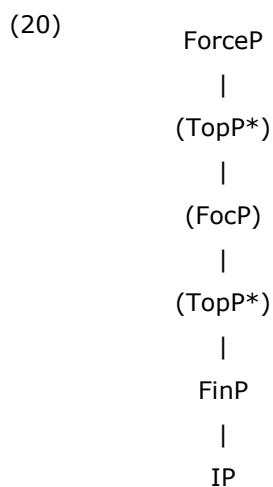
- (b)



WP = tópico
 ZP = comentário

(RIZZI, 1996: 286-187)

Segundo Rizzi (1996), a ordenação dessas categorias se dá de acordo com a representação em (20), em que o sistema *tópico-foco* aparece intercalado entre ForceP e FinP.



A representação (20) mostra também que TopP é uma categoria recursiva e que pode ser gerada tanto acima quanto abaixo de FocP, inclusive na mesma sentença. Em outras palavras, uma sentença pode apresentar, ao mesmo tempo, mais de um tópico, e o(s) tópico(s) pode(m) co-ocorrer com o Foco, antecedendo-o ou seguindo, como mostram os exemplos em (21). Em (21a), há dois tópicos intercalados por um foco. Em (21b), os dois tópicos ocorrem antes do tópico e em (21c), após.

- (21) (a) Credo che *a Gianni, QUESTO, domani*, gli dovremmo dire
Top Foc Top IP
Creio que *a João, ISTO, amanhã*, lhe devemos dizer
- (b) Credo che *a Gianni, domani, QUESTO*, gli dovremmo dire
Top Top Foc IP
Creio que *a João, amanhã, ISTO*, lhe devemos dizer
- (c) Credo che *QUESTO, a Gianni, domani*, gli dovremmo dire
Foc Top Top IP
Creio que *ISTO, a João, amanhã*, lhe devemos dizer
- (RIZZI, 1996: 295-295)

Essa proposta de estruturação das categorias funcionais da periferia esquerda leva à necessidade de repensar a análise de Laka (1990), de que as profrases negativas ocorreriam sob CP. A questão que precisa ser respondida é em qual das categorias que fazem parte do sistema CP essas partículas figuram.

Assumo que essas partículas não ocorrem sob nenhuma das categorias listadas acima, devido à incompatibilidade de seus traços, mas ocorrem sob uma outra categoria específica responsável por codificar informações discursivas referentes à confirmação ou refutação de uma pressuposição anterior, a que chamo: DenP (= Denial Phrase).

A categoria DenP recebe partículas de afirmação e de negação, mas não pode ser confundida com o Σ P proposto por Laka (1990) (cf. seção 2.3.2. no capítulo 2). Esta última é responsável pela negação sentencial e pela afirmação enfática e, como discutido no capítulo anterior, equivale, em linhas gerais, ao NegP proposto por Pollock (1989). DenP, dessa forma, se refere a uma categoria discursiva e os termos NegP, Σ e PolP para categorias responsáveis pela negação sentencial.

Estou assumindo, então, a existência de duas categorias distintas: NegP (ou PolP ou Σ P, a depender da nomenclatura⁷⁸), responsável pela negação sentencial e a DenP, responsável por relações discursivas. Por outro lado, não distingo entre uma categoria responsável pelo engendramento da negação e outra pela sua checagem. Adoto NegP, Σ P e PolP como sinônimos.

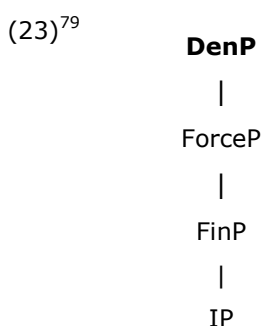
NegP é, conforme Mito (1991), uma categoria do tipo +I, ou seja, que está intimamente relacionada à flexão. Em outras palavras, trata-se de uma projeção funcional do sistema IP, que tem a função de alterar o valor de verdade da sentença e que tem escopo diretamente sobre o TP/IP, tendo como núcleo a partícula pré-verbal NUM. Na próxima seção, discuto a ordenação de NegP em relação a outras projeções. Concentro-me agora sobre as características de DenP.

DenP é a categoria que aloja as profrases afirmativas e negativas (como SIM, É e NÃO) utilizadas em contextos de resposta a uma pergunta direta ou de assentimento ou denegação de uma declaração realizada anteriormente. Os elementos que ocorrem em DenP, como visto, não alteram a polaridade da sentença que lhes segue, que pode ser afirmativa, mesmo quando a partícula que antecede é negativa, como em (22a); ou pode ser negativa, mesmo quando a partícula anterior é afirmativa, como em (22b).

⁷⁸ Embora não assumo essa distinção, pode haver diferenças entre NegP, por um lado, e Σ P ou PolP por outro, com NegP sendo responsável pela geração das partículas negativas sentenciais e PolP / Σ P, pela checagem da polaridade da sentença. O que interessa aqui é pontuar que, ainda assim, essas três categorias diferem de DenP por expressarem negação sentencial ao passo que DenP expressa denegação.

- (22) (a) DOC.: E mora aqui ou a senhora mora em ôtro lugá?
 INF.: **Não**, ela mora... ela morava... depois desse home daí... [SP-09]
- (b) DOC: Três alquere?
 INF: **Sim**. Eu num me engano não. [HV-01]

Defendo que a impossibilidade de ter escopo sobre a própria sentença decorre de DenP ser gerado acima das demais categorias de CP, ou seja, acima de ForceP, de acordo com a representação em (23). DenP é, então, uma categoria não-selecionada, que só pode ocorrer em uma sentença matriz, não em sentenças encaixadas, uma vez que não é selecionada por verbos ou por complementizadores (ou seja, de ForceP ou FinP).



Proponho que sob DenP também ocorre o marcador negativo que ocupa a posição final da sentença em [V não] (discuto a posição do NÃO final em [NãO V não] nas seções 3.4.2. e 3.4.4. deste capítulo). A proposta difere da desenvolvida por Fonseca (2004) e por E. Martins (1997), pois as duas autoras assumem que o NÃO final é núcleo da mesma projeção responsável pela checagem da polaridade da sentença, posição da qual discordo. Postulo que o núcleo de DenP é preenchido por um morfema ou traço abstrato e que o NÃO pós-verbal aparece em seu especificador (e não no núcleo) e sua posição final decorre do movimento de toda a sentença para uma categoria de tópico gerada acima de DenP.

Essa análise pressupõe a existência de mais de uma posição em que TopP pode ser gerado para além das apresentadas na proposta de Rizzi (1996). Além de poder aparecer, de modo recursivo, entre ForceP e FinP (e antecedendo ou seguindo FocP), pode aparecer em uma posição mais externa na sentença, ou seja, acima de Σ P, o que está de acordo com a intuição, também pontuada por E. Martins (1997; cf. seção 2.3.4),

⁷⁹ Por questões de espaço, omito as categorias TopP e FocP que se situam entre ForceP e FinP e, como visto, são ativadas opcionalmente.

de que em uma negativa do tipo [V não], a sentença funciona como um tema ou tópico e a negação sobre um comentário ou predicação.

E. Martins (1996) traduz essa intuição em uma análise em que há também o deslocamento de toda a sentença para uma posição de TopP. A diferença entre as duas análises está na posição que TopP ocupa. Uma vez que considero que o NÃO ocorre em uma categoria funcional acima de ForceP, proponho que no PB a categoria de TopP pode ser gerada não apenas entre o sistema *força-finitude*, mas também em uma posição mais externa da estrutura oracional, ou seja, acima de DenP.

Como se verá na próxima seção, essa proposta tem a vantagem de dar conta da agramaticalidade de [V não] em sentenças encaixadas e com constituintes topicalizados.

É preciso deixar claro, por outro lado, que o engendramento de um TopP acima de DenP não seria uma característica específica (das negativas) do PB, mas geral de respostas curtas em que aparecem profrases, negativas e afirmativas, em posição inicial ou mesmo absoluta. Proponho que em sentenças como (24a-d), abaixo, está presente a categoria TopP acima de DenP, preenchido por um tópico nulo que retoma a pressuposição ativada anteriormente no discurso, conforme representação em (24e).

- (24) (a) **NÃO**, eu **num** fiz.
 (b) **NÃO**, eu fiz.
 (c) **É**, eu fiz.
 (d) **Sim**, eu fiz.
 (e) [TopP \emptyset [DenP *não / é / sim* [CP [TP eu (num) fiz]]]]

Dessa forma, a reanálise que levou ao surgimento de [Não V não] e [V não] não pode ser vista como dando origem a uma nova posição de engendramento de TopP, mas à possibilidade do especificador do TopP — já disponível em respostas curtas — ser preenchido pela sentença que DenP introduz e não apenas por um tópico nulo.

A sentença em (25a), em que um NÃO aparece com função enfática e que corresponde à forma do PE e a um estágio anterior do PB, apresenta uma estrutura de coordenação, representada em (25a'), em que o NÃO que segue a sentença corresponde a uma outra estrutura oracional, com o TP apagado (# simboliza a fronteira entre as orações). Já a sentença em (25b), que é a estrutura do PB contemporâneo, corresponde a uma estrutura sentencial única, em que há deslocamento de TP para TopP.

- (25) (a) Eu **não** fiz. **Não**.
 (a') [CP [TP eu num fiz]] # [TopP^o ∅ [DenP **não** [CP [TP ∅]]]
 (b) Eu **não** fiz **não**.
 (c) [TopP [TP eu num fiz] [DenP **não** [CP [TP eu num fiz]]]]
-

A partir das questões discutidas nessa seção, apresento, na próxima, a derivação das três negativas sentenciais do PB.

3.4. Derivação das sentenças negativas

3.4.1. Derivação de [Não V]

Nessa subseção, discuto a estrutura de uma negativa pré-verbal [Não V] do PB. Apesar de a análise de [Não V] não ser o foco dessa Dissertação, que se concentra sobre as negativas com um marcador pós-verbal, entender a estrutura subjacente a essa construção contribui para compreender as outras negativas e as diferenças que existem entre os três tipos.

A derivação de uma negativa como (26), envolve, inicialmente, uma seleção de itens do léxico para a numeração como a apresentada em (27).

- (26) Eu num comprei a casa
 (27) N = {eu, a, casa, comprei, T^o, num}

Como se pode ver, o único núcleo funcional que represento nessa numeração é T^o, concebido como um traço temporal abstrato. Neg^o, porém, não aparece como item específico da numeração, porque assumo que a categoria NegP é uma projeção do núcleo NÃO / NUM⁸⁰, de acordo com a hipótese do *bare structure phrase* (CHOMSKY, 1995). O mesmo para DP, cujo núcleo é o determinante "a".

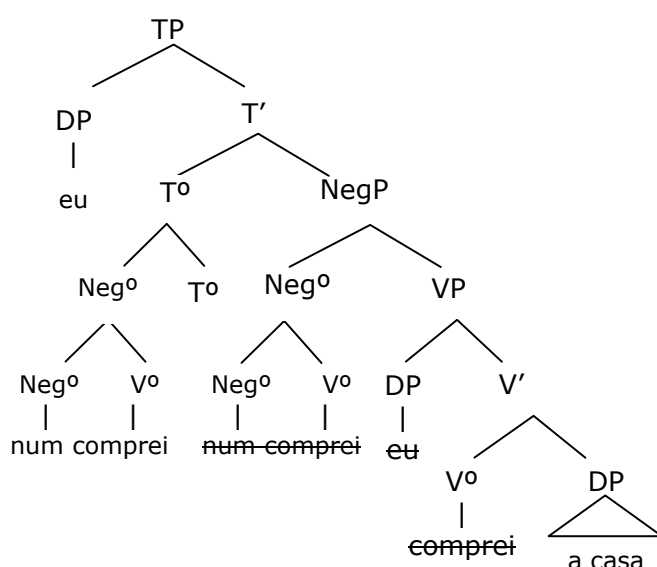
⁸⁰ Para evitar ambigüidades, na derivação represento o NÃO pré-verbal como NUM e o pós-verbal como NÃO, uma vez que assumo que são elementos distintos, tanto para o léxico, quanto para o sistema computacional.

Outros núcleos funcionais como Force^o e Fin^o também não são representados na numeração em questão. Tais núcleos, evidentemente, estão presentes na derivação de [Não V], mas não os represento aqui por uma questão de economia, por não terem efeito sobre a discussão em foco. Deixo, também, de lado, a questão sobre a cisão do núcleo IP e a existência de AgrP. Trabalho, portanto, apenas com TP.

Uma sentença negativa difere de uma afirmativa, pela presença de NUM, que projeta a categoria NegP, responsável por inverter o valor de verdade da sentença.

A partir da numeração em (27), a computação faz uso das operações *selecionar*, *compor* e *mover* para formar a estrutura em (28).

(28)



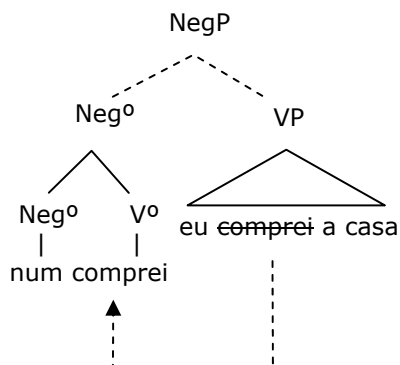
Assumo uma ordenação em que NegP é gerado abaixo de TP e acima de VP no PB. Assumo também o movimento, por cópia, do verbo para Neg^o. Esse movimento se dá, de acordo com a teoria do movimento lateral, de Nunes (cf. HORNSTEIN; NUNES; GROHMANN, 2005), da seguinte forma:

Após a formação, através das operações *compor*, do VP [_{VP} eu comprei a casa], a computação seleciona da numeração o núcleo NUM e faz uma cópia do verbo *comprei*. Uma nova aplicação de *compor* une diretamente NUM e *comprei* em um objeto sintático distinto [_{Neg°} num comprei]⁸¹.

⁸¹ A representação mostra que o movimento do verbo para o núcleo superior, Neg^o, cria a ordem [_{Neg°} num Vi], que se mantém com o movimento do complexo para T^o. Essa ordem contraria a hipótese de Kayne (1994), de que o objeto movido se adjunge ao alvo de modo a sempre precedê-

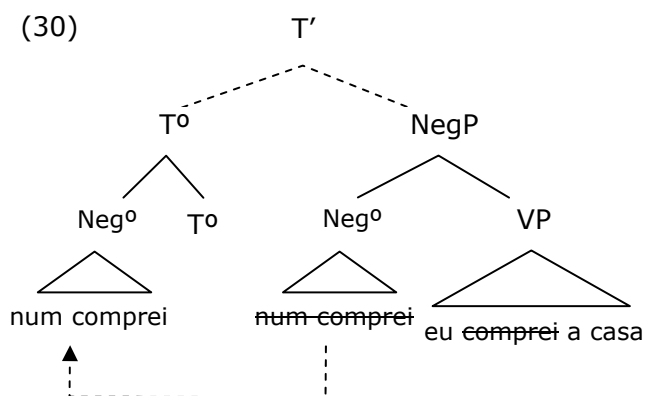
A computação conta agora com dois objetos sintáticos: o VP e o Neg⁰ formado por NUM e uma cópia do verbo. A aplicação da operação *compor* une esses dois objetos, formando a projeção máxima NegP, que tem o VP como complemento, como representação em (29).

(29)



Em seguida, a computação faz uma cópia de Neg⁰, que contém o verbo e a partícula negativa, e une essa cópia ao núcleo T⁰, retirado da numeração, formando um complexo [T⁰ [Neg⁰ num compreí] [T⁰]]. A operação tem como objetivo checar os traços de tempo de que o verbo dispõe com os traços de T⁰. A computação conta, novamente, como dois objetos sintáticos complexos: [T⁰] e [NegP]. Os dois são unidos por uma nova aplicação de *compor*, que forma o nível T', representado em (30).

(30)



10. Assumo que, na linearização de complexos formados por clíticos, PF sempre “enxerga” o clítico como precedendo o núcleo ao qual está ligado. Dessa forma, sendo NUM um clítico, PF sempre irá determinar que ele preceda o outro elemento, no caso, o verbo. Essa postulação pode ser vista como uma reformulação da idéia de Mioto (1991), de que um clítico difere de um afixo por ter um espaço à direita para ser preenchido, enquanto esse último teria um espaço à esquerda.

Em seguida, T' é unido por *compor* a uma cópia do DP "eu". A operação visa à checagem do traço de caso nominativo do DP com o traço de Caso de T⁰, bem como a checagem do traço +D de que T⁰ dispõe. A estrutura formada é a já representada em (28).

Essa proposta não difere substancialmente, até aqui, da realizada por outros autores. É, em linhas gerais, semelhante à de Pollock (1989) para o francês e inglês, com a diferença de não postular a categoria AgrP como interveniente entre o NegP e VP. Aproxima-se mais ainda da análise de Vitral (1999), que propõe que o complemento de NegP é sempre uma categoria lexical, no caso, o VP.

Para os objetivos dessa Dissertação, os detalhes específicos da derivação de [Não V] com relação à existência de uma categoria AgrP ou se ela está acima ou abaixo de NegP não são cruciais. O fato relevante a ser captado aqui é que NegP é projetado a partir de NUM em uma posição abaixo de TP⁸².

A posição pré-verbal da negação se deve a dois fatores. Primeiro, ao seu caráter clítico, apontado por vários autores (cf. POLLOCK, 1989; MIOTO, 1991; VITRAL, 1999), que exige que ela seja incorporada a uma outra palavra que lhe dê base fonológica. Essa palavra é o verbo, que se move para Neg⁰ e posteriormente para T⁰ para a checagem de seu traço temporal.

O segundo motivo se deve a um processo de checagem de traços envolvendo T⁰ e Neg⁰. Proponho que a marcação do valor negativo de uma sentença não é tarefa exclusiva de NegP, mas também de TP. O núcleo T⁰, além de traços de tempo e de caso, carrega um traço referente à polaridade, com duas possíveis subespecificações: ±Neg.

No início da derivação da sentença, o núcleo Tempo já vem especificado do léxico como negativo. O movimento do complexo [Neg⁰ num+V] para T⁰ provoca, então, a checagem de dois traços de T⁰: o traço [+Neg] e o traço de tempo.

Antes de concluir essa seção, é necessário apontar como se dá a derivação de uma negativa pré-verbal que contenha um elemento deslocado, mais precisamente, um complemento topicalizado. A importância desse ponto se deve ao fato de [V não] se comportar diferentemente de [Não V] e [Não V não] com relação a esse aspecto, por, como apontei no capítulo 1 e na seção 3.1., ser agramatical nessa estrutura.

⁸² Essa proposta contraria a de Mito (1991), que gera NegP acima das categorias flexionais e deriva o movimento de T⁰ para Neg⁰ pela natureza clítica do marcador negativo.

A derivação de uma sentença como (31) apresenta como diferença em relação a (26) a seleção do núcleo Top^0 para a numeração, conforme mostrado em (32)⁸³. Até o nível TP, a derivação segue os mesmos passos que para (26). Os passos seguintes envolvem a inserção e a composição (*merge*) de Fin^0 , Top^0 e Force^0 , nessa ordem.

TopP tem como núcleo um morfema abstrato, que desencadeia o movimento do constituinte a ser topicalizado. A estrutura final de (31) é mostrada em (33).

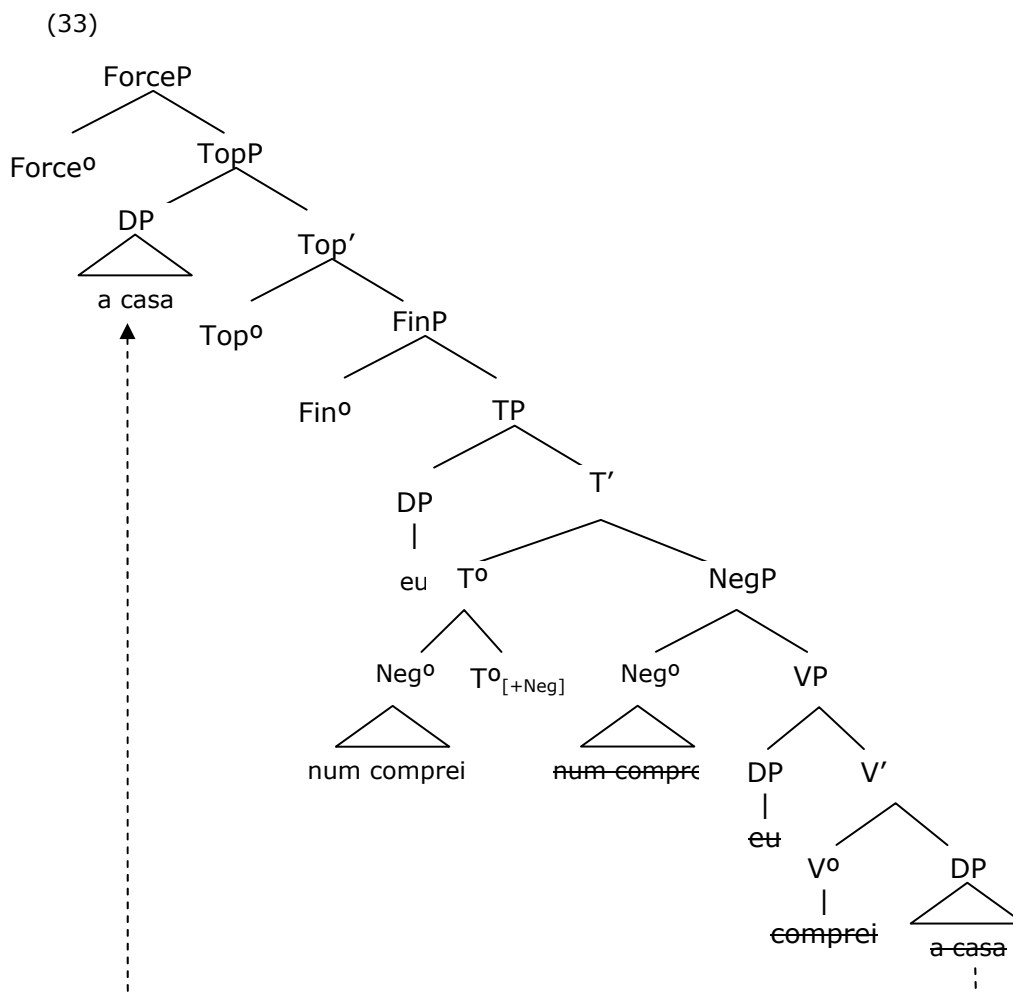
(31) *Essa casa eu num comprei*⁸⁴

(32) $N = \{\text{eu, a, casa, comprei, } T^0_{[+Neg]}, \text{ num, Top}^0, \text{ Force}^0, \text{ Fin}^0\}$

⁸³ Atente o leitor que a presença de Force^0 e Fin^0 não é uma diferença em relação a (27) e (32), pois os dois núcleos também estão presentes na numeração e na derivação da primeira sentença, mas foram omitidos. Na segunda sentença, não os omito porque ela envolve a ativação visível do sistema CP.

⁸⁴ No *corpus* foram documentadas frases como essas:

- (i) *A mandioca a gente num come...*
- (ii) *Remédio a gente num toma, que o dinheiro num dá.*
- (iii) *Na roça eu num fui.*
- (iv) — DOC: *E você costuma andá por esses lugares aí que o povo às veze anda, é... tipo... Pico das Almas..essas cachoeiras?*
— INF: *Pico das Almas eu num conheço.*



3.4.2. Derivação de [Não V não]

Nesta subsecção, discuto a estrutura de uma negativa em que ocorrem dois marcadores de negação [Não V não]. A derivação de uma sentença como (34) parte da seleção de itens do léxico para a numeração apresentada em (35).

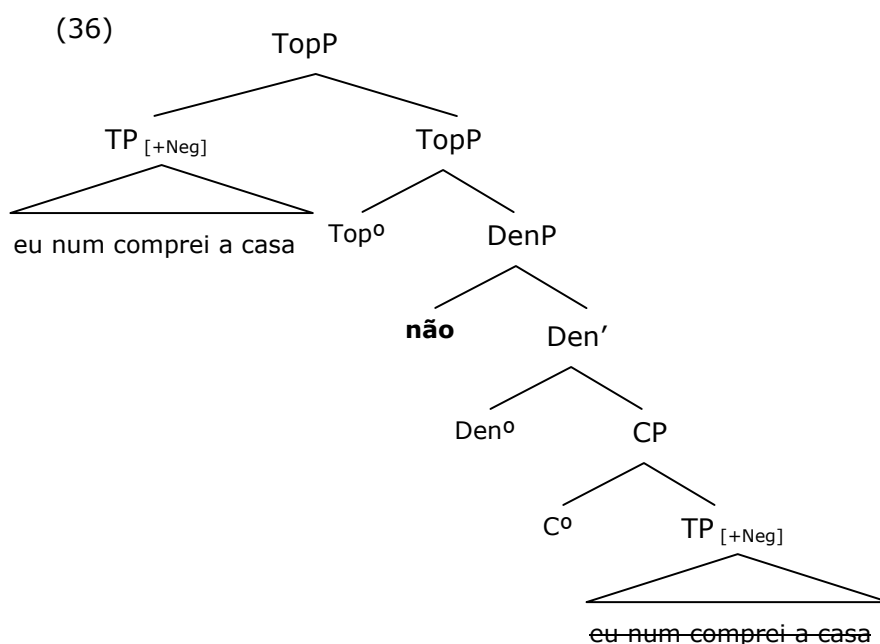
(34) Eu **num** comprei a casa **não**

(35) $N = \{eu, a, casa, comprei, T^0_{[+Neg]}, Den^0, Top^0, num, não, Force^0 \text{ e } Fin^0\}$

As diferenças em relação à derivação de [Não V] estão em a numeração conter os núcleos Den⁰ e Top⁰, preenchidos por traços abstratos, e o marcador final NÃO. A presença de Force⁰ e Fin⁰ não é, por outro lado, uma diferença entre as duas negativas. As mesmas estão também presentes em [Não V], mas foram omitidas por não terem efeito sobre a derivação da estrutura. O mesmo procedimento não pode ser adotado para a exposição sobre a derivação de [Não V não], pois a periferia esquerda da sentença tem papel importante tanto para [Não V não] quanto para [V não]. Por uma questão de economia, porém, agrupo, no restante da seção, as duas categorias ForceP e FinP sob o rótulo CP.

A derivação de [Não V não] pode ser dividida em duas “fases”. A primeira vai até a formação da sentença ao nível do TP (ou CP), em que a derivação coincide com a de [Não V], com a aplicação das mesmas operações e a formação de um objeto sintático tal como o apresentado em (28): um TP que tem como complemento um NegP e cujo núcleo T⁰_[+Neg] tem seu traço negativo e seu traço temporal checados pelo movimento de Neg⁰.

A segunda parte da derivação da sentença envolve a aplicação de *selecionar* e *compor* para formar o nível CP e, em seguida, os níveis DenP e TopP, como representado em (36).



O núcleo de DenP é um morfema abstrato que se une ao CP (= ForceP e FinP), formando Den'. Em seguida, o NÃO é selecionado da numeração e unido a Den' por *compor*, formando DenP. O tópico que é gerado acima de DenP também tem como

núcleo um morfema abstrato, que se une a DenP para formar Top'. O último passo da derivação é a cópia de toda a sentença para o especificador de Top⁰, formando o TopP, também conforme a representação acima.

As diferenças entre [Não V não] e [Não V] são resultado de a presença de NÃO, de Den⁰ e de Top⁰ na numeração ativar o movimento da sentença para a posição de tópico, passando por cima de NÃO no especificador de DenP. É preciso ficar claro que essa operação difere da de topicalização apresentada em (33), porque o TopP para onde a sentença é movida ocupa uma posição mais externa na sentença, estando acima ForceP e DenP. As conseqüências dessa diferença ficarão claras na próxima subseção.

Existem alguns problemas específicos na aplicação dessa análise para [Não V não], relacionados à possibilidade de topicalização de constituintes e à ocorrência em sentenças encaixadas, que discuto na seção 3.4.4., após a exposição sobre a derivação de [V não].

3.4.3. Derivação de [V não]

Nesta seção, discuto a estrutura de uma negativa que apresenta apenas um marcador em posição final. A derivação de uma sentença como (37) envolve, inicialmente, a seleção de itens do léxico para a numeração apresentada em (38).

(37) Eu comprei a casa não

(38) $N = \{eu, a, casa, T^0_{[-Neg]}, Den^0, Top^0, não, Force^0, Fin^0\}$

Como se pode ver, a numeração de que [V não] parte difere da numeração da negativa pré-verbal [Não V] por conter os núcleos Den⁰ e Top⁰. E difere da negativa [Não V não] por não possuir NUM, o elemento que projeta Neg⁰⁸⁵.

Uma outra diferença em relação a [Não V] e [Não V não] está em o núcleo T⁰ que compõe [V não] não possuir uma especificação negativa, sendo T⁰_[-Neg].

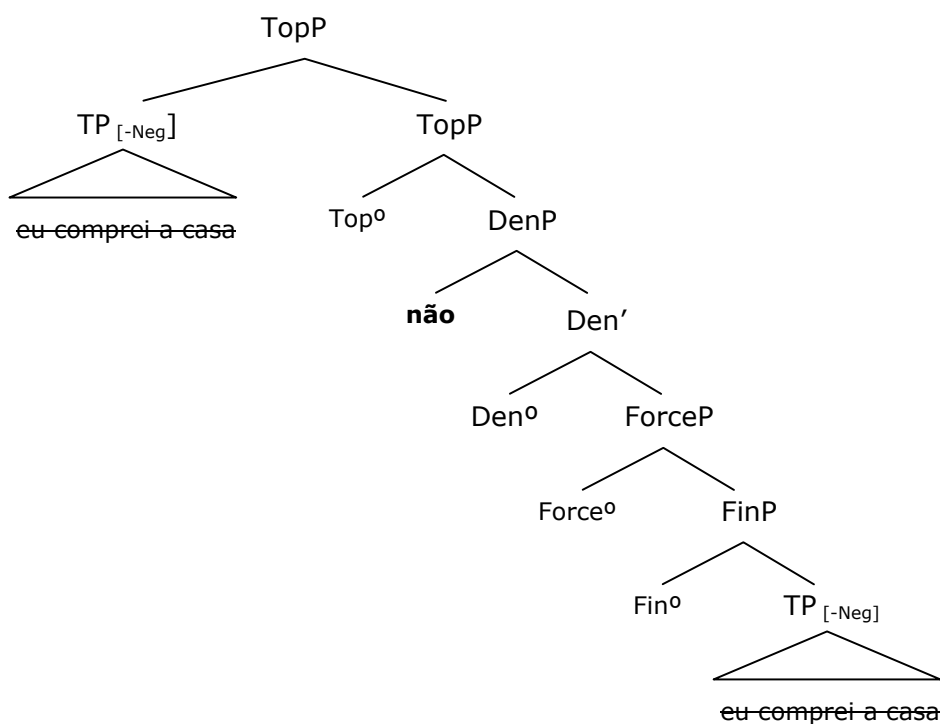
⁸⁵ O NÃO que está presente na numeração é pós-verbal.

Defendo, assim, que a diferença básica entre [Não V não] e [V não] está não no apagamento de NUM em PF (como proposto por Fonseca, 2004), mas na seleção do marcador negativo pré-verbal para a numeração da qual a derivação deve partir. Em suma, a numeração de [Não V não] contém NUM, que projeta NegP; a numeração de [V não] não contém.

Isso implica que, até a ativação do nível DenP, acima de ForceP, o sistema computacional realiza uma derivação em tudo semelhante à de uma sentença afirmativa, o que é compatível com a intuição de que a sentença funciona como um tópico e a negação final em [V não] como uma predicação que não tem a função de alterar o valor de verdade da proposição, mas expressar uma denegação sobre uma pressuposição.

A estrutura de (37) é a que apresento em (39), que envolve o movimento de toda a sentença para a posição de tópico mais externa.

(39)



Como apontado no capítulo 2 e não seção 3.1. deste terceiro capítulo, [V não] é agramatical em três contextos sintáticos: em sentenças encaixadas, em perguntas QU e em construções com topicalização de constituintes, como mostram os exemplos em (40-

42). Passo agora a discutir as razões da agramaticalidade nesses contextos, em função da estrutura proposta em (39).

- (40) [V não] em sentenças encaixadas
- (a) ?*Se a banda tocar **não**, o show vai ser cancelado.
 - (b) ?*Tenho vários alunos *que gostam de sintaxe* **não**
 - (c) ?*Ele disse *que conseguiu* **não**
- (41) [V não] em perguntas QU
- (a) ?*O que (foi que) ele fez **não**?
 - (b) ?*Por que ele saiu de casa **não**?
 - (c) ?*Que horas você está ocupado **não**?
- (42) [V não] em construções de topicalização
- (a) ??Esse livro comprei **não**.⁸⁶
 - (b) ??Com o arame eu preocupo **não**.
 - (c) ??Feijão gosto **não**
 - (d) ??Show de Ivete eu vi **não**
 - (d) ??Esse ladrão o policial prendeu **não**

A hipótese de que o NÃO final ocorre em uma categoria como DenP já bloqueia a possibilidade de [V não] em encaixadas, pois o núcleo Den^o é gerado acima dos complementizadores, não sendo selecionado⁸⁷ por eles nem por verbos. Uma evidência em favor dessa postulação é o fato de que um marcador negativo após uma sentença encaixada, como uma completiva, é interpretado como tendo escopo sobre a sentença matriz (ou sobre toda a frase), e não apenas sobre a encaixada, como mostram os exemplos em (43-44), documentados no *corpus*.

- (43) INF: ... só que é umas rosas feita assim... num sei se é de papel. *Sei que que é não*, é uma rosa sabe, mas num é de... de flô assim não. [CZ-01]

⁸⁶ Exemplos meus. Entonação normal, sem pausa entre o tópico e o restante da sentença e sem curva entonacional de pergunta sobre o elemento topicalizado.

⁸⁷ É possível, inclusive, postular que a categoria de TopP acima de DenP não seja uma projeção distinta que a selecione, mas formem duas camadas de uma mesma categoria à semelhança do sistema Vp shell. Não desenvolvo, porém, essa linha.

- (44) INF: Mas se eu sei contá quantas pessoas tem aqui! *Sei contá quantas pessoa tem aqui não!* [CZ-09]

Tanto em (43) quanto em (44), a negação não recai sobre os verbos (*ser, ter*) das encaixadas nem sobre a proposição que elas expressam, mas sobre o verbo SABER da matriz — ou sobre toda a proposição <<*saber o que é*>> e <<*saber quantos tem*>>. Isso decorre de o sistema computacional atribuir a essas sentenças uma estrutura subjacente em que toda a frase é deslocada para o TopP acima de DenP na sentença matriz, como representação em (45).

- (45) [TopP [TP Sei contá [CP quantas pessoa tem aqui]] [DenP **não** [CP [TP t]]]]
-

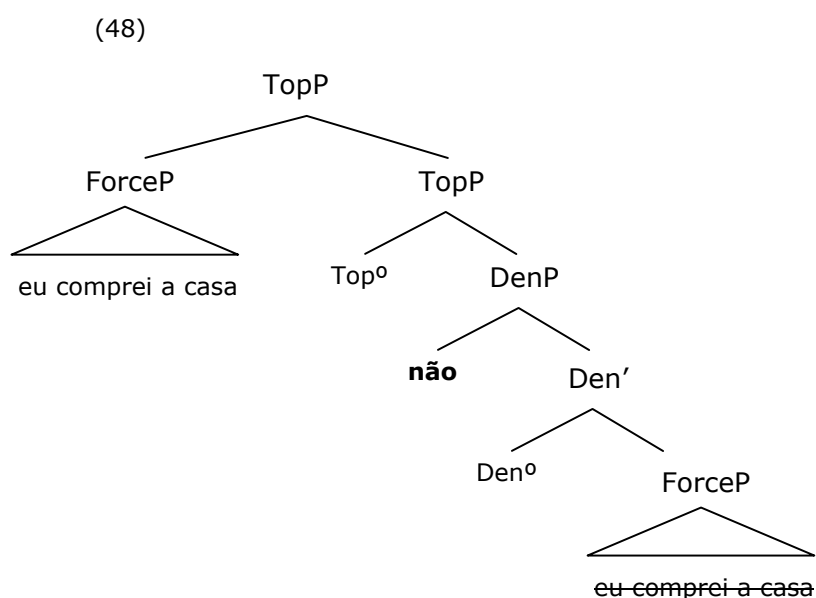
Com relação à agramaticalidade de [V não] com perguntas QU, é importante que essa negativa se mostra agramatical não apenas diante da presença de um elemento interrogativo, mas de qualquer constituinte focalizado, como mostram os exemplos em (46).

- (46) (a) ?**EU que vi não.*
 (b) ?**ONTEM que eu fui não.*

A agramaticalidade de (41) e de (46) decorre de um mesmo aspecto, uma vez que constituintes interrogativos também funcionam com elementos focais, o que implica a impossibilidade de co-ocorrência de um QU e um foco em uma mesma sentença, como aponta Rizzi (1996: 298). Os exemplos em (47) mostram essa incompatibilidade.

- (47) (a) ***A chi** IL PREMIO NOBEL dovrebbero dare? (RIZZI, 1996: 298)
 (b) * IL PREMIO NOBEL **a chi** dovrebbero dare? (RIZZI, 1996: 298)
 (c) * **Quem** VOCÊ que viu ontem? (meus)
 (c) **Quem** você viu ontem? (meus)

A agramaticalidade de [V não] em perguntas QU e construções de foco deriva da natureza do movimento da sentença para TopP. Uma vez que a denegação recai sobre todo o conteúdo pressuposicional, é necessário postular que o constituinte que é topicalizado é ForceP e não apenas o TP, conforme representação em (48), que revisa (39).



Isso implica que a presença de elementos focalizados no sistema CP levaria à topicalização de um elemento marcado como [+foco], o que é incompatível com os traços de TopP e leva a sentença a não convergir em LF.

Resta agora tratar dos casos de topicalização de sintagmas em [V não], como nos exemplos em (42). A inaceitabilidade desses exemplos não parece, à primeira vista, tão forte quanto a das sentenças em (41). Ainda assim, os exemplos apresentam uma clara degradação em relação (49).

- (49) (a) *Esse livro não comprei.*
 (b) *Com o arame eu não me preocupo.*
 (c) *Feijão não gosto.*
 (d) *Show de Ivete eu não vi.*
 (e) *Esse ladrão o policial não prendeu.*

A degradação de (42) em relação a (49) se deve ao fato de que a topicalização em [V não] não poder ter a mesma estrutura subjacente que a de [Não V], em que o tópico ocorre entre ForceP e FinP.

[V não] apresenta uma exigência de que toda a sentença funcione como uma pressuposição. A topicalização de algum sintagma faz com que haja dois tópicos na estrutura e implica que a negação em DenP atinja um constituinte específico além de toda a proposição. Evidentemente, é possível que a denegação recaia sobre um constituinte, como mostra (50). A incompatibilidade está, então, em haver dois elementos sobre os quais DenP predica.

- (50) (a) — Foi você que convidou Angelina para a festa?
 — **Eu não**, foi Jennifer.
 (b) [_{TopP} **eu** [_{DenP} **não** [_{CP} [_{TP} *pro* foi Jennifer]]]]

Finalizo esta seção apontando que a postulação de DenP como local em que a partícula negativa final é gerada dá conta dos fatos sintáticos apontados na descrição realizada no capítulo 1, ou seja, a agramaticalidade em sentenças encaixadas, em perguntas QU e em construções de topicalização de constituintes.

Os resultados dessa seção trazem, entretanto, problemas com relação a [Não V não]. A análise referente às perguntas QU é igualmente adequada, pois esse também é um contexto de agramaticalidade para essa negativa. Porém, dois problemas surgem na análise de [Não V não]: a negativa é perfeitamente gramatical tanto em sentenças encaixadas quanto em construções com topicalização, como mostram os exemplos em (51) e (52), documentados no *corpus*. Discuto esses problemas na próxima subseção.

- (51) (a) INF: ... acho *que num existia isso aí tamém não*. [RC-05]
 (b) INF: Tá... um tá na cadêra de roda e o ôtro tem uma bala aqui no pescoço *que num pode tirá não*. [SP-01]
 (c) INF: Vai vê que já [criaro] estrada pra lá, *poque num tinha estrada de carro po Paramirim não*. [RC-26]
- (52) (a) INF.: Agora, *doce*, eu **num** faço **não**. [SP-09]
 (b) DOC.: E o senhô sabe de assi ... sofreu algum acidente por' aqui, alguma coisa assim, não?
 INF.: Não. *Acidente* aqui, eu **num** sei **não**. [SP-12]

3.4.4. Derivação de [Não V não] em sentenças encaixadas

A derivação de uma sentença como (53) traz alguns problemas para a análise esboçada para [V não] e aplicada também a [Não V não]. Como visto na seção anterior, se Spec de DenP é a posição em que figura a partícula negativa pós-verbal, ambas as construções são bloqueadas pela computação em sentenças encaixadas e o exemplo em questão deveria ser agramatical, ao contrário do que é.

(53) Ele disse [que **num** viajou **não**]

A análise precisa ser revisada de modo a manter a previsão de agramaticalidade de [V não] em encaixadas, mas, de modo oposto, prever a boa formação de [Não V não]. Antes de tudo, é preciso deixar mais claros os motivos da incompatibilidade da análise com a sentença em (53). De acordo com o exposto em 3.4.2., a sentença deve partir da numeração exposta em (54).

(54) $N = \{ \text{ele, disse, viajou, } T^0_{[-\text{Neg}]}, T^0_{[+\text{Neg}]}, \text{ num, não, Fin}^0, \text{ que (=Force}^0) \}$

Em um primeiro momento, seria necessário prever a existência de Den⁰ e Top⁰ nessa numeração, mas essa idéia deve ser descartada em função da postulação de que Den⁰ só ocorre em sentenças matrizes, que é a base para os resultados alcançados na análise de [V não]. É necessário, então, excluir Den⁰ e, conseqüentemente, Top⁰, da numeração de (53), sob pena de forçar a necessidade de revisão de toda a análise da subseção anterior.

Além disso, DenP também não poderia ocorrer nessa frase na sentença principal, pois implicaria que o NÃO pós-verbal teria escopo sobre toda a proposição e não apenas sobre a sentença encaixada.

Por outro lado, não se pode negar que a numeração de (53) conta com o marcador negativo pós-verbal NÃO, o que leva a uma contradição na análise: a derivação deve lidar com o item NÃO, mas não dispõe da categoria funcional DenP sob a qual ele ocorre. Tal computação deveria fracassar por, pelo menos, dois motivos:

(55)

- (i) a derivação chega a LF sem a checagem do traço formal presente em NÃO com o traço de uma categoria funcional que tenha traços compatíveis.
- (ii) a ausência de um alvo para NÃO deveria impedir a sua entrada na derivação, o que levaria a computação a falhar por não utilizar todos os elementos da numeração.

Evidentemente, os problemas em (55) são apenas aparentes, já que a sentença (53) é perfeitamente gramatical no PB. Resta, então, o problema de em que posição ou projeção funcional o NÃO final de sentenças encaixadas pode ser licenciado pela checagem de seus traços. Antes de apresentar uma solução para esse problema, comento algumas características de [Não V não] que são importantes para a questão.

É preciso ter em vista, inicialmente, outras diferenças que existem entre [Não V não] e [V não] além das relacionadas à gramaticalidade em sentenças encaixadas e em construções de tópico. A primeira diz respeito à própria produtividade das duas construções. Os resultados apresentados no capítulo 1, referentes tanto ao levantamento e descrição que fiz quanto de outros autores, apontam que [Não V não] é muito mais freqüente do que [V não]. Enquanto a primeira ocorre em números que giram em torno de 25%, mas variam até 32%, a segunda tem uma freqüência sempre inferior a 6%.

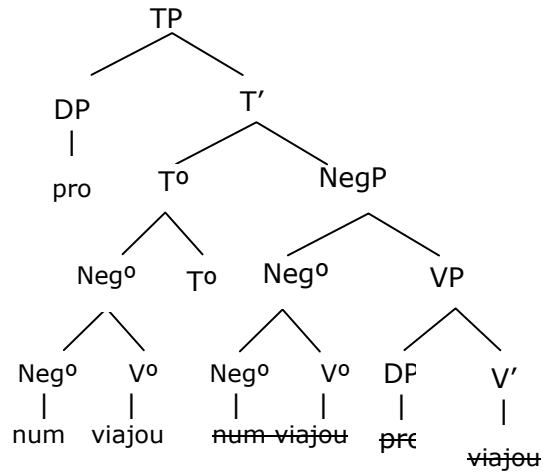
Essa questão é um reflexo de uma diferença mais geral entre as duas negativas. Apesar de também estar fortemente ligada a contextos de respostas a perguntas diretas e de quebra de pressuposições, [Não V não] é usada em mais contextos do que [V não]. Os resultados referentes ao tipo de frase já mostravam, por exemplo, que [Não V não] ocorre também com alguma freqüência em não-resposta. Nesse contexto, [Não V não] teve freqüência de 24% contra apenas 2% de [V não].

Retorno agora à questão da derivação de [Não V não]. Proponho que a gramaticalidade de (53) diz respeito ao tipo de núcleo T⁰ que entra na derivação de cada negativa. Como visto nas subseções anteriores, postulo que as duas negativas com marcador final diferem essencialmente pela ausência, em [V não], de NUM na numeração, não projetando NegP, e pela presença de um T⁰ sem especificação negativa. A construção [Não V não], por outro lado, teria tanto NUM projetando NegP quanto um T⁰ especificado como [+Neg], em que é realizada a checagem de NUM.

Na numeração descrita em (54) estão presentes dois núcleos T⁰: um marcado como [-NEG] e outro como [+Neg]. O primeiro é o núcleo da sentença superior, que é afirmativa; o segundo é da sentença encaixada, negativa. A existência de um T⁰_[+Neg] em

(54) disponibiliza uma posição em que o NÃO pós-verbal pode se alocar. Dada essa numeração, há dois caminhos que a computação pode seguir a partir da formação do TP representado em (56).

(56)

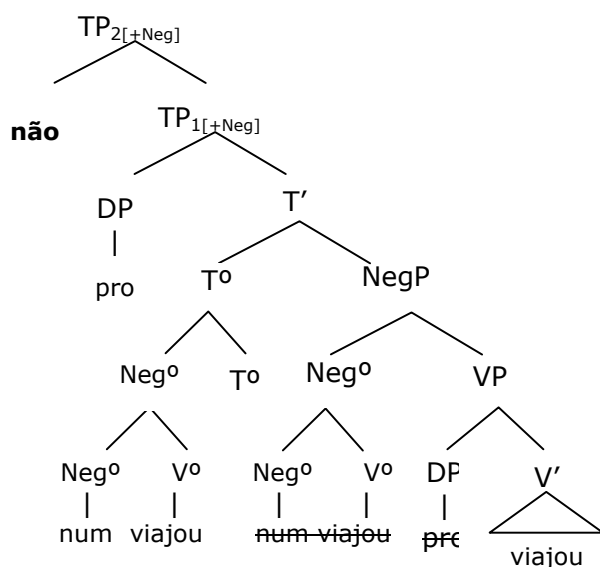


A partir desse ponto da derivação, a numeração ainda conta com os itens listados em (57). Se a computação seleciona “*que*”, núcleo de FinP, e o une ao TP, a derivação pode prosseguir com a entrada de Force⁰ e depois dos elementos da sentença matriz. Ela está, contudo, fadada a fracassar, uma vez que o NÃO não poderá mais ser checado.

(57) N' = {ele, disse, T⁰_[-Neg], não, Fin⁰, que (=Force⁰)}

Uma outra possibilidade é que, antes da inserção de “*que*”, haja a seleção e inserção de NÃO em adjunção à projeção TP. A adjunção é possível porque, como postulado, T⁰ carrega um traço [+Neg] que permite a checagem dos traços negativos dos itens da numeração.

(58)

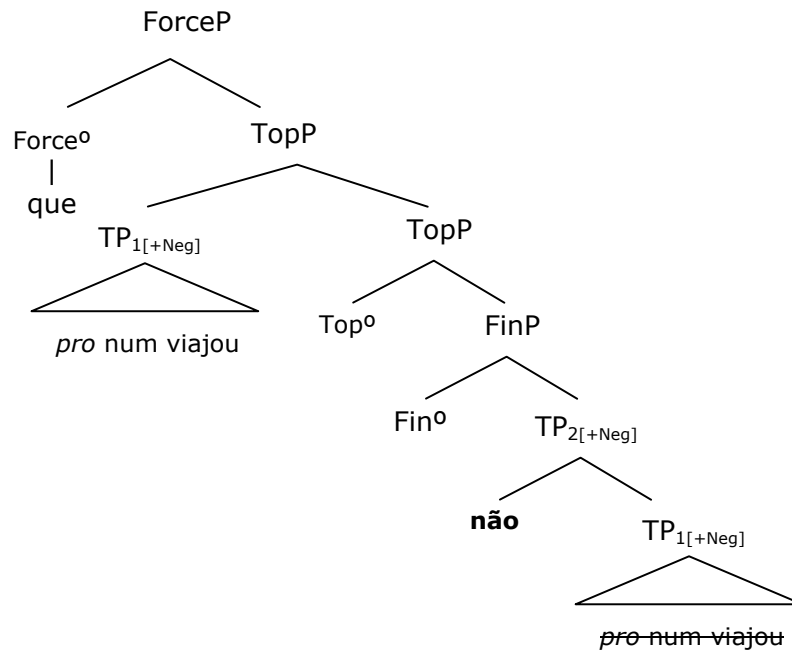


A análise pressupõe que, na primeira checagem dos traços de NUM com os de $T^0_{[+Neg]}$, sejam apagados os traços do marcador negativo, mas não o traço de T^0 . Essa postulação é plenamente viável, uma vez que o PB exibe concordância negativa, fenômeno que pressupõe que mais de um item lexical com carga negativa possa ter o traço checado e apagado em função de um mesmo núcleo funcional. Também é viável porque capta a generalização de que a negação expressa é sentencial e não de constituinte.

A possibilidade de o NÃO ser licenciado pela adjunção ao TP diferencia [Não V não] de [V não] e permite que a primeira ocorra em sentenças encaixadas. O mesmo não é possível para [V não], já que o T^0 que está presente nessa construção não tem especificação negativa; a adjunção, portanto, geraria uma incompatibilidade de traços que levaria a derivação a não convergir em LF. Essa possibilidade também explica a maior produtividade de [Não V não] em relação a [V não], tanto em contextos de respostas diretas quanto em contextos de não-respostas, conforme apontado anteriormente (cf. p. 146).

A posição final de NÃO em (53) é derivada também por um movimento de toda a sentença para uma posição mais alta que o TP encaixado, uma posição de tópico. A diferença está em que, estando NÃO em uma posição bem mais baixa em relação à que seria a posição de DenP, há mais posições disponíveis para o pouso da sentença, que é deslocada para uma posição de tópico entre ForceP e FinP, de acordo com o sistema de Rizzi (1996). O que é movido, nesse caso, é apenas o TP que não contém o NÃO, ou seja, o TP_1 da representação (58), como mostra (59).

(59)



Essa análise não anula a apresentada para [Não V não] em sentenças matrizes na seção 3.4.2., que envolve a ativação de DenP, mas abre duas possibilidades de geração da negativa: (i) a primeira em que Den⁰ está presente, o NÃO ocupa o seu especificador e a sentença funciona como uma denegação; (ii) e a segunda, em que Den⁰ não está presente e o NÃO se adjuge ao TP.

3.5. Conclusões do capítulo

Neste capítulo, apresentei uma proposta de análise para a estrutura das três negativas sentenciais que existem no PB, buscando derivar suas diferenças a partir de escolhas distintas dos itens lexicais para a numeração e da forma como interagem entre si NegP, TP e as categorias funcionais da periferia esquerda da sentença.

Propus a existência de uma projeção DenP responsável por codificar relações discursivas e alojar o marcador negativo pós-verbal e o que ocorre como profrase negativa. Argumentei que essa projeção é gerada acima de ForceP e propus uma análise que dá conta das restrições de gramaticalidade que se impõem sobre [V não].

Para [Não V não], assumi, porém, a impossibilidade de manutenção da mesma análise e propus que o seu marcador final, na ausência de DenP, pode ser licenciado também pelo traço negativo do T^o que está presente nessa negativa, diferentemente de [V não].

Essa duplicidade de análise de [Não V não] pode parecer, à primeira vista, redundante e indesejada, mas consegue dar conta de vários aspectos interessantes das negativas do PB. Por um lado, mantém as peculiaridades e propriedades compartilhadas por [Não V não] e [V não]. Por outro, explica a gramaticalidade de [Não V não] não só em sentenças encaixadas, mas também em construções de tópico, além de captar seu uso associado, mas não restrito, ao contexto de respostas curtas diretas.

Para finalizar o capítulo, apresento, no quadro 8, um resumo das propriedades formais que diferenciam as derivações das três negativas.

Quadro 8: Diferenças formais entre [Não V], [Não V não] e [V não]

Tipo de negativa	Natureza de T^o	NegP	DenP	Posição de NÃO
[Não V]	+Neg	Presente	Ausente	Ausente
[Não V não]	+Neg	Presente	Presente ou Ausente	Spec de DenP ou adjunção a TP _[+Neg]
[V não]	-Neg	Ausente	Presente	Spec de DenP

CONCLUSÕES

Finalizo esta Dissertação retomando os principais pontos que foram abordados. A Dissertação está dividida em duas partes que apresentam características, a princípio, bem distintas e que podem, por isso, ser vistas como não compatíveis entre si, pelas diferenças metodológicas que lhes guiam.

A primeira parte, que compreende o capítulo 1, tem um caráter eminentemente variacionista. Nela, apresentei uma descrição dos usos dos três tipos de negativas sentenciais investigadas, a partir de dados de comunidades rurais isoladas do interior da Bahia, comparando os resultados encontrados com os de trabalhos realizados sobre outras variedades do PB, também em uma perspectiva variacionista.

Já na segunda parte, composta pelos capítulos 2 e 3, discuti algumas propostas formuladas dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa sobre a negação sentencial, procurando demonstrar a inadequação de todas elas para representar a estrutura das negativas do PB. Busquei, então, oferecer uma análise alternativa para essas estruturas.

Essa segunda parte tem, então, um perfil predominantemente formalista e teórico, diferentemente da primeira, de caráter descritivo e quantitativo. As duas partes também se baseiam em teorias que apresentam concepções de língua profundamente distintas entre si. Essas diferenças, entretanto, não comprometem o trabalho, devido à maneira como estão articuladas.

O foco principal da primeira parte da Dissertação foi a utilização da metodologia de tratamento de dados da Teoria Sociolingüística Variacionista para a identificação de fatores lingüísticos que atuassem como condicionantes e, principalmente, como restrições (categóricas) à ocorrências das negativas, ou seja, de contextos de agramaticalidade, de modo a fornecer subsídios para a análise formal que desenvolvi na segunda parte. Esse procedimento, a meu ver, confere uma unidade ao trabalho, tornando as duas partes, mais do que relacionadas, interdependentes.

A proposta de análise que implementei parte da idéia de que o marcador negativo em posição final do PB difere do marcador pré-verbal (e dos marcadores pós-verbais de outras línguas) por não ocorrer sob a categoria funcional responsável pela expressão da polaridade da sentença (NegP ou PolP), mas apresentar uma função específica de codificação de relações discursivas relacionadas à confirmação e refutação de pressuposições, ocorrendo, então, sob uma categoria específica do sistema CP, a saber, DenP. Isso faz com que as negativas em que aparece esse tipo de NÃO estejam relacionadas a contextos de respostas diretas, inclusive com apagamentos dos argumentos verbais já mencionados ou inferíveis na situação comunicativa.

Essa análise consegue gerar adequadamente as estruturas negativas analisadas e bloquear as construções [Não V não] e [V não] nos contextos de agramaticalidade identificados ao longo do capítulo 1:

- (i) a impossibilidade de ocorrência de [V não] em sentenças encaixadas de qualquer tipo decorre de DenP ser incompatível com essa posição, por ser uma categoria que não é selecionada por verbos ou complementizadores e, portanto, encabeça apenas sentenças matrizes;
- (ii) a agramaticalidade de [Não V não] e [V não] em *perguntas-QU* se justifica por o elemento interrogativo, uma vez que possui traço focal, não poder ser topicalizado juntamente com toda a sentença, que deve funcionar como pressuposição;
- (iii) já a agramaticalidade das duas negativas com constituintes topicalizados é também fruto da exigência de que toda a proposição funcione como tópico ou pressuposição, o que faz com que uma outra topicalização altere as relações de escopo.

Com relação a [Não V não], foi preciso, porém, abrir uma segunda possibilidade de geração do marcador final, de modo a não impedir a ocorrência dessa construção nas sentenças encaixadas. Defendi, então, que, nesses contextos, essa negativa pode ter o segundo marcador negativo licenciado pela presença do traço [+Neg] no núcleo T, proposta que consegue manter os resultados alcançados pela análise.

Alguns aspectos da negação sentencial no PB, porém, continuam ainda em aberto para novas investigações. É necessária, de um lado, a realização de estudos que se concentrem sobre outras variedades lingüísticas para que se verifique a validade, para todo o PB, dos fatos sintáticos apontados no capítulo 1 e para que se possa mensurar a adequação da análise proposta.

Por outro lado, a atuação dos aspectos sociais no uso das negativas, descrita no final do capítulo 1, ainda carece de uma investigação mais profunda, de modo a fornecer uma compreensão mais ampla do processo de reanálise que deu origem às construções [Não V não] e [V não], em função da hipótese de influência do contato lingüístico na formação do PB, além da direção que a variação sincrônica pode tomar. Essa questão foi abordada apenas superficialmente ao longo desse trabalho, que é voltado mais para questões sintáticas, porém possui grande importância para a compreensão não só do

fenômeno estudado, mas também da questão da *implementação* de formas lingüísticas em um processo de mudança — ou seja: em termos variacionistas, como se dá o surgimento de novas variantes na comunidade lingüístico (LABOV, 1972); em termos gerativistas, como se dá a reanálise de uma construção sintática em outra por parte de uma nova geração de falantes (KROCH, 2001).

Como dito, essas e outras questões constituem importante campo de pesquisa ainda em aberto com relação à negação no PB.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Sabrina Pereira de. (1998). *A negação sentencial: da Teoria de Princípios e Parâmetros para o Programa Minimalista* - uma investigação através do Português Brasileiro. Porto Alegre: PUC-RS. Tese de doutorado.
- AFONSO, Ivone. (2003). Marcadores de negação fortes e fracos. *Estudos lingüísticos e literários*. Nº 29/30, jan. 2002 / dez. 2003. p. 57-78
- ALKMIM, Mônica G. R. (1999). Ação de dois fatores externos no processo de mudança em negativas sentenciais no dialeto mineiro. In: *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*, Florianópolis.
- ALKMIM, Mônica G. R. (2002a). Estruturas negativas em anúncios de jornais do século XIX. In: ALKMIM, Tânia Maria. (org.). *Para a história do Português Brasileiro*. Vol III: *Novos estudos*. São Paulo: FLP / USP.
- ALKMIM, Mônica G. R. (2002b). Negativa pré e pós-verbal: implementação e transição. In: COHEN, M. & RAMOS, J. *Dialeto mineiro e outras falas*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG.
- ANTONINO, Vivian. (2007). *A concordância nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas no português popular do interior do Estado da Bahia*. Salvador: UFBA, 2007. Dissertação de Mestrado.
- ARAÚJO, Rerisson Cavalcante de. (2003). Variação das estruturas negativas na interação pergunta-resposta In: *55ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - Anais*. Recife: UFPE.
- ARAÚJO, Rerisson Cavalcante de. (2004). Construções negativas no português falado em Salvador. *Hyperion*. Salvador: n. 7. Disponível em <http://www.hyperion.ufba.br/texts/2004-2/rerissoncavalcante.doc>
- ARAÚJO, Rerisson Cavalcante de. (2005). *Estratégias de negação sentencial no português afro-brasileiro rural: Cinzento*. Comunicação apresentada no II Seminário Estudantil de Pesquisa do Instituto de Letras, 2005, Salvador.
- BOMFIM, Eneida. (1988). *Advérbios*. São Paulo: Ática.
- BORGES NETO, José. (2004). O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística III: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Contexto.

- BROWN, Sue. (1999). *The syntax of negation in Russian: a minimalist approach*. Standford: CSLI. (Standford monographs in Linguistics).
- CAMARGOS, Marcelo Luiz de. (2002). *Teoria de Cópia e Negação*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais.
- CAMARGOS, Marcelo. (2000). *A negativa: uma análise qualitativa*. Disponível em <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/LCA/clca03.htm>. Acessado em 30 de julho de 2005.
- CARDOSO, Suzana. (1979). *Processos de negação no dialeto de Gararu (Sergipe)*. Salvador: UFBA. Dissertação de mestrado.
- CHOMSKY, Noam. (1978) [1965]. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Lisboa: Armênio Amado.
- CHOMSKY, Noam. (1980) [1957]. *Estruturas sintáticas*. Lisboa: Edições 70.
- CHOMSKY, Noam. (1995). *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho. (Coleção universitária).
- CHOMSKY, Noam. (1998). *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad. Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd. Brasília: UNB.
- DAHL, Östen. (1979). Typology of sentence negation. In: *Linguistics* 17. p. 79-106.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1995). *A perda do princípio "evite pronome" no Português Brasileiro*. Campinas: IEL / UNICAMP. Tese de doutorado.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1996). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. p. 107-128.
- FERREIRA, Carlota. (1994). Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. In: FERREIRA, Carlota *et al.* *Diversidade do Português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2 ed. Revista. Salvador: CED/UFBA.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. (1996). *A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas*. Campinas: Unicamp.
- FONSECA, Hely D. Cabral. (2004). Marcador negativo final no Português Brasileiro. *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas, 46(1): 5-19, jan/jun.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (1996). Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: Mario Eduardo Martelotta; Sebastião Josué Votre; Maria Maura Cezario.

(Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. , p. 167-189.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (2001). O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30.

GIVÓN, Talmy. (1984). Negation. In: _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. (2005). *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press.

JESPERSEN, Otto. (1962) [1917]. Negation in English and other languages. In: _____. *Selected writings of Otto Jespersen*. Londres: George Allen. Tóquio: Senjo. p. 3-151.

KAISER, Georg A. (2006). Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro. In: LOBO, Tânia *et al.* (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA. Vol. VI; Tomo I. p. 11-42

KATO, Mary. *Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (orgs.). p. 223-261.

KAYNE, Richard S. (1994). *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press. (Linguistic inquiry monograph 25).

KIM, Jong-Bok. (2000). *The grammar of negation: a constraint-based approach*. Stanford: CSLI.

KROCK, Anthony. (2001). Syntactic Change. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris. (eds). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Blackwell. Versão consultada: tradução por Silvia Regina Cavalcante (UNICAMP).

LABOV, William. (1983) [1972]. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra. Original de 1972.

LAKA, Itziar. (1990). *Negation in syntax: on the nature of functional categories and Projections*. MIT, Tese de Doutorado.

LARSON, Richard. (1988). On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19, 335-391.

LUCCHESI, Dante. (1998). *Sistema, Mudança e Linguagem*. 1. ed. Lisboa: Colibri.

LUCCHESI, Dante. (2003). O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7letras, p. 272-284.

LUCCHESI, Dante. (2004). Grandes Territórios Desconhecidos. *Lingüística* (Madrid), São Paulo, v. 14, p. 191-222.

MARTINS, Eneida Esteves. (1997). *Sentential negation in spoken Brazilian Portuguese*. Washington: Georgetown University.

MATA, Ariadne Costa da. (1999). A variável de negação na comunidade de João Pessoa. In: SOARES, Maria Elias; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. (orgs). *XVI Jornada de Estudos Lingüísticos*. Anais. UFC / GELNE. Vol. II, p. 344-7

MATOS, Gabriela. (2003). Aspectos sintácticos da negação. In: MIRA MATEUS, Maria Helena. *Gramática da língua portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Caminho. P. 767-793.

MENDES, Elisângela dos Passos. (2005). "*Beija eu... beija eu... beija eu... me beija...*": A flexão de caso dos pronomes pessoais no português rural afro-brasileiro. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/mendes.doc>

MENDES, Elisângela dos Passos. (2005). *A flexão de caso dos pronomes pessoais no português rural afro-brasileiro*. XXIV Seminário Estudantil de Pesquisa da Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/mendes.doc>

MIOTO, Carlos. (1991). *Negação sentencial no português brasileiro e a teoria da gramática*. Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcellos. (2005). *Novo Manual de Sintaxe*. 2 ed. Florianópolis: Insular.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). (2003). *Introdução a sociolingüística*. São Paulo: Contexto.

OLIVEIRA, Marilza. (1996). *Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: o seu papel na aquisição*. Campinas: UNICAMP. Tese de doutoramento.

POLLOCK, Jean-Yves. (1989). Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, 365-424.

PONTE, Vanessa. (2005). *A indeterminação do sujeito no português afro-brasileiro*. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/freitas.doc>

RADFORD, Andrew. (1997). *Syntactic theory and the structure of English: a minimalis approach*. Cambridge: Cambridge Unisersity.

RAMOS, Jânia. (1991). Mudança sintática e Teoria Gramatical. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas (20): 23-32, janeiro / junho, 1991.

RAMOS, Jânia. (2002). A alternância "não" e "num" no dialeto mineiro: um caso de mudança lingüística. In: RAMOS, Jânia; COHEN, Maria Antonieta A. M. (orgs.). *Dialeto mineiro e outra falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: UFMG.

RIZZI, Luigi. (1997). The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane. (ed.). *Elements of grammar: handbook in generative syntax*. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic.

ROBERTS, Ian; KATO, Mary. (orgs.). (1996) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas: Ed. Unicamp.

ROBERTS, Ian; ROUSSOU, Anna. (2003). *Syntactic change: a minimalist approach to grammaticalization*. Cambrigde: Cambrigde University.

RONCARATI, Cláudia. (1996). A negação no português falado. IN: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. (orgs). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 97-112.

RONCARATI, Cláudia. (1997). Ciclos aquisitivos da negação. In: RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília. (orgs). *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 65-102.

ROSSI, Nelson. (1963). *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de janeiro: Ministério de educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro.

ROWLETT, Paul. (1998). *Sentential negation in French*. New York / Oxford: Oxford University.

SCHWEGLER, Armin. (1983). Predicate negation and word-order change: a problem of multiple causation. *Lingua* 61:297-333.

SCHWEGLER, Armin. (1991). Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese - A linguistic change in progress." *Orbis* 34:187-214.

SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. (2004). *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado.

SOUSA, Arivaldo Sacramento. (2004). *As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira: Helvécia - BA*. [on line]. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/souza.doc>

SOUSA, Lara Vanessa Dantas de. (1999). Aspectos diacrônicos da negação em português. In: SOARES, Maria Elias; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. (orgs). *XVI Jornada de Estudos Lingüísticos*. Anais. UFC / GELNE. Vol. I. p. 301-2.

TARALLO, Fernando. (2003). *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática.

TIEPPO, Daniela Ávila. (2003). *A variação na concordância de número numa comunidade rural afro-brasileira: uma abordagem sintagmática*. XXII Seminário Estudantil de Pesquisa da Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/tieppo.doc>

TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R. (1996). *Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no Brasil*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary.

VITRAL, Lorenzo. (1999). A negação: teoria da checagem e mudança lingüística. *DELTA.*, São Paulo, v. 15, n. 1.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. (2006) [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola. (Linguagem)

ZANUTTINI, Raffaella. (1995). *Reflexes of clausal structures in the syntax of negation: a comparative study of romance languages*. Georgetown University.

Anexos